

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

**ALESCA PRADO DE OLIVEIRA**

**GÊNERO E RELIGIÃO:  
OLHARES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE FIÉIS E EX-FIÉIS DE  
IGREJAS EVANGÉLICAS DA CIDADE DE UBERLÂNDIA/MG**

**ITUIUTABA**

**2019**

**ALESCA PRADO DE OLIVEIRA**

**GÊNERO E RELIGIÃO:**

**OLHARES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE FIÉIS E EX-FIÉIS DE  
IGREJAS EVANGÉLICAS DA CIDADE DE UBERLÂNDIA/MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal – Área de Concentração: Produção do espaço e dinâmicas ambientais, do Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Geografia.

Linha de Pesquisa: Produção do Espaço Rural e Urbano

Orientador: Dr. Alessandro Gomes Enoque

**ITUIUTABA**

**2019**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

O48 2019	<p>Oliveira, Alesca Prado de, 1994- GÊNERO E RELIGIÃO: OLHARES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE FIÉIS E EX-FIÉIS DE IGREJAS EVANGÉLICAS DA CIDADE DE UBERLÂNDIA/MG [recurso eletrônico] / Alesca Prado de Oliveira. - 2019.</p> <p>Orientador: Alessandro Gomes Enoque. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Geografia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.2168">http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di. 2019.2168</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. Geografia. I. Gomes Enoque, Alessandro, 1975- (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Geografia. III. Título.</p>	CDU: 910.1
-------------	--	------------

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
 INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DO PONTAL



Ata da defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Uberlândia.

Defesa de: Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 33, PPGEP.

Data: 19 de Fevereiro de 2019, Hora início: 14:30 Hora encerramento: 15:46

Discente: Alesca Prado de Oliveira – Matrícula- 21712GEO001

Título do Trabalho: GÊNERO E RELIGIÃO: OLHARES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DE FIÉIS E EX-FIÉIS DE IGREJAS EVANGÉLICAS DA CIDADE DE UBERLÂNDIA/MG.

Área de concentração: Produção do espaço e dinâmicas ambientais

Linha de pesquisa: Produção do espaço rural e urbano

Projeto de Pesquisa de vinculação: Dinâmicas ambientais

Reuniu-se, no auditório III Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Geografia do Pontal, assim composta: Professora Doutora: Joelma Cristina dos Santos; Doutora; Professora Doutora Larissa Guimarães Martins Abrão e Professor Alessandro Gomes Enoque, orientador(a) do (a) candidato (a).

Iniciando os trabalhos, o (a) presidente da mesa, Dr. Alessandro Gomes Enoque, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato (a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o (a) senhor (a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos (às) examinadores (a)s, que passaram a arguir o (a) candidato (a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu os conceitos finais.

Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou o (a) candidato (a) A aprovado(a).

Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos às 15 horas e 46 minutos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.

\_\_\_\_\_  
 Profa. Dra. Joelma Cristina dos Santos

\_\_\_\_\_  
 Profa. Dra. Larissa Guimarães Martins Abrão

\_\_\_\_\_  
 Prof. Dr. Alessandro Gomes Enoque  
 Orientador (a)

*A todas as mulheres que me antecederam, a todas as mulheres da minha linhagem que não tiveram a liberdade de chegar aqui, entretanto, me proporcionaram a escolha.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Carlos e Alessandra, ao meu irmão Carlos Filho e a minha avó Marli, os grandes amores das minha vida, por acreditarem em mim e em minhas escolhas e fazerem dos meus os seus sonhos. Obrigada por me permitirem ser o que escolhi ser. Todo o meu amor e minha gratidão. Aos meus familiares agradeço pelo apoio, carinho e cuidado.

Aos amigos que essa experiência me permitiu reconhecer, os presentes que Ituiutaba me deu, obrigada pelo carinho e acolhida. Aos meus grandes companheiros, Arnaldo Ferreira e Húrbio Rodrigues que sempre presentes renovam a minha fé, na vida e nas pessoas. À Tamires, Juliana, Leandro, Iury, Lucas e Jéssica que fizeram dessa caminhada mais amena e preencheram os dias difíceis com amor e amizade.

Aos amigos que me apoiaram de longe e se fizeram suporte nos tropeços. À Clara, Carlos, Luara, Isley, Maria Clara e todos os outros que suportaram as angústias e dividiram os trabalhos nos momentos de aperto. Muito Obrigada.

Aos professores que contribuíram com meu crescimento acadêmico e pessoal, em especial ao meu orientador, Alessandro Gomes Enoque, por todo o tempo, paciência e dedicação, por ir sempre por partes, clareando muitas vezes o meu caminho. Muito, muito obrigada.

Agradeço ainda aos membros da banca, por disporem de parte do seu tempo para a leitura e contribuições, permitindo que este trabalho seja melhor desenvolvido e alcançando os objetivos da pesquisa.

E por fim agradeço a Deus, à Deusa, aos Deuses e todas as divindades que regem esse mundo e me guiam a todo tempo.

Gratidão.

*"Nosso trabalho deve preparar a próxima geração  
de mulheres para nos superar em todas às áreas,  
esse é o legado que vamos deixar."  
(Rupi Kaur)*

OLIVEIRA, Alesca Prado de. **Gênero e religião: olhares a partir da experiência religiosa de fiéis e ex fiéis de igrejas evangélicas da cidade de Uberlândia/MG**, 2019. 118 p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal) – Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2019.

## RESUMO

Esta dissertação tem, como objetivo principal, analisar as representações de gênero no contexto religioso no que diz respeito a percepção e vivência entre fiéis e dissidentes de organizações evangélicas da cidade de Uberlândia/MG. A partir de uma perspectiva fenomenológica compreensiva e interpretativa, foi analisada a forma com que se produzem as representações de gênero nos espaços sociais vivenciados pelas mulheres pesquisadas, a partir de suas construções no arranjo religioso. O percurso metodológico compreende metodologias como a revisão bibliográfica e as entrevistas semi-estruturadas, realizadas com quinze mulheres, residentes da cidade de Uberlândia-MG, que apresentaram, no decorrer de suas vivências, trajetória no meio evangélico. A seleção dos atores deu-se entre os meses de julho e agosto de 2018 e as entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro, finalizando-se as transcrições em novembro de 2018. Os resultados sintetizados expõem as semelhanças entre as inserções das mulheres nas organizações religiosas, ressaltando a influência fundamental exercida pelo arranjo familiar. Apontam ainda para as pequenas mudanças ocorridas no ensino das instituições evangélicas na tratativa do gênero, e neste sentido, as rupturas ocorridas a partir das discordâncias com as práticas estabelecidas.

**Palavras-chave:** Gênero. Religião. Representações. Feminismo.



## ABSTRACT

This essay has, as a main objective, to analyze the gender representations in the religious context, in relation to the perception and experience among the faithful and dissidents of evangelical organizations of the city of Uberlândia / MG. From an comprehensive and interpretative phenomenological perspective, it was considered the way that are produced the gender representations in the social spaces experienced by the surveyed women, from their constructions in the religious arrangement. The methodological approach includes methodologies such as bibliographical and semi-structured interviews, conducted with fifteen women residents of city of Uberlândia-MG who have presented in the course of their experiences, trajectory in the evangelical environment. The selection of actors took place between July and August 2018 and the interviews were conducted in the months of September and October, been the transcriptions concluded in November 2018. The synthesized results present the similarities between the women insertions into the religious organizations, highlighting the fundamental influence exercised by the family arrangement. They also point small changes that took place in the interest of evangelical institutions on the gender agreement, and in this regard, the ruptures that occurred from the unconformity with established practices.

**Keywords:** Gender. Religion. Representation. Feminism.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>I. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1: A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO E SUAS RELAÇÕES .....</b>	<b>15</b>
1.1. A construção do gênero .....	15
1.2. Religião: contemporaneidades e relações .....	18
1.3. Gênero e religião .....	20
1.4. O estado atual do campo científico sobre gênero e religião.....	21
<b>Capítulo 2: CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>39</b>
1.1. A categoria de análise .....	39
1.2. Etapas e procedimentos adotados.....	39
<b>Capítulo 3: ANÁLISES, SINTESES E DISCUSSÕES .....</b>	<b>43</b>
3.1. Trajetória Religiosa.....	43
3.2. Gênero e Família .....	55
3.3. Gênero e Igreja.....	65
3.4. Gênero e Sociedade.....	75
3.5. Gênero e Trabalho.....	84
3.6. Feminismo.....	88
<b>II. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>100</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>115</b>

## APRESENTAÇÃO

Sanitarista<sup>1</sup> de formação, sempre me apetecei com a análise das representações de gênero, o lugar ocupado pelas mulheres dentro de micro-territórios, organizações sociais e culturais. Filha de evangélicos pentecostais tive a oportunidade de conviver com as receitas advindas da religião na qual a diferença postural entre homens e mulheres fora sempre explícita, disparidade que só foi problematizada e entendida mais tarde, quando pude ter contato maior com o feminismo<sup>2</sup>.

A universidade teve papel fundamental no entendimento da construção do meu papel como mulher na sociedade e espelho de outras próximas a mim. As práticas da construção dos papéis na sociedade divergem, entretanto, convergem nos resultados, criando a insegurança de se fugir aos moldes estabelecidos. O conceito de empoderamento veio ao meu contato primeiro na percepção do indivíduo e de suas práticas comunitárias no processo de promoção da saúde, no contexto da graduação.

Tempos depois pude compreender e visualizar o tão debatido empoderamento feminino através do contato e da minha inserção na Marcha Mundial das Mulheres, movimento que busca a organização de mulheres a partir das bases e movimentos sociais. Surgido no ano 2000, trouxe como premissa uma campanha contra pobreza e violência de gênero, evoluindo o debate para os tempos atuais como o protagonismo das mulheres na solução de conflitos armados, reconstrução das relações sociais nas comunidades e autonomia econômica. O empoderamento é debatido exaustivamente por pensadores de diversas áreas, tendo em consenso que só será plenamente alcançado quando os três níveis do poder, sendo econômico, político e social forem remodelados.

A partir da primeira avaliação do presente projeto, na banca da disciplina de seminários, pudemos começar então a analisar a viabilidade e baseados nas observações feitas pelos professores obter um ponto de partida que tornasse o caminho para a realização deste possível.

Inicialmente, buscava-se com esta pesquisa, compreender quais, então, as semelhanças e diferenças nas representações de gênero, em diferentes igrejas evangélicas em Uberlândia-MG. Após o amadurecimento do projeto e da pesquisadora, das bancas da disciplina de seminários e posteriormente no momento da qualificação, por meio de sugestões da banca,

---

<sup>1</sup> Graduada em Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>2</sup> Movimento político, filosófico e social que busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

voltamos o objetivo da pesquisa para a análise da maneira como se dão as representações de gênero e como são constituídas as relações a partir deste fator.

Comprendemos então que compor a pesquisa com sujeitos que, em suas trajetórias, tiveram inserção em instituições religiosas evangélicas seria a melhor forma de compreender o objeto. Buscou-se entender como são constituídas as relações e como o gênero se insere nessa dinâmica, tendo em vista a atribuição de poderes e responsabilidades que perquirem este processo.

## I. INTRODUÇÃO

Diversos estudos contemporâneos propõem-se a compreender as relações estabelecidas pelo gênero em diferentes arranjos sociais. O avanço destas discussões, que pautam os lugares ocupados por mulheres em diferentes contextos temporais, mostram as mudanças ocorridas e a forma como o gênero permanece estabelecendo relações nas dinâmicas da atualidade (SOUZA, 2015; SOUSA; GUEDES, 2016; TEIXEIRA, 2008).

Neste sentido, é possível perceber a ausência de estudos que relacionem as especificidades das relações de gênero no contexto religioso, considerando as diversas possibilidades de denominações (ALGRANTI, 2007; BANDINI, 2005; BUSIN, 2011). Nossa investigação justifica-se por, como em todas as ciências humanas e sociais, tratar do gênero como categoria analítica social, cultural, política e econômica. Compreendemos o gênero como conceito capaz de evidenciar relações de poder e ordens de discurso materializados no espaço (BIRMAN, 1996; LIMA, 2011; MACHADO, 1999; SOUZA, 2007).

Para a compreensão do fenômeno religioso, neste ensejo, faz-se necessário uma visão ampliada e multidimensional, visto que as influências externas contribuem para a construção das dinâmicas internas. O debate das religiões não se faz limitado, uma vez que é necessário discutir as relações que constroem a religião, relações de poder, estruturas sociais, estruturas econômicas, divisão de gênero e jogos de interesse. Analisar as representações de gênero nas organizações religiosas gera, assim, a necessidade de pensar sobre o papel da religião na estruturação social dos sexos (SOUZA, 2004).

Para além da lacuna entre os estudos que relacionem gênero e religião, existe a carência de estudos que compreendam as perspectivas de rupturas e manutenção das relações constituídas no arranjo religioso, onde o gênero é força motora para tais episódios. Justificaremos a nossa pesquisa a partir dos pressupostos da dinâmica do campo religioso brasileiro - que convive com o crescimento vertiginoso dos evangélicos e do gênero como uma construção social, cultural ética e estética. É importante pensar sobre como os fiéis inserem-se nesse organismo. No caso desta pesquisa, somaremos a perspectiva de análise do contexto religioso a percepção de ex fiéis, buscando a compreensão da forma com que o gênero se estabelece nas relações e nas rupturas e os reflexos sociais desta dinâmica.

O objetivo geral traçado foi o de buscar quais as similitudes e diferenças nas representações de gênero de fiéis e ex fiéis de igrejas evangélicas no tocante aos diversos espaços sociais. Nesta compreensão buscamos elucidar como são estruturadas as relações

familiares, sociais, de trabalho e no contexto religioso das mulheres que constituíram o universo pesquisado.

Esta dissertação está estruturada, além desta introdução, da seguinte forma: a construção do gênero e suas relações; caminhos metodológicos; análises, sínteses e discussões; considerações finais; referências e apêndices.

# 1 A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO E SUAS RELAÇÕES

## 1.1 A construção do gênero

Nos estudos contemporâneos (BANDINI, 2015; FREIRE, 2015), é clara a preocupação em se desvelar e contextualizar os papéis exercidos pelas mulheres. Seja na política, na vida pública ou no âmbito doméstico, pesquisadores e pesquisadoras debruçam-se nas análises das atribuições e do *ethos* feminino (ALGRANTI, 2007; MACHADO, 1999; VELOZO, 2010), a fim de constatar e revelar as continuidades e as rupturas com os moldes impostos socioculturalmente. O avanço dos estudos feministas e suas epistemologias têm criado condições para que estas investigações desenvolvam-se de maneira a explicitar no campo científico as relações de gênero e as especificidades produzidas a partir delas.

A ciência acerca das relações de gênero está ligada a trajetória do movimento feminista, que pauta as condições da mulher em sociedade desde o movimento pelo sufrágio, que pleiteou o direito das mulheres de votar. A terminologia de gênero foi difundida amplamente nos estudos a partir de 1975, quando foi lançado o clássico *The traffic in women: notes on the political economy of sex*, de Gayle Rubin, que abordou o sistema sexo/gênero, em sua discussão; a obra que da partida a discussão de gênero foi escrita com um pensamento progressista e feminista, as contribuições de Rubin são expressivas na construção do conceito de gênero e na distinção entre gênero e sexo. A autora apresentou aspectos que conceberam os efeitos que geravam as estruturas de gênero na construção de identidades e relações.

Rubin se refere ao marxismo como um movimento extremamente importante para a pauta feminista, entretanto, entende que este em si não era capaz de compreender as diferenças de gênero e a opressão a que as mulheres estavam expostas; ainda no diálogo com a teoria marxista, Rubin busca compreender como as relações se deram para que a mulher se tornasse um ser domesticado, tratando de um sistema social que as transforma em produto.

As pesquisas acerca da temática de gênero consideravam as culturas para se compreender as relações, Scott (1990) apontou que os estudos acerca de gênero como categoria tomaram maior proporção no século XX, o que para a autora foi mérito da preocupação de algumas pesquisadoras feministas, nesse sentido, Scott apresenta sua contribuição para o uso do gênero como uma categoria de análise a partir de sua concepção que se pode compreender as relações de gênero na construção da sociedade, em sua análise a autora insere a compreensão política e de poder na discussão acerca de mulheres e gênero.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino - feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa fora de toda construção binária e o processo social tornam-se ambos partes do sentido do poder de ele mesmo; por em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema inteiro. (SCOTT, 1990, p. 18).

Gênero, para a Scott (1990) era utilizado para denominar as relações ente os sexos, surgindo como um tema novo, que substituía a categoria de mulheres. É então apresentada uma definição de gênero dividida em duas partes, onde uma considera como elemento que constrói as relações sociais nas diferenças pelo sexo e outra que concebe gênero como forma de significação das relações de poder, nas palavras da autora:

O gênero é então um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando as(os) historiadoras(es) buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, elas (eles) começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as maneiras particulares e situadas dentro de contextos específicos, pelas quais a política constrói o gênero, e o gênero constrói a política (SCOTT, 1990, p. 17).

A autora também traz em sua obra as inconsistências das teorias que discutiam o gênero, que se referiam a teorização a cerca da dominação masculina e, deixara os efeitos desta na construção da identidade de lado. Nessa linha, a compreensão da autora sobre gênero vai além do seu conceito em si, mas o que ele produz na sua representação e na construção identitária do que é masculino e feminino.

Como sugere Scott (1990), ao apontar o estado da arte nas pesquisas de gênero, estas investigações devem ultrapassar o domínio público e garantir que sejam feitas análises das representações do feminino em todas as esferas sociais. A autora considera gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, ressaltando ainda sua importância na significação das relações de poder. Assim como Scott (1990), Bandini (2005) compreende que as mudanças ocorridas socialmente derivam-se primeiramente das alterações nas estruturas de poder, assim sendo, as representações e significações do espaço conquistado por homens e mulheres reflete a dinâmica das representações de poder.

Butler (2003) considerou problemas na busca de definição de gênero para substituir a categoria de mulheres, para a autora tal conceito faz perpetuar o binarismo que limita a concepção de feminino/masculino. A autora faz questionamentos a cerca do que da legitimidade a existência desses sujeitos, fazendo críticas as estruturas imóveis que são colocadas. Butler faz uma reflexão sobre o feminismo e o compreende como um movimento em transformação, assim os questionamentos são o que impulsionam a sua renovação.



Ainda no pensamento de Butler a categoria mulher pode ser usada no cenário político, entretanto há de se entender que é polissêmica, seu objetivo é desmistificar os rótulos que fixam essas identidades. A autora propõe uma reflexão sobre o que forma a mulher, o processo em si. Essa posição abre caminho para a ressignificação da constituição dos sujeitos, ressignificando ainda o que chama de categoria gênero.

Apreender as estruturas de gênero vai além do debate do seu conceito, as relações estabelecidas e naturalizadas, oriundas da carga imposta a ele, perpetuam-se nas significações e normas sociais, criando espaços e dinâmicas que corroboram com a manutenção de sua identidade fixa. A partir desta problemática, surge a compreensão de que gênero se configura como um conceito relacional, que pertence as relações sociais e tem sua significação nas relações de poder (COSTA; MADEIRA; SILVEIRA, 2012).

[...] Revelar as diferenças sexuais e os papéis sociais a partir das significações histórica e socialmente construídas e designadas, de modo relacional, por mulheres e homens. O que aproximou da perspectiva da história cultural, que procura identificar de que modo, em diferentes lugares e momentos, a realidade social é construída, pensada e lida. Assim os papéis normativos, os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas repletos de significados e de relações de poder (POSSAS, 2004, p. 266).

As pesquisas de gênero foram então fundadas em estudos sobre a mulher, no fim da ditadura militar algumas mulheres exiladas voltaram ao país e somaram suas experiências feministas adquiridas em outros países na produção teórica brasileira, e então o debate sobre gênero começou a tomar forma, onde se apropriou da discussão, seguindo uma tendência internacional (MORAES, 2000).

Nesse sentido nota-se que para a compreensão das relações de poder constituídas é necessário que se entenda como estas se dão socialmente entre os gêneros, concebendo que estão intimamente relacionadas, não reduzindo apenas a si, mas influenciando de forma clara o que é posto. Queiroz (2008) apresentou que as pautas feministas a cerca da subordinação feminina foram além do poder distribuído de forma desigual, trazendo a tona os comportamentos e ações que se dão nas relações sociais e afetivas. As relações de gênero devem ser entendidas como relações de poder, tendo que, o gênero na condição do ser não apresenta trajetórias iguais em todos os campos, divergem de acordo com a comunidade em que estão alocados (LIMA; MÉLLO, 2012).

Para que se faça uma compreensão aprofundada sobre as relações de gênero é necessário que se compreenda as relações de poder, analisando estas em todas as suas vias, a

análise do gênero então nas diversas relações é essencial para uma visão ampla e que se desfaça da dicotomia estabelecida (COSTA; MADEIRA; SILVEIRA, 2012).

Na seção a seguir, serão apresentados os pressupostos que discutem a religião em suas diversas facetas e possibilidades na construção das relações sociais.

## 1.2 Religião: contemporaneidades e relações

Etimologicamente religião origina-se do latim *religio* que significa louvor aos deuses ou de *religari*, que quer dizer religação, todavia, tais definições não conseguem acompanhar a complexidade das religiões contemporâneas, sendo necessário compreender as religiões na atualidade, como indicam Weber (1997), Pierucci (2006) e Prandi (2008).

De acordo com Weber (1997) as religiões, apesar da clássica visão de que elas religariam o indivíduo com o divino, atuam em outro sentido, o de desfazer laços de família, que são laços de sangue – a partir de um modo individualizante de interpelação do indivíduo, que responderia ao chamado da conversão. Nas palavras do autor:

Sempre que as profecias de salvação criaram comunidades religiosas, a primeira força com a qual entraram em conflito foi o clã natural, que temeu a sua desvalorização pela profecia. Os que não podem ser hostis aos membros da casa, ao pai e à mãe, não podem ser discípulos de Jesus. “Não vim trazer a paz, mas a espada” (Mt 10, 34), foi dito quanto a isto, e, devemos observar, exclusivamente em relação a isto. A maioria preponderante de todas as religiões regulamentou, é claro, os laços de piedade do mundo interior. Não obstante, quanto mais amplas e interiorizadas foram as metas da salvação, tanto mais ela aceitou sem críticas a suposição de que o fiel deve, em última análise, aproximar-se mais do salvador, do profeta, do sacerdote, do padre confessor, do irmão em fé, do que dos parentes naturais e da comunidade matrimonial (WEBER, 1997, p. 162).

Concordando com Weber (1997), Pierucci (2006) explica que na atualidade as religiões dissolvem pertenças e linhagens antes constituídas. Tal constatação levanta dois aspectos das religiões contemporâneas: a questão da construção da identidade religiosa do indivíduo e a sua fidelidade com a religião escolhida para conversão. Para ele:

Eis uma forma de religião especialmente disruptiva, efetivamente destrutiva. Disruptiva e predatória, extrativista. E de fato. Uma religião de salvação individual só se apruma num primeiro momento por via extrativa: extrai sistematicamente os membros das outras coletividades, das quais, antes de ouvir a “boa nova” que interpela à apostasia, eles se pensavam estrutural e inercialmente como parte e parcela. Mas não, religião de conversão não tem a menor consideração. Destaca partes e desata nós, despedaça relações sociais herdadas e desmembra coletividades já constituídas.

Congregacionista, “com-grega” indivíduos que ela própria “desa-grega” de outras greis, por secessão ou abdução, indivíduos que ela recruta desenraizando, desterritorializando-os de seus assentamentos convencionais, desviando-os de suas rotas convencionais, desqualificando sistematicamente outros sistemas religiosos de crença e de vida prática, criando ou condenando sem pedir licença de outras condutas de vida e pautas de comportamento, religiosas ou não, coletivas ou não, significativas ou não. (PIERUCCI, 2006, p. 122).

Nesse sentido, Sanchis (2001) afirma que as religiões na contemporaneidade apontam para três caminhos distintos: o da diferenciação, o da mundanização e o da racionalização. Tais caminhos indicam maior autonomia de instâncias antes submetidas a religião, de uma secularização interna das religiões, que iniciam um processo de diálogo com outras esferas da sociedade e um movimento moderno de supressão da magia e do mistério religiosos do plano social.

Parece-me que podemos partir de alguns consensos mínimos: O primeiro. “Algo” está acontecendo no domínio de um “aquilo” que chamamos de “religião”. E esse movimento (i.e. processo) pode, falando de modo muito amplo, resumir-se em três eixos, mais exatamente três “direções”:

- diferenciação (distinção, autonomização das instâncias ontem subsumidas à religião, especificação dos domínios, especialização das competências, independência dos princípios que fundamentam a legitimidade das variadas intervenções nos diferentes níveis da sociedade). O que significa um “cinturão de segurança” em torno das pretensões tradicionais de monopólio ou hegemonia das Igrejas (no Ocidente, o Cristianismo). E a criação correlativa de uma “reserva” (como se fala de “reserva” indígena) impartida à interferência da dimensão religiosa: o domínio privado.

- racionalização, desencantamento: supressão da magia na vida e do mistério na religião. O universo reduzido ao que ele “É”. Tanto o universo cósmico quanto o universo social. No próprio domínio privado, a razão pede para dar as cartas do gerenciamento da ação, psíquica e social: emoções, volições, comportamento.

- mundanização: talvez o que Isambert chama a secularização interna das religiões. Uma menor “rejeição do mundo” como diria Weber. Para continuar aceita, a religião parece ter de entrar em negociação mais benevolente com antigos rivais: economia, política, estética, erótica, apreensão intelectual do mundo (SANCHIS, 2001, p. 28-29).

Prandi (2008) explica, ademais que o advento da globalização fez com que as diferenças entre as religiões se dessem no debate individual, e, não mais, a nível de nações, já que como enfatiza o autor as religiões na atualidade, aproximam os iguais, distanciam os diferentes e imprimi identidades. Nesse novo contexto, contemporâneo, a religião, portanto, passa a atuar como força motora da ruptura. Em uma cultura que dá espaço à individualidade, a religião, legitima escolhas pessoais, controla identidades e se mantém estável por todo o mundo, sem apegos a lugares comuns ou pontos específicos.

Mariano (1999) apresenta as mudanças pelas quais a igreja passou no decorrer dos avanços sociais, mudanças essas que foram se desencadeando de acordo com as novas dinâmicas da sociedade.

Os evangélicos cresceram significativamente nas últimas décadas em Uberlândia – MG, a ascensão dessas instituições tem refletido o seu crescimento no Brasil e pode ser observada pela quantidade de templos. De acordo com os dados censitários de 1991 a 2000 na cidade, a população de evangélicos aumentou em cerca de 146%, seguindo o aumento nacional, que na mesma época foi de aproximadamente 99% de adeptos. A população evangélica na cidade tem quantidade significativa, sendo no ano de 2000 quase 20% da população.

Na próxima seção, adentraremos na discussão sobre as relações de gênero estabelecidas nas instituições religiosas.

### **1.3 Gênero e religião**

Birman (1996) apresenta que o papel da mulher nas instituições religiosas é constituído através da divisão do trabalho, sendo pertencente ao âmbito do trabalho doméstico, estruturando uma harmonia entre o papel da mulher na esfera privada e na religião, entretanto, para o entendimento do lugar social em que as mulheres estão alocadas é necessário a análise da construção do feminino as concepções religiosas nas quais se encontram, "Nos sistemas religiosos, dificilmente é possível considerar que o lugar do feminino seja exatamente o mesmo." (BIRMAN, 1996, p. 210).

Tendo como referência os avanços nos direitos sociais, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e as demandas das lutas femininas, Aragão Filho (2011) verificou que as representações de gênero nas organizações religiosas têm se dado de forma diferente para homens e mulheres, para as mulheres, a dominação masculina nos espaços, sejam eles religiosos ou não, tem sido pauta de discussão. Outra provocativa trazida pelo autor é a de que nas novas estratégias para conquistar novos fieis, as mulheres atuem como agregadoras de novos cristãos, além do fato de que igrejas que incluem as mulheres em seus processos ganham simpatia do público feminino.

Um outro estudo sobre as relações de gênero nas igrejas analisou o campo familiar; as muitas interpretações que podem ser geradas através das leituras bíblicas ressignificam as estruturas construídas nos espaços religiosos, sendo uma das discussões limitadas a que determina os valores da família tradicional, ou seja, outros aspectos podem mutar-se a modo

de se flexibilizarem, entretanto, a família tradicional deve permanecer inalterada, com o homem como linha de frente e a perpetuação da mulher em seu posto de inferioridade e submissão. Para a autora, em suas palavras:

Em síntese, se a mulher não ocupa os centros de poder e a família tradicional não é questionada, afigura-se, portanto, um lugar extremamente desprivilegiado para a mulher, visto que continua alijada no quadro operacional da igreja e responsável pela administração da casa e cuidado com os filhos e marido (FRANCISCO, 2002, p. 230).

A conversão se dá em diferentes processos para homens e mulheres, as demandas levadas aos espaços religiosos pelos homens são comumente dificuldades financeiras, problemas de saúde e desemprego, enquanto que as motivações para as mulheres giram em torno de conflitos domésticos. Esse diferencial exemplifica que o papel da mulher ainda é o de guardiã e protetora da família, enquanto o homem reafirma sua identidade individual (MACHADO, 2005).

As mudanças nos últimos quarenta anos possibilitaram que as mulheres ocupassem os espaços de poder, que antes eram restritamente dos homens, Aubrée (2014) explicita essas mudanças ao apresentar sua análise sobre quatro representantes femininas em uma trajetória entre combate e libertação, em que seu protagonismo nos espaços além religiosos refletiram nas interações dentro das igrejas.

A busca pela representação igualitária aparece de forma acanhada, contrariando as pregações que reafirmam um modelo patriarcal, vem ganhando espaço à passos curtos.

O tópico a seguir abordará o estado do campo científico disponível que inter relacione trabalhos sobre gênero e religião.

#### **1.4 O estado atual do campo científico sobre gênero e religião**

A compreensão da especificidade do cenário religioso e sua relação com as questões de gênero pode ser feita por diferentes perspectivas. Diante disso, diversos estudos foram elaborados para identificar o perfil deste campo de estudo. O que se vê expressivamente é a tratativa das questões das representações de gênero nos meios de comunicação utilizados pelas instituições (COSTA, 2014; FONSECA, 2013; LOPES, 2013; MACHADO, 1999; TEIXEIRA, 2014), o desenvolvimento e a trajetória feminina nas religiões (BANDINI, 2005; MACHADO ; FIGUEIREDO, 2002; MAFRA, 2012; SOUZA, 2006), de maneira mais gradual surgem os estudos que tratam especificamente da ideia de gênero (BUTTELLI, 2008; MARCOS, 2007; RIBEIRO, 2003), são encontrados também pesquisas que relacionam as

questões religiosas, de gênero e sexualidades (BUSIN, 2011; CORDOVIL, 2013; FONSECA, 2013), epistemologias feministas e novas interpretações do fenômeno religioso (CANDIOTTO, 2010; FREIRE, 2015; GOUVÊA NETO, 2016; LÓPEZ, 2013), estudos que abordam a questão do gênero relacionada a classe e raça (ALENCAR E FAJARDO, 2016; SOUZA, 2015). O que se constata é que o campo de estudo que inter-relaciona as questões do gênero e religião está avançando gradativamente e abrangendo em si interessantes perspectivas e direções.

Neste sentido, o desenvolvimento do campo de estudo acerca da temática tem resultado em diferentes pesquisas que trabalham metodologias específicas e alternativas no tratamento dos interesses das investigações. A revisão bibliográfica, neste sentido, por permitir a inserção do pesquisador no que já fora desenvolvido sobre o assunto, é amplamente utilizada por diversos autores (ALENCAR; FAJARDO, 2016; BANDINI, 2005, 2015; BUTTELLI, 2008; CANDIOTTO, 2010; FREIRE, 2015; GONZÁLEZ GARCIA, 2014; GOUVÊA NETO, 2016; LOPES, 2013; LÓPEZ, 2013; MARCOS, 2007; MUSSKOPF, 2013; NATIVIDADE, 2017; REIMER; SOUZA, 2012; ROESE, 2015; SOUZA, 2006; SOUZA, 2015; VELOZO, 2010; WEISS DE JESUS, 2010), fornecendo subsídio para que muitos outros possam dimensionar o estado atual das pesquisas científicas com este tema.

As investigações que tiveram como escopo principal a religião pentecostal ultrapassaram as abordagens do catolicismo (ALENCAR; FAJARDO, 2016; ALGRANTI, 2007; BANDINI, 2015; GOUVÊA NETO, 2016; MACHADO, 1999; MACHADO; FIGUEIREDO, 2002; SOUZA, 2015). Ainda dentro da perspectiva pentecostal, encontramos artigos que tratam de variações pentecostais, como as Igrejas Inclusivas (NATIVIDADE, 2017; WEISS, 2010) e as neopentecostais (BANDINI, 2015; COSTA, 2014; TEIXEIRA, 2014), além de trabalhos que examinaram as teologias e a religião de formas inespecíficas também apresentam quantitativamente maior volume (BUTTELLI, 2008; CANDIOTTO, 2010; FONSECA, 2013; FREIRE, 2015; LOPES, 2013; LÓPEZ, 2013; MARCOS, 2007; MUSSKOPF, 2013; REIMER ; SOUZA, 2012; SOUZA, 2006; SOUZA, 2015; VELOZO, 2010).

Através de uma leitura cronológica pudemos apreender as trilhas seguidas pelos autores e pelos periódicos no cerne das pesquisas, as quais sistematizaremos brevemente a seguir.

Machado (1999) e Machado e Figueiredo (2002) aparecem nos primeiros artigos publicados sobre a temática de gênero e identidade feminina em relação a religião, nos periódicos selecionados. As autoras, oriundas da Universidade Federal do Rio de Janeiro,

usaram do pioneirismo nas pesquisas com essa temática para percorrer os caminhos das instituições pentecostais, de maneira a esclarecerem a imagem feminina nas mídias pentecostais e em segunda obra, a inserção das mulheres religiosas no campo político do Rio de Janeiro. As autoras utilizaram, em ambos artigos, a pesquisa documental e na pesquisa que se intitulou de "SOS MULHER - A Identidade Feminina na Mídia Pentecostal" publicada no ano de 1999, evidenciou-se as diferenças na tratativa de assuntos tidos como femininos assim como a posição ocupada por mulheres nestes veículos de comunicação. Outro fator analisado foi o da representação feminina entre duas instituições pentecostais, sendo uma de origem clássica e a outra neopentecostal.

A pesquisa da autora desenvolveu-se entre 1997 e 1998, período que estudos que debatiam esta temática começaram a surgir. Machado (1999) apontou que o debate trazido pela Assembleia de Deus, instituição pentecostal clássica, nos meios de comunicação, eram de menor abrangência e sua abordagem recorria em temas mais específicos e de caráter conservador, enquanto que a outra instituição pesquisada, a Igreja Universal do Reino de Deus, classificada como neopentecostal, despendia mais tempo nas comunicações e abordava temas polêmicos no meio religioso. Essas diferenças entre as duas correntes podem ilustrar as estratégias adotadas por estas denominações para o alcance de públicos específicos.

Foi ressaltado, ainda, por Machado (1999) que a participação de mulheres, nesses canais de comunicação, eram resultado de um debate preestabelecido, de autoria masculina e que se fundamentava na manutenção da família e do lar. A figura feminina era utilizada como uma maneira de manter o diálogo entre os programas e as telespectadoras, enfatizando sempre o papel da mulher relacionado ao acolhimento e aconselhamento. Os temas tidos como femininos, que eram encabeçados por mulheres que faziam parte da redação e do planejamento desses programas, relacionavam-se a problemas domésticos e as relações religiosas, colocando de maneira superficial a possível inserção destas no mercado de trabalho.

Na pesquisa, denominada: "As Evangélicas nas Disputas Eleitorais da Cidade do Rio de Janeiro, publicada pelo mesmo periódico no ano de 2002, Machado e Figueiredo apresentam a disputa das mulheres evangélicas nas eleições da cidade. As autoras descrevem a maneira ambígua de como se desenrolam as relações de gênero, compreendendo que ora afastam as mulheres de cargos de liderança nas instituições religiosas e ora as estimulam a reforçarem sua individuação. Partindo de uma análise quantitativa, sobre as candidaturas femininas, pode-se compreender um esforço das lideranças religiosas para se adequarem as

mudanças culturais, que se enquadraram quase que totalmente ao mínimo exigido pela legislação, que é 30% mínimo e 70% máximo para cada sexo.

Outro dado importante destacado por Machado e Figueiredo (2002) é que não existiram diferenças significativas entre as propostas das candidaturas evangélicas femininas e masculinas, destacam ainda que foram ínfimas as propostas direcionadas diretamente ao setor feminino. As autoras concluíram que, embora os interesses das mulheres dentro das comunidades religiosas sejam sub representados, é imprescindível salientar que em relação a participação política estas mulheres não são mais oprimidas que no conjunto geral da população.

Diferente da perspectiva de Machado (1999) Machado e Figueiredo (2002), Ribeiro (2003) trabalhou as questões de gênero nas comunidades eclesiais de base (CEBs), que são comunidades cristãs onde grupos de pessoas, ligadas a igreja católica, reúnem-se a partir de suas localidades, para desenvolver atividades como leitura bíblica e caridade aos pobres. Ribeiro (2003) já destacara em seu estudo que a necessidade de relações de gênero baseadas na igualdade tem sido uma exigência da sociedade que reflete também na realidade das igrejas. Exigência que se torna um desafio quando se leva em consideração a estrutura patriarcalista da igreja católica.

A forma como a igreja alocou as mulheres nas suas atividades reafirma seu papel doméstico, entretanto, segundo Ribeiro (2003) abriu caminhos para a articulação de movimentos que pautem o cotidiano destas mulheres, permitindo que nessa condição, elas passem a questionar suas posições. A autora trabalha com a historicidade dos Encontros Intereclesiais que, juntamente, a uma demanda social, trouxeram em suas pautas as transformações das temáticas de mulheres, cedendo espaços para que suas demandas sejam ouvidas e discutidas. A pesquisadora utilizou, então, as comunidades eclesiais como exemplo de ruptura a cultura androcêntrica, entendendo que dentro destas comunidades a opressão de gênero não é estimulada e a participação feminina contrapõe os preceitos de passividade e submissão para o questionamento e rupturas.

Considerando as datas de publicação dos textos citados, é interessante destacar, neste ponto, o pioneirismo da revista de Ciências Sociais e Religião, criada em 1999 e periódico do qual estes artigos foram retirados, trazendo ao público científico a discussão da temática de gênero interseccionada a religião.

Seguindo a cronologia dos estudos com esta abordagem, encontramos o texto de Bandini (2005), oriundo da Revista de Estudos da Religião (REVER) que teve seu início no ano de 2001, a autora, no artigo em questão, analisou o espaço religioso como formador social



que molda os cotidianos de seus fiéis inclusive pela regulação das necessidades dos corpos. Em sua pesquisa, Bandini (2005) apontou a violência masculina estabelecida desde o Brasil colônia, onde a Igreja, o Estado e o patriarcado estabeleciam padrões de virtuosidade a serem seguidos. A Igreja e o Estado utilizavam-se de mecanismos legais de coação e sanção para que seus princípios fossem estabelecidos de forma eficaz, nesta dinâmica a sociedade produzia os estigmas. O matrimônio, neste ensejo, era um mecanismo fundamental de controle e padronização dos comportamentos das famílias e das mulheres, estabelecendo os limites da sexualidade e assegurando a família, indiferenciadamente da camada social em que as mulheres se encontravam.

Outro ponto destacado pela autora consiste na diferenciação entre as próprias mulheres, imposta pela igreja. Aquelas que eram casadas e possuíam filhos eram superiores as solteiras, uma vez que eram gestoras dos lares, desta maneira a igreja estabelecia relações de poder entre as próprias mulheres. A autora conclui seu estudo ressaltando a importância determinante do gênero na construção de classes de acordo com as formas de controle das relações no Brasil colônia.

Ao abordar o trânsito religioso, Souza (2006), traz, em seu artigo publicado pela revista Horizonte, criada no ano de 1997, que através da secularização a religião perdeu seu lugar de matriz e passou a dividir sua significação com outras instâncias, como a mídia e a ciência. Outro ponto ressaltado pela autora é o do crescente aumento das alternativas religiosas que tem fragmentado os monopólios religiosos e ampliado o campo para a criação de novas tradições.

Ponto de destaque colocado pela autora é que, embora a base religiosa seja, em sua maioria, compreendida por mulheres, a falta de participação destas nos cargos de prestígio as façam transitar mais pelo cenário religioso, por não terem um "compromisso" com as instituições, tal fato pode não ser a força motivadora, entretanto, pode funcionar como viabilizador, uma vez que estas não se consideram representantes das denominações. As mulheres, de acordo com a pesquisa realizada por Souza (2006), buscam na religião a solução para problemas domésticos, filhos e maridos são majoritariamente as justificativas apresentadas por elas; outra justificativa destaque é a da solidão, entendendo que pelo contexto patriarcal o espaço feminino ainda é o privado.

O trânsito religioso não é visto como algo incoerente, retoma a autora. "Se existe uma demanda por cura e esta não é atendida, a busca por outros grupos religiosos é entendida como legítima." (SOUZA, 2006, p. 27). As andanças religiosas produzem uma noção

diferenciada de um Deus que se redesenha e se molda pelas constantes experiências religiosas.

No contexto dos estudos que abordaram gênero e religião, encontramos o artigo de Marcos (2007), publicado pelo periódico Estudos de Religião, que tem sua primeira edição online no ano de 2007. A autora mexicana traz o primeiro texto em língua estrangeira que aborda a temática dentre os periódicos selecionados. Marcos (2007), neste sentido, apontou caminhos para os estudos que façam uma interseção entre religião e gênero, através da hermenêutica a autora elenca as possibilidades de compreensão das religiões através dos gêneros e o entendimento dos gêneros pelas religiões.

Para a autora, os textos sagrados, assim como a bíblia, têm sido escopo de reinterpretações e reconstruções a partir da hermenêutica feminista, permitindo que teólogas encontrem tradições diferentes e livres de opressões e sexismos. Marcos (2007) salienta, então, as novas interpretações que constroem caminhos que tiram as mulheres do limbo colocado pela cultura androcêntrica e através das escritas criam um entendimento de uma igualdade religiosa.

Neste sentido, encontramos datado do mesmo ano de publicação, outro artigo de autoria internacional. Algranti (2007), em seu estudo abordou as posições das mulheres na narrativa pentecostal, ressaltando o crescimento vertiginoso deste ramo em todo o mundo elencou a adaptabilidade do discurso às necessidades dos sujeitos. O artigo foi publicado pelo periódico Ciências Sociais e Religião e dentre as pesquisas selecionadas foi o primeiro de autoria masculina a tratar a temática de gênero. Na análise dos discursos pentecostais, o autor argentino destaca o uso de exemplos bíblicos que coloquem a mulher como secundárias nas relações, cabendo a ela a submissão e a função de colaborar com o marido.

Do ano seguinte o artigo "Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos", publicado pela revista Horizonte, também de autoria masculina, pontua sobre a sociedade patriarcal e as formas de violência as quais as mulheres estão submetidas. Buttelli (2008) discorre, neste sentido, sobre a violência simbólica no espaço dos ritos. A violência decorreria da posição destes elementos e deriva da estrutura de superioridade masculina. O autor estabelece a tese que dentre os poderes simbólicos que desempenham papel estruturante estão o conhecimento científico, os discursos oficiais de um Estado, mitos, lendas e etc.

O artigo de Buttelli (2008) buscou desvelar as funções dos ritos na estruturação social, sua função na atribuição de papéis é, aliado a outras instituições como escola e família, determinante na construção do homem e da mulher. O autor ressaltou aqui que os ritos são

instrumentos que contribuem na perpetuação de uma ordem simbólica que se configura acima deles, um posicionamento androcêntrico que apresente caráter negativo tanto para as mulheres quanto para os homens que não correspondem ao padrão estabelecido pela cultura patriarcal.

No ano de 2010, o periódico Estudos de Religião voltou a publicar textos que abordam a temática de gênero e religião. Candiotta (2010) buscou tratar da teologia da criação a partir das relações de gênero. No artigo, a autora aborda as teologias feministas e sua contribuição nos discursos que abordam as relações de gênero, ressaltando que nestas teorias se desconstrói a naturalidade feminina ou masculina, entendendo que são construções sociais resultantes de processos históricos.

A autora finaliza o texto tratando da importância da interpretação da teologia das relações de gênero para uma mudança no olhar sobre a realidade cultural posta, pontuando que a noção de gênero é atrelada ao significado cultural. A dominação pela condição biológica acresce na marginalização no mundo científico, cultural e político da mulher, Candiotta (2010) destaca a posição de dominador do homem, que adveio da tradição judaico-cristã que coloca a imagem de um Deus masculino, personificação do poder.

No bojo das igrejas pentecostais surgem as igrejas inclusivas, Weiss de Jesus (2010) trata deste fenômeno que são igrejas que compatibilizam sexualidades não heterossexuais. Em sua discussão, a autora destaca a ausência da reflexão sobre a participação de lésbicas nestas igrejas, embora a presença de *drag queen* e travestis seja constante. O que pode ser analisado como uma postura de invisibilização para com as mulheres, prática já naturalizada pela estrutura patriarcal e encontrada em outros cenários religiosos (CANDIOTTO, 2010).

O periódico Parallellus, com sua primeira edição publicada em 2010, apresenta em seu ano de estreia, a pesquisa de Velozo (2010) que é enfática em seu artigo "A mulher fazendo teologia" sobre a necessidade de libertarem-se, homem e mulher, dos quadros propostos pela sociedade, para que sejam refeitas as bases teológicas. Em consonância com outros estudos (CANDIOTTO, 2010), o texto ressalta a importância de uma reconstrução interpretativa e a partir daí o campo teológico e religioso se abrirá para a igualdade de gênero de fato.

O mesmo periódico, no ano seguinte, traz a pesquisa de Fonseca (2013), que discute sobre a constituição do pecado sobre o sexo feminino, através das instituições do Estado, Igreja, Família e Medicina e seus discursos que moldavam o assunto de acordo com seus interesses. A discussão que segue no mesmo sentido de Bandini (2005), ressalta ainda a aliança entre a igreja e as demais instituições que tinha como produto o maior domínio do papel social da mulher, que exercia suas atividades domésticas e se limitava aos dogmas cristãos. Ainda no século XX, a aliança entre as instituições afim de manter o controle da

moral sexual da mulher permaneceu, no governo de Getúlio Vargas, o presidente firmou um "pacto moral" com a igreja, onde se buscava fortalecer a instituição da família. Esta aliança criou regras que atingiram principalmente as mulheres, o que confirmava sua essência de submissão e obediência.

No que tange ao catolicismo, Busin (2011) trata a religiosidade como uma característica da população, religiosidade entendida dentro do trânsito religioso existente, que é marcado pelo aumento dos evangélicos e adeptos de outras religiões. Dentro da discussão sobre o catolicismo na Revista de Estudos da Religião, a autora abordou a visão católica especificamente relacionada ao gênero pela primeira vez no periódico e tratou sobre a sexualidade, a posição de que o sexo deve apenas ser tolerado para fins de procriação. Aliado a isso, a autora traz a significação dada ao casamento e as instruções fornecidas pela igreja para o sexo mesmo após a instituição.

Busin (2011), embora trate do catolicismo historicamente como religião majoritária no Brasil, salienta o trânsito religioso, onde os indivíduos buscam as religiões que abranjam os seus próprios valores, tendo a ver com o *ethos* privado, ressaltando ainda que por mais que a escolha seja individual, é inegável que a família e as localidades não sejam também determinantes. Discussão esta que se relaciona com o trânsito religioso, abordado por Souza (2006). A autora também aborda as passagens bíblicas que tratam da criação e que fazem referência desde então a uma inferiorização da mulher, carregando-a de uma característica de suscetível à emoções, pelo pecado original, onde Eva desobedeceu as ordens e comeu o fruto do conhecimento.

A autora, assim como outras no universo de artigos selecionados (BANDINI, 2005), aponta que o poder está presente em todas as relações e em todas as esferas. Ao finalizar o artigo, Busin (2011) apresenta o trânsito religioso de homossexuais, seja por não se encaixarem nas igrejas hegemônicas e seus dogmas, ou pelas opções dadas a população de novos cultos e igrejas. Cabe aqui ressaltar que a autora também reafirma os modelos cristãos como perpetuadores das desigualdades de gênero.

A ascensão do pentecostalismo, movimento citado por outros artigos selecionados (BUSIN, 2011; WEISS, 2010) também foi tratado por Mafra (2012) que apontou a inversão no crescimento das religiões e a maior aceitação do pentecostalismo pelas populações. Mesmo com todas as possibilidades do cristianismo, a autora ressalta a batalha espiritual como quesito central para a explicação deste fato. Mafra (2012), endossa sobre gênero e reitera que toda identidade é envolvida por oscilação e movimento, entretanto, pontua que nas diversas

versões de gênero o que se trabalha são as formas de controle, o que dita e distingue o processo na construção destes gêneros.

Em se tratando das narrativas bíblicas e o movimento de Jesus, considerado de maneira mais ampla, Reimer e Souza (2012) fazem uma retrospectiva dos primeiros séculos de civilização, seus sistemas patriarcais e androcênicos e as formas de resistência encontradas neste contexto. Dissociando-se da discussão arraigada nas religiões, o artigo trata do movimento de Jesus de uma maneira itinerante, onde muitas mulheres com suas famílias ou não, o seguiam, pontuando que nas interpretações que trazem a história de mulheres independentes de homens, as colocam nos serviços domésticos e subordinados.

Numa retrospectiva da narrativa bíblica, os autores dão destaque a maneira que a existência das mulheres é abordada, muitas vezes tidas como fiéis e solidárias, apontam que estas não abandonaram ou traíram Jesus.

Inserindo-se na lista de autorias internacionais que abordaram gênero e religião em seus textos, encontramos López (2013), a autora colombiana teve seu artigo publicado pelo periódico Estudos de Religião e fez uma análise sobre a parcialidade da teologia e a abordagem do gênero. Neste sentido, explicita os desafios contemporâneos e do ecofeminismo. Ressaltando os perigos do fanatismo religioso, a autora destaca que a nova consciência ecológica traz a necessidade de se superar a lógica cristã antropocêntrica da modernidade.

Em uma abordagem de gênero mais aberta e correlacionada com outros aspectos sociais, encontramos o texto de Musskopf (2013). Ao abordar a tratativa das questões que precisam ser repensadas na sociedade, o autor pondera o gênero e ressalta que a religião também deve estar inserida. Alertara que a religião existe e é influência nas relações humanas, incluindo as de gênero, e se apoia em Gebara (2008) para embasar que as religiões gerenciam as atividades humanas e dessa maneira, passam a controlá-las.

A todo momento, Musskopf (2013) busca a relação da discussão acerca do gênero, feminismo e capitalismo, entretanto, compreende que acima das pautas feministas o gênero vem se inserindo nos sistemas e estruturas de modo a ser assimilado, destacando que isso de modo algum enfraquece o movimento de mulheres.

Ponto comum entre os textos que tratam das maneiras de dominação para com as mulheres é a violência, tratada por outros autores aqui selecionados (BANDINI, 2005; BUTTELLI, 2008) volta a ser discutida por Lopes (2013) que traz a luz a questão de gênero nos modos de vida de homens e mulheres de acordo com os modelos de Deus e as ideologias

de dominação. Para tanto, a autora pontua os casos de violência para com a parcela da população que não se encontra nos padrões tradicionais.

A autora traz a discussão que ressalta que o gênero estabelece os papéis culturalmente colocados nas relações sociais, para endossar seu pensamento apresenta os mitos que estão presentes na bíblia, ressaltando o contexto patriarcal em que ela foi escrita, servindo de ferramenta de legitimação da violência contra a mulher e tecendo um imaginário superior para os homens. em suas palavras: "Mitos e tabus servem para justificar a dominação e esconder o medo." (LOPES, 2013, p. 63).

Acerca das demais religiões, a autora ressalta os contextos patriarcais e androcêntricos em que foram criadas, o que dificulta a percepção das dominações e exclusões que são justificadas no imaginário religioso. Lopes (2013) destaca que a estruturação da dominação está intimamente ligada com o discurso de um Deus imaginado que foge das experiências cotidianas e que exclui os leigos e principalmente as mulheres de suas estruturas, por não se assemelharem, as colocando no lugar mais baixo da pirâmide de dominação.

Publicado também no ano de 2013, agora com abordagem voltada para as religiões afro-brasileiras, Cordovil (2013) aborda pesquisas realizadas em terreiros de religiões africanas e pontua os papéis desempenhados por homens e mulheres nestes. A importância dos papéis femininos e as representações que se tem nestas religiões é trazida pela autora, além de citar o papel dos homens homossexuais nos cultos. Através de trabalho de campo, Cordovil (2013) encontrou no campo afroreligioso do Pará, a atuação subordinada das lideranças femininas em relação as lideranças masculinas. Onde muitas vezes as mulheres assumem postos de comando, estas seguem diretrizes impostas por sacerdotes homens. De modo a confirmar sua pesquisa, a autora constata que mesmo com a atuação de lideranças femininas nos terreiros estudados, estes se representam por falas públicas masculinas e adentrando a realidade de alguns terreiros, encontrou a participação de mulheres em todas as atividades, entretanto, sempre subordinadas a palavra final masculina. Fato que podemos destacar aqui por se assemelhar com o discutido por Machado (1999) onde relatou os discursos produzidos por homens pentecostais e reproduzidos por mulheres.

Muito embora as mulheres e mães de santo dos terreiros pesquisados tenham noção da importância feminina nos cultos, a falta do debate acerca do gênero e uma leitura crítica feminista, faz com que estas não percebam as assimetrias vividas. Cordovil (2013) estabelece que as mudanças que ocorreram com o passar do tempo derrubaram a ideia de que as religiões de matriz africana seriam matriarcais, permitindo assim também que os homens ascendessem a liderança das casas.

Inserido no grupo dos textos que abordaram religiões pentecostais e gênero, temos publicado, no ano de 2014, o artigo de Teixeira (2014) que trata das influências da mídia nos comportamentos e na composição dos gêneros. A autora destaca a relação da Igreja Universal do Reino de Deus com as mídias justamente por sua estratégia proselitista, ressaltando as emissoras de rádio e televisão que possuíam vínculos diretos com a instituição desde o começo do século. Cabe aqui ressaltar que a prática Iurdiana de mídia não foi pioneira e única, Teixeira (2014) cita os primeiros registros da relação entre denominações evangélicas e veículos de informação, da época de 1940, partidos da Igreja Adventista de Sétimo dia.

Buscando relacionar os padrões que forjam os gêneros, Teixeira (2014) apresenta o projeto Godlywood, desenvolvido por Cristiane Cardoso, filha do fundador da IURD, o objetivo do projeto é de "resgatar a essência feminina colocada por Deus em casa mulher" (TEIXEIRA, 2014, p. 237). No caso do desafio Godlywood as mulheres são incitadas a cumprirem desafios semanais na execução de tarefas domésticas e nas relações familiares, esse desafio finda com a semana e a execução é publicada através das redes sociais. O que se tem em relação ao corpo é que este passa a ser o espaço de performance para o sagrado, pode-se interpretar como o fim e o meio dos ensinamento do projeto.

Também publicado no ano de 2014, pelo periódico *Relegens Thréskeia*, encontramos o texto de Costa (2014), apresenta as ferramentas utilizadas pelo missionário Romildo Ribeiro Soares, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, no contexto midiático, dando ênfase ao seu apelo televisivo. Neste ensejo, a autora discorre sobre o programa Show de Fé, que é considerado o carro chefe das mídias da igreja, o programa conta com pregações, testemunhos e uma parte é destinada a leitura de cartas com pedidos de bênçãos e aconselhamentos. A autora neste sentido ressalta que quase 95% das cartas recebidas são enviadas por mulheres, seus pedidos giram em torno dos filhos, família, saúde, casamento e vida financeira, é notável uma disparidade quanto ao número de cartas enviadas por homens, o que nitidamente é trabalhado pelo programa para passar de maneira despercebida, entretanto pela maneira íntima de como são escritas e a ênfase dada na leitura, é possível perceber as diferenças entre os pedidos, os homens fazem seus apelos relacionados ao trabalho e a vida sexual, uma grande parcela são detentos convertidos, escrevem de maneira sucinta e objetiva, diferente das mulheres que fazem suas preces de maneira detalhada.

O objetivo do trabalho de Teixeira (2014) foi desvelar a construção do papel da mulher no discurso religioso e sua representação no programa Show de Fé. A maior demanda destas mulheres ao programa é sobre o casamento. A autora traz a premissa de que seguindo as estruturas bíblicas, onde o homem não tem o poder se desfazer a união feita por Deus, a igreja

funciona para essas mulheres como um calmante, negligenciando situações de violência, abandono e adultério. Casos outros foram discutidos em seu texto, nos quais mulheres que buscaram por sua independência passam por problemas conjugais e familiares e são sempre instruídas a priorizarem suas famílias e se responsabilizarem por estas e por seus casamentos. A autora finaliza seu texto com a afirmação que os movimentos atuais diminuem e estereotipizam as mulheres e constroem um lugar para elas no imaginário religioso.

Incluído nos estudos que abordam o catolicismo temos o texto de González Garcia (2014) que tratou da maneira de como se desenvolveu a vida religiosa das mulheres católicas. Percorrendo os principais eventos e mudanças ocorridas no seio católico a autora pôde destacar as mudanças nas funções exercidas pelas mulheres, como quando houve a paroquização das igrejas e mulheres que desenvolviam funções voltadas a caridade e movimentos sociais, nas comunidades de base, começaram a perder espaço, uma vez que os bispos e padres negavam a construção de uma igreja a partir dos pobres, a presença dessas religiosas se tornava incômoda. Perderam espaço e por vezes eram convidadas a se retirar das igrejas.

Com essa exclusão, surge nessas mulheres a consciência de gênero e a influência do pensamento feminista faz com que começassem a refletir sua posição de subordinação, embora tenham lutado na construção de uma nova maneira de ser Igreja. Teixeira (2014) explica essa situação colocando as estruturas milenares que fazem a igreja e colocam mulheres sempre abaixo na estrutura hierárquica. Há, então, a necessidade da questão da consciência de gênero, entretanto, como relatado pela autora, existem divergências entre estas religiosas, entendendo a maneira que essas relações foram incorporadas no íntimo das pessoas.

Ainda no que se refere as estruturas católicas, também publicado pela Revista de Estudos da Religião no ano de 2014, selecionamos o texto de Fernandes (2014) que trata das novas estruturas de comunidades religiosas e a relação com o gênero e as representações femininas. A autora cita o caso da Fraternidade da Toca de Assis, uma comunidade católica iniciada em meados de 1990 e que tem sua fundação no cuidado com os pobres e na adoração eucarística. Contrapondo a tendência nacional de sacerdócio, a Toca de Assis apresenta hoje um maior número de mulheres atraídas pela denominação que homens.

No que tange a vida na Toca de Assis e seus institutos não existem empregados, homens e mulheres desenvolvem as tarefas domésticas e de cuidado de maneira igualitária, as mulheres desenvolvem atividades sem a reflexão pautada na questão do gênero, como retratado pela autora, desenvolvem uma complementaridade de funções, não compreendendo



restrições. A Toca é um exemplo das novas comunidades religiosas e a mudança que vem ocorrendo neste cenário (FERNANDES, 2014).

No bojo das diversas perspectivas de abordagem feministas nos textos que relacionam gênero e religião temos o artigo de Roese (2015) que introduz seu texto enfatizando que a pesquisa de como as mulheres se relacionam com a religião deve partir para além das estruturas postas e formais, sendo necessário que se investigue o cotidiano religioso destas mulheres. A autora traz a necessidade de se adentrar nas investigações religiosas a partir dos fluxos e redes, destacando que é necessário compreender o sentido que tem as religiões para as mulheres, para Roese (2015) os questionamentos precisam ser mudados, questionar-se sobre o que é religião perdeu o sentido, sendo necessário agora contextualizar-se pelas experiências concretas dos grupos. A autora ainda lembra que o conceito de religião e seu entendimento se centrou no cristianismo e com isso as investigações sociológicas acerca das demais religiões foram ofuscadas.

Levantando a suspeita de que as novas formas alternativas de cura e meditação que estejam intimamente relacionadas com as mulheres a autora apresenta o contraponto de domínio das tradições religiosas e medicinais do ocidente, que estão sob o "domínio branco e masculino" (ROESE, 2015, p. 1542). A autora ainda acrescenta a necessidade de se escutar os sujeitos e levar em conta suas experiências. Roese (2015) aborda ainda as contradições existentes na permanência das mulheres nas religiões opressoras, ressaltando que o pensamento acerca desta relação não pode mais conceber estas mulheres como vítimas, entendendo que a relação entre elas é milenar e que as mais antigas representações religiosas da humanidade são através de figuras femininas, citando o declínio católico questiona os rearranjos das mulheres nas novas espiritualidades.

O que foi notado por Roese (2015) e caracterizado pela autora como infidelidade religiosa, se trata das rupturas e seus processos que são encontradas no seio do campo religioso brasileiro. A autora traz o exemplo das mulheres que negadas de seguir no sacerdócio, criam suas próprias igrejas, exemplificando o caráter dinâmico destas igrejas, onde nem todas as mulheres abandonam total ou parcialmente suas igrejas de origem, compreendendo o sincretismo e a criatividade, utilizados por estas mulheres. Ainda sobre o que trata por "infidelidade religiosa" a autora traz que o protagonismo das mulheres neste cenário traz a responsabilidade destas de suas próprias escolhas espirituais e de fé. Além das novas formas de organização religiosa destas mulheres, tem-se também a discordância dos dogmas estabelecidos, a adesão da ideologia patriarcal e capitalista, e o sincretismo adotado nas novas perspectivas religiosas.

A autora finaliza seu artigo ressaltando que para as investigações de como as mulheres vivem a religião, além de analisar os novos espaços que veem sendo criados, é necessário um olhar atento as maneiras de rompimento com a dominação patriarcal e as novas relações estabelecidas com as religiões tradicionais, levando em consideração o avanço do conservadorismo evangélico e o despontar de um protagonismo sutil das mulheres na sua vida religiosa.

Salientando a necessidade de uma revisão das questões epistemológicas para o desenvolvimento das investigações sobre gênero e religião, Bandini (2015) tem seu segundo artigo selecionado para o presente estudo, publicado desta vez pelo periódico Horizonte. A autora demonstra a necessidade de superação das investigações que se baseiam na dicotomia das relações entre gênero e religião que ressaltem a vitimização feminina ou busquem através da perpetuação de estereótipos a "heroicização das mulheres". Fazendo a interseção com a bibliografia feminista a autora reitera que as relações de poder são constituídas e significadas primordialmente pelo gênero, estando homens e mulheres inseridos neste debate.

Muito embora a representação feminina entre os pentecostais e neopentecostais seja maior que a masculina, sua estrutura fortalece o poder patriarcal ao reforçar através das citações bíblicas os modelos femininos a serem seguidos, por meio de citações do fundador da instituição, Bandini (2015) reitera o papel especificado da mulher como auxiliar do marido, estando esta fora do direito de exercer alguma autoridade fora de seu território doméstico. A Igreja Universal do Reino de Deus, pesquisada pela autora, com seu caráter conservador, utiliza das passagens bíblicas para manter sua estrutura de submissão das mulheres aos seus maridos. Esta estrutura enraizou modelos e comportamentos nas mulheres Iurdianas. Ao final de seu artigo, Bandini (2015) reitera a posição de aceitação e naturalização das mulheres em relação aos discursos de dominação estabelecidos, fortalecendo o poder dominante, contudo a autora ainda reafirma a maneira diferenciada dentro das demais igrejas pentecostais de como as relações de poder se estruturam.

Ainda no ano de 2015, Souza trata a participação das mulheres e sua relação com a religião e atuação política no período da ditadura militar no Brasil, o texto foi publicado pela Revista Plura, Revista de Estudos de Religião, onde a autora reitera a proximidade do movimento feminista, os movimentos de esquerda e a igreja na luta contra o regime autoritário instalado no Brasil, justificando os debates sem expressão sobre temas inseridos nos direitos sexuais, como o aborto, uma vez que a igreja possuía normas e orientações rígidas a esse respeito. Souza (2015) faz a retrospectiva dos papéis que as mulheres assumem a partir de 1960, onde conseguiram maior participação política e igualdade de direitos.

Além de adentrar o cenário católico no período do regime militar, Souza (2015) perpassa pela história de mulheres de outras origens religiões, como a metodista Heleny Guariba e as mulheres luteranas e utiliza o exemplo de Mãe Malvina para ilustrar a vivência das mulheres e do movimento negro, salientando a sua participação nas ações contra o regime autoritário e o desenvolvimento mesmo que tímido das pautas feministas e o debate da desigualdade de gênero, que se fazia secundário dado o movimento que ocorria no país. A autora finaliza seu texto sinalizando que as experiências vividas por estas mulheres foram ofuscadas na história, o que nada mais é que uma tática de manutenção do patriarcado por meio da invisibilização da representação dessas mulheres.

Claudirene de Paula Bandini, dentre os autores dos artigos selecionados, possui maior quantidade de publicações, perfazendo três artigos em diferentes periódicos, em seu artigo "Relações de gênero na assembleia de Deus: Uma análise de trajetória feminina" publicado em 2015 pelo periódico Ciências da Religião, apresenta da história da instituição e as influências que se deram para que as estruturas existentes surgissem. A autora perpassa pela história da missionária assembleiana Frida Gunar, que desenvolvia diversas atividades pela instituição em seus primeiros anos no norte brasileiro, esposa de um dos missionários fundadores, a missionária precisou enfrentar o incômodo da comunidade para desenvolver o que lhe era designado, porém, no decorrer do tempo sua participação foi silenciada pela cultura patriarcalista, ficando sua história de edificação da AD ofuscada e por vezes esquecida.

A divisão do trabalho e as dinâmicas das atividades internas ratificam as atribuições de homens e mulheres. A autora ainda ressalta que além da desigualdade de gênero entre homens e mulheres, o que se vê são espaços de dominação e hierarquização entre homens e entre mulheres. A autora ainda ressalta o fato de que os homens apenas por si não tem sua vocação colocada em voga, nem precisa renunciar de sua vida para a ascensão na Assembleia de Deus: "O fato de serem homens já lhes garante a oportunidade de exercer sua autonomia no espaço religioso, enquanto as mulheres necessitam criar brechas, construir estratégias e mecanismos para a conquista de sua autonomia econômica e individual." (BANDINI, 2015, p. 121). Cabe-nos ressaltar aqui que na instituição pesquisada por Bandini (2015) o ministério de mulheres foi proibido e a discussão sobre o assunto foi realizada pela última vez em 2001. A autora conclui que para se compreender a participação feminina nos espaços religiosos é necessário um olhar atento aos espaços disponibilizados para elas, é a diferenciação dos espaços que constroem a participação dessas mulheres na religião e na sociedade.

O ano de 2015 foi expressivamente o ano de maior número de publicações com a temática entre os periódicos selecionados, neste sentido Freire (2015), compreende em seu estudo a religião como uma construção sociocultural e a partir disso inicia a discussão sobre relações de poder, classe e gênero. A autora enfatiza a importância da epistemologia feminista, entendendo que mulheres, feministas ou não, na construção científica, buscam respostas para novas perguntas, perguntas essas que incidem em seus cotidianos e histórias, e que não era contempladas pelo recortes propostos. Adentrando no estudo do fenômeno religioso aponta as marcas patriarcais deixadas pelo conhecimento científico vigente, o conceituando como androcêntrico.

A "epistemologia teológica patriarcal", termo utilizado por Freire (2015) ao longo do texto, também usa de verdades eternas, o que transforma o conhecimento em afirmações inquestionáveis, excluindo experiências de grupos minoritários e mulheres. Ao finalizar seu texto, Freire (2015), enfatiza a importância da epistemologia feminista no estudo do fenômeno religioso, uma vez que esta permite suscitar questões e reconstruir as análises incorporando o gênero como uma categoria analítica.

No que se refere ao ano de maior número de publicações com o tema gênero e religiões, temos ainda neste ano a maioria de publicações voltadas ao pentecostalismo, neste ensejo. Souza (2015), relata em seu artigo o expressivo número de mulheres que buscam as respostas para seus problemas nas igrejas de denominação pentecostal. Por meio de um relato de vida de uma mulher pentecostal a autora desvela o caráter da procura na igreja, como numa tendência buscava sobre casamento, nas demandas apresentadas pela protagonista do estudo, esta também busca por solução de problemas que envolvem seus filhos, característica comum das mulheres que se convertem ao pentecostalismo, que é a busca da cura espiritual nas igrejas. A autora finaliza o seu texto salientando os diferentes processos que o pentecostalismo possui para a construção de identidades, e, principalmente, sua capacidade de acolher e responder as mulheres aflitas que procuram soluções para problemas cotidiano, especialmente mulheres da classe trabalhadora.

No ano seguinte, Alencar e Fajardo (2016), através de seu texto, buscaram questionar a igualdade ideal do pentecostalismo, sendo esta por raça, classe e gênero, entretanto, desde a análise do mito fundador e através de passagens bíblicas, os autores obtiveram diversos exemplos onde as mulheres eram invisibilizadas e retiradas da história. Embora em diversos trechos se tenha encontrado o abandono das distinções de classe e raça, a segregação de gênero se dá de maneira persistente e por razões culturais. Para exemplificar o processo de invisibilização das mulheres na história os autores relembram a trajetória de Frida Gunar e sua

atuação no campo religioso mesmo com as proibições e barreiras impostas pelos homens à participação das mulheres.

A busca pelo entendimento de como são representadas as mulheres contou com o texto de Gouvêa Neto (2016) que tratou a partir das análises de revistas amplamente difundidas no meio da igreja Assembleia de Deus uma perspectiva de abordagem de representação das mulheres assembleianas. Adentra também na discussão do ministério feminino, negado às mulheres na Assembleia de Deus, ressaltando que no ideal assembleiano, a mulher ocupa uma posição de adjutora.

Através da perspectiva estruturalista Gouvêa Neto (2016) reitera as binariedades e os antagonismos que se encontram a relação para com as mulheres no espaço religioso da AD. A autora enfatiza o esforço das revistas em transformar as identidades das diversas mulheres em uma identidade fixa, forjada, relacionando as características femininas ao cuidado doméstico, estético e a maternidade, muito embora tenha encontrado algumas partes onde estas revistas tratam da mulher contemporânea que esta vinculada a vida pública, ao trabalho, ao lar e a igreja, neste sentido mostra a maneira a qual as revistas começam a se adequar as transformações sociais do gênero feminino, sendo inserido agora nos espaços considerados masculinos.

A compreensão de gênero enquanto ato é discutida ao longo do texto, que se posiciona de maneira a compreender que este se realiza através das performances e práticas e os sujeitos que o materializam são resultados de discursos, normas e regras forjadas. Ao fim do texto a autora refirma as normas de gênero que influenciam as vidas no espaço público, tratando de que onde o gênero se manifesta de maneira a fugir dos discursos e normas estabelecidos, torna-se ilegítimo e indigno de reconhecimento. Ainda no que trata da performatividade de gênero a autora finaliza: "Resta-nos persegui-lo em seus diferentes contextos, não para delimitá-lo em novos conceitos oclusivos, mas para compreender o significado das ações de quem o vivencia." (GOUVÊA NETO, 2016, p. 104).

O texto mais recente encontrado na busca foi o de Natividade (2017) publicado pela Revista *Religião & Sociedade* foi o único artigo que correlacionou os temas em 2017 até a data final de coleta dos artigos, que ocorreu no final do mês de setembro de 2017. O autor traça em seu artigo a construção e desconstrução das visões dicotômicas de gênero que são materializadas nas igrejas inclusivas, aborda as diferenças nos modelos culturais das igrejas inclusivas, as linguagens, códigos e práticas nesse campo em ascensão. Nestas denominações, como procurou explanar o autor, a concepção de gênero é mais flexível, a despeito do que é posto nas convenções doutrinárias.

No decorrer de seu texto Natividade (2017) aponta que a maior parte dos membros dessa denominação inclusiva eram homens, e que diferentemente das igrejas com práticas tradicionais, estes homens desenvolviam atribuições tidas como femininas, como performances de dança e canto, enquanto que as mulheres desenvolviam práticas forjadas masculinas como tocar instrumentos de percussão e cordas, compreendendo que o contrário logicamente era válido: "a desconstrução desses modelos é a regra" (NATIVIDADE, 2017, p. 24). É citado ainda pelo autor que nestas instituições é encontrado menor assimetria entre os gêneros, visto que os atores se encontram livres e reinventam suas identidades de acordo com suas práticas.

A intenção da revisão não foi a de se esgotar a literatura existente que aborde gênero e religião. As investigações têm ocorrido de maneira incipiente e partidas de iniciativas isoladas, porém, compreendemos que a aplicação dos pesquisadores na área que põe em foco não só aspectos gerais relacionados a religião, mas dialoga com a temática de gênero, possibilita a formação e o crescimento de um campo teórico que propicia a compreensão dos aspectos particulares e gerais existentes nessa relação.

## **2 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

### **2.1 A categoria de análise**

Para se fazer compreensiva a pesquisa deve deter de mecanismos que a possibilitem compreender o fenômeno em questão. O caminho percorrido para tanto deve estar em consonância com o objeto pesquisado e as referências utilizadas, assim, perfazendo um conjunto coerente que facilite o entendimento das informações. De tal modo, Duarte (2002) afirmou que a apresentação do processo que levou os resultados é imprescindível, elucidar os procedimentos metodológicos viabiliza contudo que outros pesquisadores conheçam os caminhos, utilizem das possibilidades e ainda assim as questionem ou as validem.

A metodologia de pesquisa foi estruturada a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, de caráter compreensivo/interpretativos (BAUER; GASKELL, 2002; LUDKE; ANDRÉ, 1986) e a sua interseccionalidade com os estudos da vertente gênero-religião (AUBRÉE, 2000; FLAX, 1992; MACHADO, 2005). A pesquisa qualitativa utiliza dos significados, das ações, dos motivos, das crenças e valores que em conjunto correspondem a um olhar mais profundo das relações e processos, que não são redutivos a quantificações (MINAYO, 2001).

Nosso objetivo, então, não foi quantitativo, mas interpretativo. Nesta metodologia, os pontos centrais de análise foram, sobretudo, as relações estabelecidas entre os gêneros no espaço sagrado e nos demais espaços sociais, como a família, o trabalho e a sociedade, e a percepção e vivência de mulheres fiéis e dissidentes destas organizações religiosas.

### **2.2 Etapas e procedimentos adotados**

No que se refere aos instrumentos de coleta de dados, foi através da pesquisa bibliográfica que este estudo teve seu início, uma vez que esta nos permitiu adentrar no que há sobre o assunto (BONI e QUARESMA, 2005; FONSECA, 2002), a pesquisa bibliográfica contempla publicações avulsas, livros, jornais e revistas que possibilitaram o amadurecimento do trabalho juntamente com o olhar da pesquisadora para com o campo já existente.

A coleta de dados deu-se através de entrevistas semi-estruturadas, somando um conjunto para possibilitar a compreensão das dinâmicas existentes no ensino religioso e nos reflexos propostos para os demais espaços sociais. Souza (2004) apresenta as possibilidades representadas pelas entrevistas, a autora ainda reitera que é necessário um conhecimento sobre

o contexto em que os autores estão inseridos e a partir disso o entendimento das relações ali produzidas, nas palavras da autora:

Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p. 215).

Diferente das entrevistas estruturadas que também podem ser chamadas de questionários, as entrevistas semi-estruturadas possuem eixos que norteiam o entrevistador, entretanto, dispõe da liberdade necessária para que entrevistado e entrevistador percorram os eixos através do diálogo, entendendo que esse tipo de entrevista oferece todas as perspectivas para que o entrevistado disponha da liberdade necessária para contribuir para a investigação (DUARTE, 2004).

Para análise dessas entrevistas utilizamos a análise de conteúdo (AC) (CAREGNATO; MUTTI, 2006), que foi escolhida por fornecer instrumentos que oferecem a melhor compreensão de conteúdo. Campos (2004) compreende que a AC propicia a valorização da fala em suas faces polissêmicas e fornece ao pesquisador maior variedade de interpretações, e neste ensejo, considera-se a forma de expressão do sujeito pesquisado, permitindo-se categorizar palavras e frases por meio das expressões que representam. Quanto à amostra, foi composta por quinze mulheres, que foram selecionadas de acordo com sua trajetória religiosa, dividindo-se o universo pesquisado em dois grupos. O primeiro, de mulheres ativas no contexto evangélico, foi composto por sete mulheres, na cidade de Uberlândia, que apresentavam algum vínculo com a Universidade Federal de Uberlândia. O segundo grupo, formado por oito mulheres, foi selecionado com o critério de que as mulheres tivessem em suas vivências, trajetória dentro de instituições evangélicas, entretanto, que tenham rompido o vínculo em algum momento e que também apresentassem vínculo com a Universidade.

Para a seleção das pesquisadas foi utilizado o recurso Bola de Neve, partindo do pressuposto de que as primeiras mulheres entrevistadas foram selecionadas no contexto de grupos de organização de mulheres da Universidade Federal de Uberlândia, o recurso utiliza cadeias de referência. Vinuto (2014) apontou que esta forma de amostra faz-se útil para pesquisa em grupos de difícil acesso. No caso desta, este foi um recurso importante, visto que os componentes não poderiam ser escolhidos de maneira aleatória.



As entrevistas, realizadas em sua maioria nas dependências da Universidade Federal de Uberlândia, foram gravadas e posteriormente transcritas pela pesquisadora. A seleção dos atores deu-se entre os meses de julho e agosto de 2018 e as entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro, finalizando-se as transcrições em novembro de 2018.

<b>LISTA DE ENTREVISTADAS E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS</b>	
<b>Entrevista</b>	<b>Perfil</b>
Entrevistada 1	Idade: 24 anos Orientação Sexual: Heterossexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa atual: Comunidade Videira Instituição religiosa anterior: Shalom Comunidade Cristã.
Entrevistada 2	Idade: 21 anos Orientação Sexual: Bissexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa anterior: Shalom Comunidade Cristã.
Entrevistada 3	Idade: 22 anos Orientação Sexual: Heterossexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa anterior: Sal da Terra. Instituição religiosa atual: Igreja Presbiteriana do Brasil.
Entrevistada 4	Idade: 23 anos Orientação Sexual: Indefinida Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa anterior: Assembleia de Deus.
Entrevistada 5	Idade: 22 anos Orientação Sexual: Bissexual Estado Civil: União Estável 1 Filho Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa anterior: Batista.
Entrevistada 6	Idade: 20 anos Orientação Sexual: Heterossexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa anterior: Igreja Internacional da Graça.

	Instituição religiosa atual: Assembleia de Deus.
Entrevista 7	Idade: 25 anos Orientação Sexual: Bissexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Psicóloga Instituição religiosa anterior: Igreja Presbiteriana do Brasil.
Entrevista 8	Idade: 24 anos Orientação Sexual: Heterossexual Estado Civil: Casada Sem Filhos Escolaridade: Superior Completo Profissão: Psicóloga Instituição religiosa anterior: Igreja Batista Independente.
Entrevista 9	Idade: 22 anos Orientação Sexual: Heterossexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa atual: Assembleia de Deus.
Entrevista 10	Idade: 20 anos Orientação Sexual: Heterossexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa atual: Igreja Presbiteriana do Brasil.
Entrevista 11	Idade: 20 anos Orientação Sexual: Bissexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa anterior: Assembleia de Deus/Igreja Congregação Cristã no Brasil/Sal da Terra.
Entrevista 12	Idade: 23 anos Orientação Sexual: Heterossexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa anterior: Igreja Presbiteriana do Brasil.
Entrevistada 13	Idade: 31 anos Orientação Sexual: Heterossexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Pós Graduação Incompleta Profissão: Designer Instituição religiosa anterior: Sal da Terra/Batista/Presbiteriana/Igreja em Uberlândia.
Entrevistada 14	Idade: 20 anos Orientação Sexual: Heterossexual

	Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa anterior: Shalom Comunidade Cristã. Instituição religiosa atual: Manifesto.
Entrevistada 15	Idade: 21 anos Orientação Sexual: Bissexual Estado Civil: Solteira Sem Filhos Escolaridade: Superior Incompleto Profissão: Estudante Instituição religiosa anterior: Shalom Comunidade Cristã. Instituição religiosa atual: Bola de Neve Church.

### 3 ANÁLISES, SÍNTESES E DISCUSSÕES

#### 3.1 Trajetória Religiosa

Em meio a diversidade de trajetórias relatadas por todas as mulheres entrevistadas, fica notória a influência da família para a inserção, ainda infantil, no meio religioso. Compreende-se a família como estrutura principal para a construção do que se definirá na vida adulta. É possível, então, inferir a capacidade de influência na busca pela inclusão em instituições religiosas ao longo da vida. Podemos ponderar, ainda, que mesmo famílias com igrejas distintas e diferentes vertentes religiosas, contribuíram, nos casos das pesquisadas, para que estas se mantivessem ligadas a alguma instituição. A inserção no meio evangélico, por vezes, deu-se como único caminho possível para estas mulheres. Quando questionadas sobre suas trajetórias, muitas delas pontuaram que nasceram no contexto religioso e por lá mantiveram-se, por afinidade ou não.

(001) Eu comecei com a minha mãe, mesmo, e eu sempre fui então não teve a coisa de me tornar fiel, sempre fui e fui acostumada com isso, eu não tinha muita opção de não ser assim. (Entrevistada 02)

(002) Uai, eu nasci nela né, como que faz? Eles sempre leram a bíblia comigo, quando eu era criança eu tinha que ir pra igreja, tipo assim, minha vida toda era na igreja, a escola que eu ia era da igreja, os amigos que eles traziam pra casa era da igreja, sabe assim, então não tinha... É não tinha nenhuma possibilidade de escolha assim. (Entrevistada 07)

(003) Eu comecei com 3 anos, que eu me lembro assim, que a minha mãe conta, porque ela me levou né, é aquela questão quando você é pequena, o pai fala e a gente tem que ir. (Entrevistada 12)

Podemos retomar, aqui, o conceito de *habitus* da obra de Bourdieu, que buscou romper a dicotomia entre sociedade e indivíduo e estabelecer a forma com que a determinação social ocorre nas ações dos indivíduos (WACQUANT, 2006). O fragmento (001) expressa, claramente, a construção social existente para que esta mulher se insira no contexto religioso. Acostumada, de acordo com suas palavras, ela reflete o que lhe foi passado, ou seja, práticas e costumes com os quais teve contato expressam-se no seus hábitos.

Os trechos (002) e (003) apresentam-se com teor impositivo, exprimindo a ausência de possibilidade de escolha por parte das mulheres. Podem revelar, mesmo que de maneira implícita, o sentimento de impotência perante a imposição da família, onde as mesmas compreendem o dever de acatar a prática religiosa como herança familiar.

Pequena parcela das mulheres pesquisadas teve uma trajetória diferente e, espontaneamente, inseriu-se em instituições ou adentraram por convite de terceiros. Nesses

casos, a influência e o incentivo das famílias para a permanência no meio religioso também foram relatados pelas entrevistadas, conforme pode ser visto no fragmento (004).

(004) A família influenciou bastante, assim, a seguir, achava bonito e etc. (Entrevistada 08)

A consciência, por parte das entrevistadas, sobre a influência do meio familiar nas escolhas religiosas é ponto de destaque. Enquanto é claro para algumas mulheres que o contexto do cristianismo em que estiveram inseridas influenciou para que se mantivessem vinculadas a instituições religiosas, outras consideram que, embora existisse a interferência familiar, a influência não seria a força motriz para que permanecessem inseridas em suas igrejas.

(005) Foi o contexto que eu me inseri, né? Que eu estou inserida, que eu sempre estive, desde que nasci. Toda a família, não só pai e mãe, mas toda, toda minha família é cristã, então, assim, teve isso porque eu estava na igreja, né? Então eu convivi e cresci ali. (Entrevistada 10)

Entendendo toda a influência cumprida no âmbito familiar, conscientemente ou não pelas entrevistadas, adentramos nos moldes passados pelas instituições para com as famílias das fiéis. Indagamos, aqui, sobre a referência e a maneira com que as organizações instruem seus seguidores para, então, compreendermos a alocação destas fiéis nesses esquemas.

As explicações para os moldes orientados pelas instituições eram dadas de maneira direta, muitas vezes tratado como padrão posto, sem necessidade de questionamento. A família tradicional proposta no contexto religioso orienta-se no patriarcado, onde a figura masculina rege o movimento do restante da família e a mulher enquadra-se como auxiliadora, cumprindo funções secundárias e subordinadas ao homem em seu papel de cabeça da casa, conforme pode ser visto nos fragmentos (006) e (007).

(006) Obviamente, tem até uma musiquinha que falava... “O pai é o forte polegar, a mãe é a rainha do lar, o pai, a mãe, a irmã, o irmão...” E por aí vai, família tradicional brasileira. (Entrevistada 05)

(007) Uai vamos falar o que todos sabem, é família hétero normativa, o homem e a mulher e filhos e todos crentes se possível, o real ideal é todos crentes, e se não for tem que batalhar para que seja e é essa família, assim, monogâmica. (Entrevistada 07)

(008) Pai, mãe, filhos, é a ideologia de família normal, né? (Entrevistada 09)

Existem, ainda, outros aspectos para a conformação das famílias passados pelas instituições, conforme mostra o excerto (007), que apresenta a necessidade de luta para vincular-se a tradição religiosa à família. As palavras usadas pela entrevistada apontam a

maneira de conversão como objetivo e demonstram a busca dessa realização como uma intensa tarefa.

No que diz respeito as novas composições de famílias e como as instituições lidam com essas formas de organização contemporâneas, a adoção foi pontuada por uma das entrevistadas que explicou que, em sua antiga organização, era método aceito. Ainda em relação a este ponto, o casamento formal também foi relatado, por diversas mulheres, entendendo que para a aceitação da igreja, o casal, sempre composto por um homem e uma mulher, deve formalizar sua união perante a igreja e o estado.

O anseio para a formação de uma família foi, também, narrado pelas entrevistadas. A orientação passada pelas instituições de que deveriam almejar o casamento e toda a preparação nesse sentido foi marca comum dentre as entrevistas.

(009)A igreja prega uma família heterossexual né, e que assim, é uma das coisas que eu sinto um pouco que eu destoo nessa crença, de que a família é o principal objetivo da igreja, o que eu não acho que é isso, até porque a minha interpretação que eu tenho da bíblia é que Jesus ele deixa família no estado do secundário da coisa, porque até tem uma passagem que ele fala né: quem são minha mãe e meus irmãos, quando a mãe dele é Maria chega procurando ele, ele fala que os irmãos e a família dele é quem fazia a vontade de Deus, então a família dele é o mundo, são as pessoas, são com que eles cria laços e tal. Eu não tenho essa concepção interna, mas dentro da igreja prega-se sim uma família que você deve almejar o casamento e tal, o que eu acho muito contraditório com a bíblia, porque a maioria dos apóstolos eles não foram casados né, eles exerceram o ministério deles solteiros e tal mas existe sim essa pregação de uma família heterossexual, é, com filhos e tal e que deve ser uma coisa que você deve desejar. (Entrevistada 03)

(010) É aqueles de sempre, a estrutura familiar e tal, ai tem o marido, marido tem que ser o protetor da casa, a mulher tem que seguir o que ele disser, a mulher... É ensina porque temos que aprender as coisas para casar, essas coisas mesmo. (Entrevistada 12)

No fragmento (009), a entrevistada pontua as tradições passadas pelo cristianismo. A mesma ressalta, entretanto, seu posicionamento perante tal cultura. Salienta a contradição bíblica entre o que fora pregado por Jesus e o que é instituído para os fiéis cristãos. Deixando claro suas discordâncias, enfatiza, pela repetição, os moldes estabelecidos.

O excerto (010) reforça o entendimento da divisão dos papéis através do gênero nas famílias. Pode-se observar, a partir daí, que são passados valores que perpetuam-se na sociedade e atribuem a homens e mulheres a carga de executarem determinadas e específicas tarefas. Neste sentido, podemos recapitular o que foi proposto por Boris (2002), retomando Simone de Beauvoir, que analisou o processo de tornar-se mulher. No caso observado, o mesmo destaca que o processo de tornar-se cabe também ao homem, quando este tem construído o padrão de masculinidade imposto socialmente.

Ainda analisando o fragmento (010), encontramos semelhanças entre a fala da entrevistada e o que foi pontuado por Freitas (2009), que corrobora com o entendimento do homem prioritariamente como provedor da família, apresentando, em seu estudo, que os modelos tradicionais permanecem e ainda orientam mulheres e homens.

Dentre as mulheres entrevistadas que são, atualmente, atuantes no meio evangélico, a maioria delas teve uma trajetória religiosa passando por diferentes denominações. Os processos para entrada nas suas instituições atuais pode ser considerado semelhante, uma vez que na intenção de melhor se alocarem em um meio social religioso, condizente com suas concepções, optaram por instituições que fornecessem base sólida nos preceitos bíblicos, aceitando por vezes o tradicionalismo que acompanha esse embasamento. Fato corroborado por Mendonça (2008), buscam somar a razão a sensação de pertencimento.

(011) Então, assim, eu acho que tá até havendo um racha na igreja, e na própria igreja evangélica, porque a Presbiteriana, a Sal da Terra, a própria Assembleia de Deus, tem uma visão muito diferente, e, e muito mais focada na bíblia, no que a bíblia diz, eu percebo até que nessas outras igrejas que eu disse, como por exemplo a universal, eles tem uma, eles fogem muito daquilo que tá escrito na bíblia, e não é fazendo uma crítica porque nem toda religião tem que seguir a bíblia, mas o pressuposto da religião evangélica é seguir a bíblia e eles não fazem isso, então eu acho que é muito, muito distinto mesmo sabe, eles tem até práticas que são comuns em centro espíritas, nada contra centro espírita mas não é evangélico, entendeu, então assim, eu acho bastante diferente, acho que são de religiões quase que distintas mesmo. (Entrevistada 03)

(012) Eu acho que muitas coisas que eles pregam, os meios que eles pregam, não são bíblicos, na verdade é simplesmente para próprio interesse, seja financeiro, seja social. (Entrevistada 15)

A busca por denominações que compreendam a diversidade nas particularidades destas mulheres reitera o que foi colocado por Souza (2006) que apontou o trânsito religioso feminino como resultado da demanda de mulheres por novos desenhos da religião e da experiência religiosa.

Em meio a pluralidade de origens de instituições das pesquisadas, buscamos encontrar valores que estas considerassem fundantes e comuns, encontrados no meio evangélico em diferentes denominações. O amor ao próximo e o amor à Deus são pontuados como valores principais e comuns, mesmo que, por vezes, sejam acompanhados de críticas entre o que ocorre na teoria e na prática dentro das igrejas, como pode ser observado no fragmento (013). As mulheres destacaram o distanciamento que é pregado pelas instituições para com o mundo. É reforçado, a todo tempo, que o meio de convivência deve ser baseado na igreja e pontuadas diretrizes e regras específicas para serem seguidas.

(013) Na prática você não pode se envolver com ninguém que não seja da igreja, “Porque você esta se envolvendo?”, os seus amigos tem que estar dentro da igreja, o seu ciclo de amigos tem que condizer com aquilo que você vive, não faz sentido você andar com alguém que seja homossexual ou alguém que beba, alguém que fume, alguém que não siga os princípios da bíblia, então... (Entrevistada 05)

Quando questionadas sobre a participação de mulheres nas instituições pregressas, encontramos uma variedade de entendimentos sobre a inserção feminina em atividades de liderança. Compreendendo a bíblia como o livro de base do cristianismo, muitas das mulheres assentem os cargos estabelecidos como uma ativa participação, ou mesmo suficiente. Atividades organizativas e secundárias foram citadas quase em totalidade pelas entrevistadas, além das funções que envolvem cuidado são atribuídas, normalmente, às mulheres. É pontuado, ainda, o trabalho em ministérios infantis, eventos voltados para outras mulheres, trabalhos com jovens e a participação em grupos de dança, teatro e louvor. A falta de espaço em cargos representativos para outras mulheres é sentida, como podemos ver nos trechos (014) e (015).

(014) Eu nunca vi uma mulher pastora, nunca vi uma mulher evangelista, mulheres ficavam mais na área de crianças, nunca tinha um professor homem da AEBD de idade de doze anos para baixo, não tinha, os professores homens ficavam somente com os adultos. Então mulher seria basicamente para cuidar de criança, eu nunca pude ser ministra do louvor, no louvor que a gente tinha, tinham vários cargos, eu sempre ficava na vice, vice diretoria, vice isso, vice aquilo. No ministério do teatro eu era vice aquilo, no ministério de dança eu era vice aquilo, eu participava de vários ministérios mas sempre como vice porque o cargo de liderança tem que ser de um homem porque o homem é a cabeça. (Entrevistada 05)

(015) Atualmente tem melhorado, mas eu acredito que ainda não é uma coisa efetiva, sabe? Acho que falta muita compreensão da instituição, da importância da mulher como um cargo de liderança. (Entrevistada 06)

Uma das entrevistadas, que enuncia no excerto (014), expressa seu incômodo em relação a ausência de mulheres a frente da instituição. Em sua fala, repete que, em todas as atividades que desempenhou, sua atribuição era a de vice, atrelando as funções superiores a uma figura masculina. Pode-se extrair, ainda, deste trecho, um ponto comum, citado por diversas pesquisadas. As instituições reforçam o que é pontuado na bíblia onde o homem é colocado como o cabeça da família, cabendo a ele a tomada de decisão tanto nos lares quanto nos espaços dos templos.

Pudemos encontrar, nas mais variadas respostas, a ausência de mulheres nos altos cargos das instituições e a vinculação de papéis ligados à funções masculinas. Os requisitos para exercer os cargos apresentam, também, critérios que só se completam com aqueles de uma figura masculina, que muitas vezes é a de um marido, que tem funções de liderança nas



igrejas e com isso suas esposas desempenham funções que não podem ser realizadas por mulheres solteiras. Tal fato parece corroborar o que fora colocado por Algranti (2007) ao analisar, por meio de passagens bíblicas, as relações que oferecem às mulheres papéis secundários e de auxílio aos seus maridos.

(016) Não tem uma pastora, falo assim, à frente. Na presbiteriana não tem uma pastora, líder, mas eles têm a SAF, Sociedade Auxiliadora Feminina. Então as mulheres sempre estão à frente, a mulher do pastor é uma pastorazinha, todo mundo fala. (Entrevistada 10)

O trecho (016) ratifica a ideia da perda da identidade feminina em relação a submissão à uma imagem masculina, submetendo-as à funções limitadas e tirando seu protagonismo nas atividades. Destaco, aqui, a maneira com que as entrevistadas referiram-se as esposas dos pastores, as quais exerciam ou exercem algum tipo de liderança nas instituições. A identidade dessas mulheres é invisibilizada e estas são alocadas como partes do todo que é o pastor. Tal realidade pode ser comprovada pelo uso no diminutivo na referência à esposa do pastor, no fragmento (016), demonstrando, mesmo que linguisticamente, menor relevância em relação ao papel do homem na instituição.

(017) Tinha sempre o pastor e a mulher do pastor, ou seja, ninguém sabia o nome dela, era sempre o nome dele e era só a mulher do pastor que ficava assim como se fosse um anexo, sabe. Segurando microfone ou emendando a música quando ele não queria mais emendar ou os cargos de tipo ficar na porta recebendo, repondo copo, cuidando das crianças, sabe. (Entrevistada 04)

(018) É muito difícil, assim, eu já fui de igrejas que tem pastor mas não tem pastora, é a mulher do pastor. Já fui de igrejas que tem o apóstolo mas não tem a apóstola, é a mulher do apóstolo. Então normalmente eram cargos assim, ou era da interseção, que é o pessoal da oração, e raramente no ministério de louvor, mas é bem difícil. (Entrevistada 11)

O discurso apresentado pelo trecho (017) disserta sobre as atribuições que são concebidas como femininas e a imagem da mulher do pastor novamente como parte do absoluto. Não é raro de encontrar na bibliografia (SOUZA, 2015; ALENCAR E FAJARDO, 2016), as diversas vezes que as mulheres tiveram sua participação invisibilizada na construção da história das instituições evangélicas. O que pode, aqui, ser colocado em comparação no desenvolvimento das organizações das entrevistadas, onde embora as mulheres desenvolvam funções ligadas diretamente ao funcionamento das igrejas, não tem sua participação ligada a nenhum mérito.

Obtivemos as respostas anteriores quando questionamos as entrevistadas sobre a aceitação de lideranças femininas nas instituições frequentadas. Adentramos, então, nas atividades que essas mulheres desenvolveram ou ainda desenvolvem dentro de suas

denominações religiosas. Reforçando o que fora diagnosticado por elas, encontramos em suas explicações diversas funções que permanecem na divisão organizacional que atribui as mulheres papéis de cuidado.

(019) Eu sou líder em treinamento de criança né, que lá tem um ministério infantil, sou líder de jovens em uma célula de jovens e é isso. (Entrevistada 01)

(020) Eu cantava, eu dançava, eu fazia teatro, eu dava aula para as crianças de nove a doze anos, eu fazia tudo que precisava, até limpar a igreja de vez em quando eu ia lá e limpava quando a zeladora não podia ir, então o que precisava eu estava lá para fazer. (Entrevistada 05)

(021) Eu ainda participo do ministério infantil lá, eu trabalho na parte do ministério infantil. E durante uns 6, 7 meses eu fiz parte do grupo de jovens também, com os adolescentes, tinham uns 7 ou 8 adolescentes. E as crianças lá devem ser umas 7 ou 8 também. (Entrevistada 14)

No universo pesquisado de quinze entrevistadas, onde sete são mulheres atuantes em instituições evangélicas, apenas duas desempenham cargos de liderança frente a suas igrejas. As demais alocam-se no quadro de funções secundárias e organizativas.

Muitas são as maneiras que as fiéis descrevem a figura do líder religioso no seio das instituições. As lideranças religiosas, em sua maioria na imagem do pastor, perpassam diferentes tipos de autoridade, entretanto, sempre caracterizando uma autoridade maior dentro das denominações. De características mais flexíveis e relacionamentos mais íntimos entre pastor e fiel à atributos mais impositivos e inquestionáveis, as respostas sobre a autoridade religiosa pairaram, em sua totalidade, sobre a figura masculina, embora exista dentre as pesquisadas mulheres líderes.

(022) Eu acho que é uma autoridade tranquila, porque ele é uma pessoa bastante engraçada, então ele tenta ter um relacionamento íntimo, entendeu? De companheirismo, de amizade, de conhecer mesmo, de sentar, conversar, entender a história e eu poderia descrever isso, não é uma autoridade de pegar a vara e querer bater, entendeu? Mas é uma autoridade que também é muito séria que é contada na bíblia que é pautada na palavra que realmente tem um compromisso, mas uma autoridade que eu não vejo como uma má, entendeu? (Entrevistada 15)

Corroborando com o que pontuamos, a imagem feminina nas instituições está vinculada a papéis masculinos, isso fica nítido quando nenhuma das entrevistadas descreve a liderança religiosa pelas pastoras e outras atribuições destinadas as mulheres. No excerto (022), para ilustrar, temos a resposta de uma das mulheres fiéis que está hoje vinculada a uma instituição neopentecostal e que se coloca de maneira mais aberta na aceitação feminina em cargos de liderança.

Questionamos, também, sobre os processos que levaram estas mulheres a exercerem tais atividades. Enquanto algumas igrejas apresentam claros processos de treinamento e oferecem cursos para o desenvolvimento de suas funções internas, outras encaminham para as atividades os fiéis que já encontram-se envolvidos nas tarefas e já estão presentes na instituição a algum tempo.

As mulheres justificaram a ausência de processos com a questão da disposição de tempo despendido para as atividades religiosas. Nas denominações que existem claros processos de formação para o desempenho de atividades, em sua totalidade, fornecem cursos e seminários para capacitar os fiéis. A formação acontece gradualmente e é voltada especificamente para a área de atuação de interesse do fiel, ressaltando, aqui, que existem critérios para se assumir posições de liderança, logo, formações para pastores são diferenciadas e acompanhadas de outros fatores. Existem, também, cursos que são ofertados pelas instituições que englobam temas cotidianos de modo a prepará-los para se manterem em fé nos percalços da vida, como exemplificado no fragmento (023).

(023) Então, depende do que a pessoa vai fazer né, para pastor tem, tem um seminário de pastores, tem até as cidades centrais assim, São Paulo tem um centro de formação e tal tem também a escola bíblica que é para, qualquer pessoa pode fazer para exercer qualquer cargo de liderança, né, é para estudar mesmo mais teologia, as questões dos fundamentos da fé que a gente chama de Bel, é a escola bíblica. E assim às vezes para algumas coisas mais específicas tem algum curso assim para trabalhar com criança mesmo, de, voltado a, como lidar com criança, esse tipo de coisa as vezes mais específico, mas são cursos menores, entendeu? Esses cursos principais é seminário e, e, e essa escola bíblica. (Entrevistada 03)

A rigidez estabelecida pelas instituições foi pautada quando buscamos entender as dissidências, tanto das mulheres que não são mais atuantes no meio evangélico, quanto das que ainda inserem-se em alguma instituição. O medo estabelecido pela crença no céu e no inferno é o princípio básico para compreender a inquietude de algumas dessas mulheres sobre as práticas das igrejas. O legalismo também foi marcado nas entrevistas, além da busca por aceitação e isenção de julgamentos, fato comum entre as mulheres que continuam a frequentar as instituições. Consideram que não deva existir um mérito específico para aqueles que buscam e acreditam na salvação divina, reforçam a importância do acolhimento e apoiam-se na preleção do amor ao próximo.

(024) A anterior, na minha época que eu ia era muito legalista. Eles pregavam muito lei. Que que pode, que que não pode, que que é certo, que que é errado. Essa que eu vou eles pregam a graça. Que o que não importa não é a suas ações, assim importa também né, mas eles não te julgam pelas coisas que você faz. (Entrevistada 01)

Dentre as mulheres que dissidiram e optaram por não mais se vincularem a organizações religiosas, a inserção no meio acadêmico teve grande impacto e foi citada por muitas delas. A mudança do meio social aparece, também, como ponto comum à essas mulheres, que relatam que o suporte recebido fora de igreja fora essencial para que compreendessem que suas inquietudes e embates justificassem a ruptura. Questionamentos referentes a outras crenças e religiões foram, também, pontuados pelas entrevistadas. A inquietação sobre a crença inquestionável que lhes era oferecida foi motivo de conflitos que contribuíram para que, no final, o rompimento com as instituições ocorresse.

(025) Que eu tinha mais uma rede de apoio fora da igreja, comecei a ter outros amigos, comecei a estudar outras coisas, que falavam, tipo antropologia, fiz dois anos de direito, aí eu, tipo estudei antropologia, aí eu falava assim gente tem milhões de religiões no mundo e todo mundo acha que a deles é a certa e eu estou aqui muito a dona da verdade né, e aí eu fui tipo assim, quebrando uma coisa, não véi não preciso disso não aí eu fui rompendo. (Entrevistada 07)

(026) Quando eu entrei na universidade eu tive uma outra visão. Então eu passei a ver as coisas de uma forma um pouco mais crítica. Porque quando você tá dentro da igreja, você é totalmente doutrinado, você não foi feita pra ser um ser crítico. É só aceitar e pronto, o que eles falarem, e sempre o superior tem a razão. Quando eu entrei na universidade eu tive outra visão. Eu comecei a conviver com pessoas diferentes, de outras religiões, totalmente distintas do que eu tinha costume. Aí eu comecei a ver que o que eu tava aprendendo não era certo. (Entrevistada 11)

Conforme mostram os fragmentos (025) e (026), o espaço de socialização da universidade foi fundamental para o apoio na tomada da decisão de ruptura. O convívio com a diversidade para a formação de um pensamento crítico é citado de maneira comum, pontuando o meio acadêmico como espaço de libertação. Validando o que fora pontuado por Ferreira (2014), que coloca a socialização como uma das três dimensões fundamentais da universidade, aliada ao processo de aprendizagem e o futuro profissional.

Ainda ressaltando o que se apresenta no excerto (026), temos a compreensão da socialização no âmbito da igreja, que congrega suas práticas e as tradicionaliza, passando os moldes que devem ser adotados por seus fiéis. No caso das pesquisadas, recebemos diversas explicações sobre maneiras com que estas tem que se apresentar (fragmentos (024), (026)), ficando, por vezes, o questionamento se as orientações são passadas da mesma maneira para homens e mulheres ou se o espaço de conformação pende mais para um dos gêneros.

Embora grande parte dessas mulheres não tenham, de fato, se sentido parte de suas instituições ao longo da vida, o processo de saída do contexto religioso ocorreu, concomitantemente, com o processo de amadurecimento intelectual e a busca pela compreensão de novas perspectivas que não haviam sido estimuladas dentro das igrejas.

(027) Porque eu nunca, nunca me senti a vontade lá, nunca, como que eu posso dizer, eu nunca concordei com nada, só que eu também nunca pude sair, aí quando eu pude sair eu saí. (Entrevistada 02)

A violência e a opressão dentro das organizações foi, também, referenciada pelas entrevistadas. A questão da submissão feminina nos espaços religiosos, a pregação do medo e o dualismo imposto dentro do meio evangélico resultou, do mesmo modo, em rompimentos com essas instituições. De todas as formas, a saída do meio social religioso para outros contextos sociais, principalmente o acadêmico, deu o suporte para que estas mulheres se compreendessem como mulheres e buscassem perspectivas de libertação, a despeito de que muitas delas buscaram no estudo bíblico e religioso a resposta para seus questionamentos.

(028) Ai, uma coisa que eu sempre achava ruim era o valor de submissão da mulher, mesmo que sempre quando tinha aquela palavra assim, que tem uma palavra na bíblia que fala “o homem é a cabeça e a mulher é a cauda”, alguma coisa assim, ou que “a mulher edifica o lar e o homem meio que comanda”, sabe, sendo que não é assim. Na verdade, na realidade a mulher é comanda mais que tudo e não tinha que ser assim. (Entrevistada 04)

(029) Entrei na faculdade e na aula de sociologia da educação eu conheci o feminismo, que até então era demonizado, eu nunca quis saber porque eu sempre aprendi que não, que não. Era um movimento totalmente anticristão então não precisava saber nem me envolver com aquilo, até que eu pesquisei sobre e a professora foi contando a trajetória dela, que ela descobriu o feminismo porque ela apanhava do marido em casa, e ela largou do marido, fez uma graduação e nossa, ele é melhor as vezes do que a própria religião, eu fiquei pensando comigo... Porque a religião te prende, o feminismo libertou ela, ai eu fui conhecendo, fui estudando, fui estudando a bíblia, fui estudando a história da religião mesmo, e eu falei “Não, não é para mim”, eu me descobri bissexual e falei “Não, não é para mim mesmo”, se eu voltar para a igreja e alguém sonhar na vida que eu sou bissexual eu estou f\*\*\*\*\*, então abandonei. (Entrevistada 05)

No fragmento (029), o que é colocado em evidência é a relação da instituição frequentada e o feminismo. A entrevistada enfatiza a maneira com que o movimento era colocado pela instituição como anticristão e que pregava práticas contrárias a igreja. Entretanto, em sua própria trajetória, a mulher teve contato com outra face do movimento, na prática, onde pôde compreender que o que lhe era instruído, por vezes, limitava sua visão para que esta se enquadrasse nos padrões estabelecidos pela denominação. Cabe-nos, aqui, penetrar no questionamento dos motivos que levam a instituição em questão a se posicionar desta maneira em relação ao movimento feminista Apesar de compreender a bíblia como livro base das instituições evangélicas, pode-se inferir que tal conduta consinta em manter situações de violência e opressão ocorridas em seu cerne.

Em nenhuma das entrevistas, o processo de rompimento com as instituições foi considerado um processo fácil. O hábito e a inserção no meio religioso gerou conflitos

internos e a dissidência como produto final dessa relação foi caracterizada em meio a rupturas familiares e de práticas que foram cultivadas ao longo da vida.

Ainda nesse sentido, quando questionadas as entrevistadas atuantes sobre a sua frequência nos cultos, obtivemos respostas assíduas, onde é parte de suas rotinas despender um tempo semanal para as atividades religiosas. Algumas, ainda, indicaram participar de mais de um culto por semana, além de estarem presentes também em reuniões e grupos. Mencionaram, ainda, estarem envolvidas em outras atividades, como reuniões de jovens, escola dominical, grupos de oração e atividades propostas para além do âmbito da igreja, entre os fiéis, como a prática de atividades físicas.

Entendendo a pluralidade de vertentes das instituições, questionamos as mulheres sobre as ações que são desenvolvidas pelas igrejas e voltadas para a comunidade. Mariano (1999) apontou, em sua obra, no caso dos neopentecostais, que apoiando-se na teologia da prosperidade, não voltam suas ações para o assistencialismo, diferindo das atividades tradicionais desempenhadas por instituições religiosas. Por sua vez, as fiéis citaram atividades como evangelização voluntária em abrigos, creches, trabalho com refugiados através de ONG's, arrecadação de alimentos e roupas e acolhimento para pessoas em situação de dependência química. Ação que é descrita de maneira comum entre as mulheres atuantes no meio evangélico é, entretanto, a doação, seja ela de alimentos ou roupas e agasalhos. Tais ações voltadas, normalmente, à pessoas em situação de vulnerabilidade.

(030) Na minha igreja também tem ação social uma vez por mês, onde tem corte de cabelo, um evento com as crianças, e tem as cestas básicas que são mensalmente também, que a gente compra. (Entrevistada 09)

Perguntadas sobre a especificidade de públicos das instituições que frequentam, uma minoria de fiéis pontuou que o público específico de suas instituições é o público jovem e que, para isso, as organizações desenvolvem atividades e se movimentam nas redes e em atividades sociais para manter essa busca. As demais entrevistadas, em sua maioria, afirmaram não existir público alvo, declarando que a evangelização é para todos e que dentro de seus contextos cada um busca por seus semelhantes.

(031) Não, uma faixa etária, talvez? Não. É a todos. Então cada um busca, por exemplo, nós jovens nos responsabilizamos pelos jovens da cidade, cada um tem um foco. Tem a união de mulheres, tem os mais velhos. (Entrevistada 10)

Das mudanças ocorridas no meio evangélico nas últimas décadas, a movimentação que contribuiu para o aumento do número de fiéis é a aceitação das novas instituições sobre os valores mundanos. Encontrar organizações que declaradamente buscam públicos específicos

para sua clientela ratifica o que fora colocado por Jungblut (2007), que analisa as formas de relação entre religiosos e a cultura social que a eles perquire, justificando sua expansão numérica e apontando a quebra de seu tradicionalismo e sectarismo.

No que diz respeito ao histórico das instituições, questionamos se as mulheres inseridas nessas igrejas tem conhecimento de sua fundação e de suas figuras principais. O que obtivemos foi uma noção, muitas vezes, superficial de como estas organizações tornaram-se o que são hoje. Foram citadas algumas figuras dentro dos históricos. Entretanto, as pesquisadas responderam, timidamente, sobre a estruturação de suas igrejas. As rupturas, entretanto, ocorridas para o surgimento destas instituições, foram pontuadas, compreendendo, então, as pesquisadas sobre as discordâncias litúrgicas que ocorreram no desenvolvimento das denominações. Embora exista a noção por parte das mulheres das divergências ocorridas para a criação de novas instituições, é nítido o desconhecimento aprofundado sobre as causas dessas rupturas e os caminhos tomados entre as instituições que surgiram de um mesmo tronco originário.

(032) Então, a presbiteriana ela foi fundada com um pastor americano que chegou no Brasil, mas eu não sei muitos detalhes não, eu sei que eles chegaram, a igreja presbiteriana tinha uma cultura mais rural né, ela era mais, depois começou a vir para cidade, mas, detalhes da fundação não sei te dizer não. (Entrevistada 03)

(033) Olha, mais ou menos, foi uma história que aconteceu lá em Belém, um cara lá, eu lembrava dessa história de cor, mas hoje em dia eu não faço ideia, muito tempo um cara veio para cá de outro lugar e fundou lá em Belém e acabou que teve uma separação, hoje em dia tem a Missão aos Povos e uma outra a Madureira, então teve essa separação, mais ou menos isso. (Entrevistada 06)

O que nos chama atenção nos fragmentos (032) e (033), além das demais descrições das entrevistadas sobre a história de suas instituições, são as referências aos personagens masculinos, não existindo, em seus discursos, a contribuição de mulheres para o desenvolvimento das denominações. Podemos então, novamente, articular aqui o que fora proposto por Candiotta (2010) e Souza (2015), que apontaram, em seus estudos, que a retirada das mulheres da história da construção das organizações serve de manutenção para a estrutura patriarcal posta.

Buscando encontrar pontos comuns entre as pregações das instituições evangélicas das pesquisadas, traçamos questões sobre o que são considerados como aspectos doutrinários principais para estas mulheres. As explicações sobre estes aspectos fluíram em várias direções.

(034) A bíblia como principal texto a ser seguido, nada além da bíblia, a salvação apenas mediante cristo, toda glória para Deus né, não, não para, você não deve buscar o seu próprio, a sua própria ascensão mas sim a de Deus e, e, e o amor ao próximo, que a salvação é apenas mediante a fé, não, não existe como eu fazer alguma coisa que me dê a salvação mas apenas eu acreditar naquilo, e é basicamente isso, são esses principais pontos, que, que eu acho que são. (Entrevistada 03)

(035) Eu acho que é esse negócio da bebida alcoólica, né? Eles são totalmente contra, o sexo antes do casamento também e algumas vestimentas. (Entrevistada 09)

(036) Velho, eu acho que... Não tem assim sabe? Não tem uma doutrina, uma regra, não que eu tenha identificado pelo menos, sabe? (Entrevistada 14)

Enquanto algumas mulheres recordaram-se e pontuaram proibições e limitações impostas por suas igrejas, outras se basearam bíblicamente e caracterizaram suas doutrinas e outras enfatizaram a ausência de doutrinas. A diversidade nas descrições reflete a tradição adotada por suas instituições ou os novos moldes utilizados pelas igrejas.

### **3.2 Gênero e Família**

No que se refere ao contexto familiar das pesquisadas e as dinâmicas estabelecidas, percorremos o caminho que buscasse compreender como as questões de gênero influenciam e afetam as relações existentes. Buscamos, assim, compreender, a partir do contexto familiar, como são colocadas as mulheres nas atividades e as possíveis maneiras de opressão e perpetuação do modo patriarcal de sociedade. Para entender o que é atribuído, hoje, às mulheres no seio doméstico, procuramos apreender como são distribuídas as tarefas relacionadas a manutenção do lar. Com quem e como essas mulheres dividem, ou não, essas funções foi o ponto de partida para essa compreensão.

Percebendo a pluralidade de conformações de famílias das entrevistadas, adentramos em seus contextos familiares questionando-as sobre com quem moram e como são estabelecidas as atividades domésticas, se há divisão de tarefas e a quem é atribuído este cuidado.

O aumento da colocação feminina no mercado de trabalho e nos espaços sociais que antes eram dispostos apenas à homens traz consigo o afastamento da mulher da realidade imposta à ela ao longo dos anos de desenvolvimento da sociedade androcêntrica e patriarcal existente. A dupla jornada incumbida aos novos sistemas de família abrem precedentes para uma divisão de trabalho mais igualitária e compartilhada. Jablonski (2010) apontou, em um estudo, como se estabelece a negociação de tarefas domésticas em meio ao movimento de emancipação feminina e a inserção de mulheres no mercado de trabalho. O autor constatou que o peso maior sobre o cuidado do lar, ainda em meio as demandas do movimento feminino, recai sobre a mulher.



Nas explanações das entrevistadas, encontramos diferentes sistemas de divisão de tarefas. Entretanto, mesmo onde foi pontuado a existência desse sistema, a responsabilidade maior pela manutenção do lar é essencialmente feminina.

(037)Assim, lá em casa, minha mãe trabalha e cuida da família, meu pai trabalha e paga as contas da família. (Entrevistada 02)

(038)Ele sempre foi de ser o que paga as contas e minha mãe a de que é presente, sabe, que educa realmente que ia nas escolas, que ensinava realmente pra gente as coisas da vida, meu pai era o provedor. Tarefa doméstica era sempre nós mesmas eu, minha mãe, minha irmã. Meu pai fazia mais coisas de consertar alguma coisa em casa. (Entrevistada 04)

(039)Meu pai não fazia muita coisa não, minha mãe fazia mais, inclusive me irritava muito porque tinha aqueles eventos de família e tal e os amigos convidados, aí ficava só as mulheres na cozinha, aquele negócio né, e os homens sentados na sala vendo não sei o que. Porque o povo não bebe né, porque crente não bebe. Aí era isso, meu pai fazia coisas tipo assim, consertar carro, vê lâmpada que coisou, é tipo isso. (Entrevistada 07)

(040)Não, meu pai assim acho que ele se acomoda bastante, eu vejo ele muito acomodado, de só trabalhar e colocar o dinheiro em casa. Eu e minha mãe, pesa muito para ela, eu ajudo no que eu posso o tempo todo, mas quem está na lida o tempo todo é ela. Mas a gente não divide por isso não, porque as vezes meu pai dá na telha e dá umas ajudada também, mas ele é bem acomodado. (Entrevistada 10)

(041)Esse é um ponto. Lá em casa meu padrasto não aceita fazer nada. Então é função da mulher. E acaba que fica pra minha irmã, porque eu fico na faculdade o dia inteiro e a minha mãe trabalha, então ela que faz tudo. (Entrevistada 11)

Em meio as dissertativas que colocam a mulher sempre incumbida da maior parte das tarefas domésticas, encontramos como ponto comum, entre as pesquisadas, a figura masculina, no contexto doméstico, como provedor, isentando-o das demais atividades existentes. Para além da compreensão do homem como provedor da família, pudemos apreender nas falas das mulheres entrevistadas o incomodo pela alocação feminina nas tarefas de cuidado do lar.

Outro ponto destaque, mostrado pelo excerto (037), consiste na incumbência da criação dos filhos voltada, quase que exclusivamente, às mulheres. A função principal, estabelecida socialmente e reforçada pelos moldes das igrejas, é de que o homem seja quem comanda a família. Entretanto, na prática, exercer essa função não lhe compete estar na divisão de tarefas e participar ativamente da educação dos filhos.

Na busca de compreender como se estabeleceram as relações existentes hoje, procuramos, em suas explanações, encontrar o que é preestabelecido como sendo competências femininas e masculinas. Neste sentido, reforçando o que foi colocado por estas mulheres ao longo das entrevistas, encontramos à ela delegadas as obrigações de cuidado (fragmento 042).

(042)Eu já tive muita briga com meu pai por causa disso, quando eu vinha crescendo, tem aquela coisa que você como mulher você tinha que limpar a casa para eu ganhar o meu dinheiro, já os meus irmãos ficavam atoa e ganhavam o mesmo dinheiro, então assim, tinha essas questões que até hoje meu pai me fala que eu tenho que arrumar o guarda-roupa do meu irmão se eu estou atoa aqui, tipo essas coisas nada a ver. (Entrevistada 12)

Ainda no sentido de compreender o que é preestabelecido quanto as estruturas domésticas e familiares, encontramos, no trecho (043), a percepção da entrevistada a respeito da opressão existente quanto a emancipação e autonomia financeira feminina, dentre as diversas formas de opressão existentes, a financeira cumpre papel fundamental para a manutenção da subordinação feminina, como pontuou Siqueira (2002), analisando as assimetrias do gênero na organização da sociedade.

(043)Acho que essas regras já tão estruturais, nem precisa de regras assim, nem precisa falar né, é uma coisa que parece que é natural, mas não é. E assim tinha uma coisa muito foda também que meu pai ele sempre trabalhou, mas quando minha arrumava um trampo ou quando ela queria estudar ou fazer um curso ele sempre jogava algum empecilho tipo “cê tá indo pra esse trampo, cê tá arrumando quem lá”, “por que que você que quer tanto trabalhar nesse lugar”, “por que você está querendo estudar”, sabe, aí ele sempre falava sai desse trampo que eu te dou um dinheiro por mês e no final, tipo, o dinheiro que ele prometia nem era igual o salário e mesmo assim ele não dava o que ele prometia, ou seja, ele submetia a minha mãe ficar em casa, aí depois de vários anos desse jeito minha mãe separou dele tal, foi bem difícil pra minha mãe se adaptar a arrumar um trampo, acordar cedo pra saber pra arrumar um trampo porque meu pai toda vez que ela queria trampar ele tipo arrumava uma briga pra ela poder sair sabe. (Entrevistada 04)

Dentro do entendimento sobre as competências femininas, de maneira semelhante à questões que trataram da percepção sobre o que é o ser mulher, nos diferentes âmbitos das vidas das pesquisadas, as questionamos sobre suas compreensões do que é o ser mulher na família.

(044)Ser mulher? É você ser, é você que guia a família, você ser o corpo né, que ajuda a cabeça. (Entrevistada 01)

(045)Eu acho que, historicamente falando, querendo ou não, por mais que por exemplo na minha casa seja mais flexível, tem aquela coisa de, tem um encargo sobre a mulher né, tanto comportamental, quanto de papéis de gênero mesmo. (Entrevistada 03)

(046)É ser líder.. eu acho que a mãe é a base de tudo dentro de uma casa, a mulher tem uma sabedoria gigantesca para poder fazer qualquer coisa, a gente faz mil coisas e os homens consegue fazer uma de cada vez. (Entrevistada 06)

(047)Eu acredito que é companheirismo, que é uma via de mão dupla. Querendo ou não somos diferentes, homens e mulheres, biologicamente falando somos diferentes. Então acredito que é se completar, todo mundo fala que homem usa mais a razão a mulher mais a emoção. Então acredito que mulher é trazer o equilíbrio, inclusive na palavra fala disso, a gente vê

o mundo de um jeito, eles de outro jeito. Até assim quando a gente fala de dirigir carro, mulher tem visão mais periférica, o homem a questão de noção de espaço. (Entrevistada 10)

No sentido de compreender o que o ser mulher influiu no seio familiar, encontramos, novamente, a percepção da mulher em complemento a figura masculina. Como exposto, nos fragmentos (044) e (047), a noção preestabelecida dos atributos femininos que colocam a mulher como auxiliadora do homem, responsável pela família, vem ligada a características emocionais e assume uma perspectiva de equilíbrio, quando é colocado que o homem precisa deste contrapeso em sua vivência.

A capacidade de ser multitarefas é, ainda pontuada no excerto (046). Entretanto, cabe-nos aqui ressaltar que tal atribuição pode-se dever ao fato da mudança nos papéis sociais estabelecidos para as mulheres e com isso o acúmulo de funções, sobrecarregando-as e mantendo a estrutura que oprime e as coloca inseridas em diversas funções por serem tradicionalmente femininas.

Já o que é colocado pela entrevistada no trecho (045), é a cobrança maior que é feita em relação ao comportamento feminino e a delegação de papéis relacionados ao gênero. O incômodo é percebido quando esta justifica esse padrão, por razões históricas, pela diferença no seu contexto familiar, e ainda assim pontua o encargo maior direcionado às mulheres.

O fragmento (048) indica a vontade de quebra dos paradigmas estabelecidos que delegam à mulher a obrigação de desenvolvimento de atribuições que resultam na construção de uma imagem patriarcal de família, onde é dever feminino o conhecimento de práticas de cozinha e limpeza. Tal realidade parece corroborar o proposto por Villas-boas, Oliveira, e Heras (2014), que pontuaram que o desejo na mudança dos modelos familiares estabelecidos é maior entre as mulheres.

(048)Então ser mulher vem muito aquele negócio você cozinha agora você pode casar, e eu não quero casar, caramba. Não é isso que para mim é ser mulher. Para mim ser mulher é ser como uma pessoa qualquer, todo mundo deveria ser tratado igual, não tem isso de mulher ser isso ou mulher aquilo. Como minha prima falou, lugar de mulher é onde ela quiser. Então para mim mulher é isso. Dentro da família não é visto assim, minha família acha ruim eu não ter casado, meu pai principalmente acha ruim eu não limpar casa o dia inteiro, exige muito isso de mim. (Entrevistada 13)

Em contrapartida ao que fora questionado sobre o ser mulher no ambiente familiar, buscamos perpassar pela compreensão das entrevistadas sobre o que é ser

homem, a figura masculina e suas atribuições no contexto doméstico. Embora a prática, apresentada pelas entrevistadas no decorrer desta pesquisa, tenha circundado a posição do homem como provedor da família, as mulheres não deixaram de pontuar suas percepções contrárias à esta estrutura.

(049)Eu acho que existe uma cobrança muito ruim, assim, em relação aos homens né, mas que eles sentem menos as consequências do machismo, o homem ele tem, cai sobre ele aquela tarefa de ser provedor, que até a própria igreja fala sobre isso né, de que ele tem a responsabilidade de sustentar a casa, ele tem uma responsabilidade para com as mulheres, é, que ele que ele tem que ser menos sensível né, a tarefa dele dentro de casa é mais uma tarefa de sustento e administração né, e que eu acho que é uma carga que às vezes cai sobre, sobre os homens e que até influenciam na forma como eles tratam a gente sabe? Eu percebo muitas vezes no meu pai algumas atitudes que eu considero machistas, mas que, para ele, ele está me protegendo, entendeu? Então é muito essa mentalidade né. (Entrevistada 03)

(050)Eu não vou dizer que é ser provedor porque eu acho que eu sou totalmente contra isso. É uma pessoa, sei lá, que respeita, que sabe ser pai, que sabe ser filho, que sabe ser irmão. (Entrevistada 09)

(051)Para mim, o papel do homem é igual ao da mulher, lá em casa foi sempre muito bem pregado isso, mas assim, na visão geral, a minha avó sempre ficou em casa cuidando das filhas e o meu avô sempre foi trabalhar, sabe? (Entrevistada 14)

Os moldes tradicionais, perpetuados na sociedade patriarcal estabelecida, alocam a mulher ao âmbito doméstico, atribuindo diversas restrições às suas vivências, que somadas aos costumes religiosos perpetuam a compreensão das limitações e possibilidades, ou não, da inserção feminina nos diversos meios.

(052)Minha mãe coitada, ela sofre muito com isso, ela não pode fazer nada na verdade. Tipo assim, tudo que ela quer fazer, meu pai já, tipo, a isso não é hora de você estar na rua, muito mesmo, até as coisas da igreja mesmo, tem coisa que é oito horas da noite, por exemplo as reuniões lá da igreja, tudo mais, aí meu pai fica, a porque isso não é hora de você tá na rua, mulher casada não fica na rua essa hora.... (Entrevistada 02)

(053)Mesmo eu morando com meus avós e minha mãe não morando comigo porque meu padrasto não gostava de mim e até hoje não gosta, ela não deixava eu frequentar nenhuma das festas de quinze anos das minhas amigas que não fossem da igreja, eu nunca fui em nenhuma da escola, nenhuma, esses dias até eu achei alguns dos convites guardados lá, eu não fui porque minha mãe aprendeu na igreja que eu não poderia me envolver com essas coisas do mundo. Eu tinha que lavar louça, cuidar da casa, fazer comida, ir para escola, estudar, ser inteligente, fazer todas as coisas da igreja enquanto meu tio, por exemplo, que morava com a gente, ele não fazia nada o dia inteiro e ainda reclamava se eu não fazia a comida dele, porque eu sou a mulher, eu deveria ter feito aquilo... Fazer o que? Criação. (Entrevistada 05)

Nos excertos (052) e (053), apresenta-se a ideia de que, embora as mulheres

estejam envolvidas no contexto religioso, desempenhando funções, ainda assim as restrições estão presentes. As limitações, presentes de maneira explícita, inserem-se na apreensão de que existem lugares, horários e atividades que não devem ser ocupados por mulheres, e principalmente, mulheres evangélicas.

(054)A sim, não podia sentar nem desse jeito que eu estou, ficar com a perna fechada, usar roupas de menina, de mocinha, que eu era uma princesinha ainda, aí que mais, a esporte tinha que ser esportes que não tem contato físico, sabe, meus primos ia fazer uns rolê muito aventureiro de aventuras eu não podia, estou inventando até palavras, é, não sei, tinha sim coisas definidas, de mulher, boneca etc. Na época eu adorava brincar de carrinho ficava querendo ter os carrinhos bonequinho minha mãe não deixava, não queria me dar os bonequinhos, os carrinhos, essas coisas. (Entrevistada 07)

(055)É tipo, o meu irmão podia sair de noite e fazer o que ele quisesse porque ele era homem. Ele podia beijar as meninas porque ele era homem. (Entrevistada 09)

(056)Sim, nossa isso é... Igual falavam, eu não podia ser uma engenheira porque engenharia é um cargo pra homem, é função de homem. Eu tinha que fazer alguma coisa assim, mais de mulherzinha. (Entrevistada 11)

Demais restrições, relatadas pelas entrevistadas, transpassam comportamentos e atividades que se enquadram em nichos, divididos em masculinos e femininos, pelo modelo androcêntrico de sociedade posto. As relações e situações descritas, apontam em comum, a clara divisão entre o que é incumbido a mulher e ao homem, apontando por si, onde se iniciam as desigualdades pelo gênero.

Neste sentido, situações que expressam a desigualdade de gênero, iniciada no contexto familiar pelas divergências entre a criação de meninas e meninos, foram colocadas pelas pesquisadas. A crítica presente em suas falas é indicador da consciência de opressão vivida, que tem a condição de naturalizar e perpetuar os moldes existentes que colocam as mulheres em subordinação à figura masculina.

(057)A única coisa assim que me marcou, porque eu tenho um tio que é bem cabeça fechada, então ele é um pouco ignorante. Lembro que uma vez, eu e minha prima estávamos conversando, e meu priminho estava mexendo no celular, meu primo filho dele. O filho dele estava mexendo no celular, aí ele falou estão de rolo né? Brincando assim. Aí ele falou assim, meu filho vai beijar todas, porque ele é macho, falando desse jeito. E aí eu e minha prima subiu um negócio assim, a gente falou, ele tem uma filha também, a Helena pode beijar todos, né? Não, ela não. Minha filha não. Aí eu falei, pois é. Vai sim, porque ela vai ser beijada pelos caras que tem um pai igual você está fazendo com seu filho. Então se os pais ensinarem os filhos a respeitarem as meninas, você não vai precisar proteger a sua menina. Eu pude vivenciar em um só pai, as duas vertentes, o filho é o machão que pode beijar todas, e a filha dele não pode ser beijada. (Entrevistada 10)

(058)Muitas. Eu não podia sair, porque eu era mulher. Eu não podia usar algum tipo de roupa, porque eu era mulher. Não podia ir a certos lugares, porque eu era mulher. Principalmente pelo meu pai ser policial e ver só coisa ruim na vida, ele só imaginava o pior das situações, nem no quartel eu podia ir, porque só tinha homem, ele não gostava que eu fosse. Eu tinha que voltar da casa para escola, meus irmãos podiam jogar bola. Eu tenho dois irmãos mais novos, eles podiam jogar bola, podiam sair sem avisar. Eu não, eu tinha que avisar, deixar por escrito onde eu ia, que hora eu ia, que hora voltava, telefone da pessoa. Então eu tive muitas restrições por ser mulher, na adolescência principalmente muito mais vigiada. (Entrevistada 13)

As desigualdades de gênero legitimam-se e naturalizam-se por meio de diversas estruturas da sociedade, no ambiente doméstico. Atenuadas por costumes religiosos, essas desigualdades perpetuam os moldes existentes de maneira tradicional, inserindo a cultura que oprime as mulheres nos costumes e práticas e passando-os entre gerações.

Um outro ponto abordado pelas entrevistadas constitui na temática da violência doméstica, os altos índices de violência contra mulher e feminicídio são indicadores de que a opressão existente para a manutenção do patriarcado ultrapassa à subordinação feminina nos espaços sociais e coloca as mulheres em situação de medo e insegurança pela cultura de posse masculina estabelecida, como pode ser esclarecida no fragmento (059), que aponta o ciúme como causa da violência.

(059) Violência contra a mulher não, mas um tio muito ciumento, sabe? Mas não chegou a ponto de agressão física, mas assim uma agressão verbal, um terror psicológico. (Entrevistada 10)

Para instaurar-se, o patriarcado se apoiou na noção da necessidade do homem para gerar a vida, acompanhando as novas demandas econômicas, estabeleceu-se no processo de dominação das relações de gênero, que requer a existência de dois lados definidos, o dominador e o dominado, como pontuou Saffioti (2004). Para sustentar-se, se apoia na consciência masculina de necessidade de opressão das mulheres, reduzindo suas liberdades e agregando sistemas específicos, em um pacto de normas e práticas que subordina mulheres.

A violência contra a mulher é um fenômeno histórico que explicita a desigualdade de gênero, compreendê-la desta maneira requer o entendimento dos interesses da continuidade do modo de produção da sociedade. Neste sentido, podemos inserir nesta discussão a compreensão do conceito dominação masculina, de Pierre Bourdieu, para o autor, através desse poder de dominação, as desigualdades que fundamentam as relações de força entre os gêneros são dissimuladas a ponto de

esconderem a força existente e adentrarem de maneira natural nas concepções de mundo.

Podemos inferir, nesta questão, a maneira com que as entrevistadas apresentam suas concepções de que o homem se faz sempre a força bruta nas relações, a forma com que se colocam e colocam outras mulheres como equilíbrio para a forma, muitas vezes rude, com que descrevem as atitudes masculinas, como representa o fragmento (060).

(060)Então acredito que seja uma completude, eu vejo a mulher como uma auxiliadora, porque o homem é o touro bravo, o cara que tem a força para ir e fazer, mas ele precisa da mulher para auxiliá-lo. (Entrevistada 10)

(061)E de usar a força também meu pai tipo ele intimidava a gente usando a força esmurrando móvel, parede, já tentou matar a minha mãe na frente da gente duas vezes, bem foda assim. (Entrevistada 04)

(062)Sim, meu avô ele era alcoólatra, e daí, desde criancinha... Acho que eu não lembro se teve alguma época da minha vida que eu não vivi situações de violência, ele batia em nós, em mim e na minha irmã do meio e tentou matar minha vó inúmeras vezes, eu cansei de sair correndo na rua chamando os vizinhos para vir me ajudar, cansei de ligar para a polícia, cansei de tentar segurar ele, cansei de esconder o facão dele para ele não matar minha avó e por aí vai. (Entrevistada 05)

(063)Sim, várias. Do meu pai com a minha mãe. Meu pai agredia minha mãe várias vezes. Meu pai é muito violento, já me enfiei no meio e já me agrediu também. (Entrevistada 13)

Os excertos (061) e (062) mostram as situações vivenciadas pelas entrevistadas onde a opressão de gênero chegou aos extremos. A agressão física relatada reproduz o intuito de perpetuar a dominação entre os gêneros e, com isso, manter por si os moldes familiares tradicionais que colocam a mulher como ser manipulável as demandas masculinas.

O uso da força, relatado nos trechos (061), (062) e (063), reflete a conformação de família que teve início juntamente com o patriarcado, onde a marginalização da mulher subsidia as situações de vulnerabilidade as quais ela é exposta, e abre precedentes para que estas ocasiões sejam tratadas de maneira comum, naturalizando a violência.

Neste sentido, entendendo as opressões e violências praticadas contra as mulheres, seguindo o modelo de sociedade de dominação estabelecido, precisamos reconhecer, também, a capacidade de resistência destas, exposta por vezes nas falas das pesquisadas, onde apresentam que embora estejam inseridas em arranjos opressivos, buscam em suas individualidades traçar seus próprios destinos, indo na

contramão do que vivenciaram e fora submetidas.

(064)Já, só que aí, quando eu era mais nova eu tentava defender minha mãe, só que ele não, tipo assim, ele vinha de machão pra cima de mim também, hoje em ia ele já abaixa para mim, porque também assim, eu já saí de casa, então ele meio que sabe que eu não vou abaixar para ele. (Entrevistada 02)

Mecanismo de manutenção da opressão e hierarquização entre os gêneros, o silenciamento dos casos de violência acomete milhares de mulheres todos os anos. Desta forma, compreendendo a dimensão que a omissão das violências causa nas vidas das mulheres, procuramos apreender como agem as famílias das pesquisadas nestas situações. Os relatos cingem a ideia de invisibilização e acobertamento das violências.

(065)Olha, passa pano mesmo, legal, porque é uma coisa que todo mundo sabe, tipo as vítimas, algumas ficaram caladas, outras não, mas as que falaram alguma coisa também, não teve relevância nenhuma, tipo, vamos supor, todo mundo tratou a pessoa diferente por uma semana e foi isso, agora tá tudo normal, tá tudo ok. (Entrevistada 02)

(066)O meu avó batia na minha avó, até é uma coisa pouco comentada na minha família assim, mas que meu pai já me contou e que ele viu. (Entrevistada 03)

(067)É, finge que não vê, abafa o caso, sabe, e essas violências também assim psicológicas, violências sutis, que oprimem assim de mandar na mulher, sabe, de, vai fica no seu lugar, piadinhas, mais esse tipo assim de violência. (Entrevistada 07)

(068)Eu acho que como a maioria das famílias lidam “Vamos esquecer isso, isso não é tão importante, talvez você não viu isso tudo, e será que é mesmo?” (Entrevistada 15)

O fragmento (067) toca em outro ponto fundamental dentro da compreensão das opressões femininas, apresenta as outras formas de violência, além da agressão física, que é um ponto extremo dentre as demais. No entendimento das diversas formas de dominação das mulheres, a discriminação e o assédio também foram pontuados por nós nesta pesquisa.

Consideração grave, entre as demais constatadas por nós, é a frequência destas violências no cotidiano das mulheres. Dentre o universo de pesquisadas, grande maioria se identifica por ter vivenciado e presenciado situações de opressão em suas vidas. O assédio, relatado por diversas mulheres, em diversas interfaces, demonstra que a objetificação da mulher permanece na sociedade, mesmo que tenham se intensificado as pautas feministas nos últimos anos.



(069)Eu já vivenciei assédio na família, inclusive, tomara que essa entrevista não, não, meus familiares não vejam essa entrevista, mas, com a minha própria irmã, eu tenho um tio, a minha tia ela tem depressão, até por isso a gente nunca comentou com ela, que por mim eu comentaria se não fosse isso, meu tio já assediou a minha irmã, ele deve ter uns 50 anos de idade assim, e assim, ele fica, uma vez a minha irmã tava com uma roupa mais curta, ela tava na verdade de biquíni, ela vestiu um short por cima do biquíni, que a gente tava no rancho do meu avô, então todo mundo nada e tal, e ele começou a olhar demais para ela, começou a fazer alguns comentários, algumas piadinhas, foi um assédio mais verbal, entendeu? (Entrevistada 03)

(070)Então, já fiquei sabendo uma vez, sabe, mas não sei se tentaram encobrir por que foi num final de um almoço de domingo, assim, com a família reunida e meu tio que bebe, não sei ele ainda bebe, a minha prima falou que ele mostrou o pinto pra ela, mas aí não sei se os outros irmãos queriam meio que abafar o rolê por que eles ficaram “não, deixa ele, ele tava bêbado, não sei o que”. (Entrevistada 04)

Aspecto comum entre os trechos (069) e (070) é a postura de omissão familiar, que corrobora com as omissões já relatadas pelas entrevistadas em outros momentos. Embora os assédios citados tenham acontecido com terceiras pessoas, a postura familiar e, conseqüentemente das mulheres, é de manter a estrutura que as silencia e atribui maior crédito a figura e a palavra masculina.

Situações ainda mais graves foram relatadas, como o assédio sofrido diretamente pelas entrevistadas. Nestes casos, as mesmas apontam, em suas falas, a consciência de que o silenciamento é postura padrão e que a cultura de culpabilização da vítima existe e persiste.

(071)Ele me assediou pela primeira vez quando eu tinha onze anos, que ele viajou para lá, porque ele viajava as vezes para ver meus avós e eu estava deitada na sala de televisão, porque, quando eles iam eu cedia meu quarto para meus tios e eu ia dormir na sala de televisão. Eu estava deitada na sala de televisão e ele chegou para deitar, ele falou “Eu vou assistir televisão com você”, eu falei “Ok”, eu estava deitada e falei, “Olha, eu vou dormir porque eu tenho que acordar cedo amanhã para a aula”, ele falou “Tudo bem”, ai ele falou “Boa noite”, ai ele foi e me encochou, eu não soube como reagir eu simplesmente deixei isso para la, achei que fosse culpa minha pois eu estava usando um pijama curto, típico. Depois, muitos anos depois, quando eu tinha dezessete, depois que eu mudei para cá, a gente foi morar em uma casa, e ele foi morar junto, porque ele morava sozinho na época e minha mãe falou para dividirmos aluguel eu nunca contei isso para a minha família porque se eu contar eu sou a errada, pela história familiar que eu tenho. Dai, eu estava no meu quarto, ele entrou no meu quarto bêbado e tentou passar a mão no meu peito, eu mandei ele embora, ele me tentou me assediar de novo outro dia, tentou me abraçar por trás, eu simplesmente sai, até hoje eu não suporto ficar no mesmo local que ele, mas eu finjo que está tudo bem, meu filho tem horror a ele, meu filho vê, ele chora. Então assim, típico. (Entrevistada 05)

(072)De primos. Inclusive um tentou me embriagar e me estuprar, mas

por favor, não conte isso. É segredo, ninguém sabe. (Entrevistada 13)

Ponto comum, salientado entre as pesquisadas, é a consciência de que essas formas de violência inserem-se no amplo conceito de discriminação, que engloba diversas situações e se agrava desta maneira. Quando questionadas se já foram submetidas a alguma situação de discriminação, relacionada ao gênero, apontaram que todas as formas de opressão e violência citada se encaixam como tal.

(073) Eu acho que todas as vezes que eu não pude sair, que eu não pude fazer alguma coisa por ser mulher, foi uma situação de discriminação. (Entrevistada 05)

(074) Essas coisas de que mulher não pode falar, mulher não tem razão. Uma coisa que igual, é muito comum, é que o meu padrasto por exemplo, ele sempre tem a necessidade de explicar uma coisa. Às vezes, ele acha que ele sempre tá certo. Uma coisa que é da minha área ele quer afirmar que ele tá certo. Por eu ser mulher eu não sei, mas por ele ser homem ele tem a certeza disso. (Entrevistada 11)

(075) Por eu ser mulher eu sou mais burra, por eu ser mulher eu não posso fazer certas coisas, por eu ser mulher eu não entendo das coisas. Então assim já teve caso de eu querer fazer as coisas... Eu sou uma pessoa que faço tudo sozinha, sou muito independente. Só que isso não é reconhecido pelo machismo da minha família. (Entrevistada 13)

(076) Eu acho que sim, mas mais nas piadinhas, mesmo de, eu também gosto de cozinhar, então quando eu faço algo onde a família está “Nossa, você já pode casar”, eu acho que isso é uma forma de discriminação. (Entrevistada 15)

Na mesma direção da interpretação que restrições e atribuições específicas também oprimem estas mulheres, esses episódios foram colocados como discriminantes, onde diminuem as potencialidades destas mulheres à situações que as modelam como peças dentro do patriarcado.

### 3.3 Gênero e Igreja

Para melhor compreender como se estabelece a relação entre o gênero e suas representações, nas instituições religiosas das entrevistadas, realizamos questionamentos que buscassem esclarecer a divisão de atividades e os vínculos de poder determinados dentro das denominações. Neste ensejo, buscamos também encontrar no conhecimento bíblico das pesquisadas o embasamento para que as práticas se estabeleçam como são.

De maneira geral, procuramos captar como é a visão analítica das instituições sobre as mulheres fiéis. Para tanto, traçamos o caminho para que estas nos

descrevessem como é estabelecido pelas igrejas o pensamento sobre o ser mulher e como se compreendem inseridas nessa dinâmica.

(077) Ser mulher, é auxiliar né, na casa, é, cuidar da família assim como o homem também né. Que a igreja prega que o homem deve amar a mulher assim como o cristão amou a igreja e a mulher deve amar o seu marido também né, e auxiliar (Entrevistada 01)

(078) A visão da mulher na igreja é tipo uma coisa assim mais dona de casa do lar, uma pessoa mais que cuida. (Entrevistada 09)

(079) A mulher como auxiliadora, submissão é sob uma mesma missão, sabe? Então o homem meio que assim esquematiza a missão, ele é o chefe, e a mulher é aquela que está ali do lado, está ali junto, e ajuda, e sem ela não aconteceria. Ela é fundamental, vejo os pastores falarem das esposas deles, quase que não tem um culto que eles não citam suas esposas, e a família. Vejo que eles têm consciência que elas são fundamentais nas vidas deles, e que não seria a mesma coisa sem elas. São totalmente fundamentais (Entrevistada 10).

Fica nítido nos fragmentos (077), (078) e (079), o entendimento da missão que é estabelecida para as mulheres. A repetição das palavras auxiliar, ajudar e cuidar expõe o discurso que tornou-se inerente na dinâmica do cristianismo. O que prevaleceu, entre as respostas, foi a atribuição do cuidado à figura feminina. Baseado no sistema patriarcalista de relações, é tido, como em uma compreensão natural, que a figura da mulher tem em si os atributos que a permite desenvolver tais atividades de maneira intrínseca.

Corroborando o que foi proposto por Madureira (2004), as características do corpo antecedem e definem de antemão as maneiras de tratamento a que são submetidos homens e mulheres. A condição biológica das mulheres, relacionada a maternidade, remete à elas também a responsabilidade em atividades de cuidado e manutenção do lar, entretanto a disposição biológica nada influencia no desenvolvimento dessas atribuições.

(080) Eu acho que, querendo ou não a visão da mulher nunca vai ser desvinculada à maternidade, e eu nem acho que deve, mas eu também não acho que deva ser só isso. (Entrevistada 15)

O que se evidencia, no fragmento (080), é o incomodo sentido pela entrevistada pela vinculação da imagem feminina às suas condições biologicamente estabelecidas. Demonstrando o anseio para que se reconheçam características além.

Ainda no sentido de investigar qual é a visão das instituições sobre o ser mulher, encontramos definições sobre moldes propostos pelas igrejas e passados

para as fieis sobre como estas devem se portar. Entendemos aqui as diferentes maneiras que são propostos tais moldes, explicitamente ou atrelados a cargas culturais. A subjetividade, no que tange ao comportamento das mulheres, nas orientações passadas pela instituição, não se reduz apenas ao modo com que estas apontam as exigências, mas expressa-se na compreensão das mulheres de acordo com suas vivências e concepções.

(081) Ah, ela deve se portar de forma que não cause escândalo a ninguém com roupas de um padrão assim longo, deve ser discreta, essas coisas. (Entrevistada 09)

(082) Eu acho que querendo ou não, a mulher... Passado ali, eu vejo isso, é muito cobrado que mulher se trate com respeito, entendeu? Que se trate com decoro, que... demonstre uma constante retidão e demonstre uma, talvez uma perfeição que acho que não deve... que é mais cobrado nela do que nele. (Entrevistada 15)

Nota-se, nos fragmentos (081) e (082), que a resposta ao que se estabelece, abertamente ou não, dentro das instituições, conta com a percepção individual de cada mulher. Entretanto, fica claro o estabelecimento de um comportamento passivo e que não busque destaque. No excerto (082), a entrevistada pontua também o que já fora citado nos blocos anteriores, a cobrança maior para a respeitabilidade no comportamento das mulheres em relação ao comportamento masculino.

Outra questão levantada, neste ensejo, foi a respeito do comportamento feminino em relação aos homens. No trecho (083), a entrevistada coloca claramente o que é posto, cabendo aqui ressaltar o contexto patriarcal cristão, onde as mulheres são responsabilizadas pelas "necessidades" masculinas.

(083) Por exemplo, os homens de respeitar o tempo todo as mulheres, ter o cuidado mesmo com elas. Porque até mesmo na literatura a gente estuda que sempre o homem é tido sempre como o desbravador, e mulher como a flor, aquela coisa mais delicada. De respeitar, cuidar, zelar da mulher, e a mulher não ser uma pedra de tropeço para os homens, no sentido de não provocar uma necessidade que eu não vá suprir, talvez assim me insinuar, ou sensualizar para um homem, talvez casado, ou para qualquer homem se eu não for suprir aquela necessidade dele, se aquilo não for certo para não fazer. E o homem para não desrespeitar as mulheres, não adular, por exemplo. (Entrevistada 10)

No que corresponde aos moldes, as entrevistadas também pontuaram o que é então passado aos homens das instituições. Como exemplifica o trecho (083), é citada a relação com as mulheres pautadas no cuidado, atribuindo a eles a função de zelador de sua integridade, entretanto, é incumbido a elas que tenham a compreensão

de que são responsáveis por possíveis reações despertadas.

Outro ponto que cabe destaque é a diferenciação, dentro das instituições, para com as mulheres da igreja. Entende-se que são passados os moldes gerais cristãos de como os fiéis devam comportar-se, no entanto, encontramos no fragmento (0talabaixo), a mensagem clara de que o cuidado que é orientado aos homens sobre as mulheres está limitado àquelas integrantes do seu meio religioso.

(084) Assim, eles falam que, como as pessoas lá dentro devem tratar as mulheres da igreja no geral, que não deve existir tipo de assédio, que não pode existir nada do tipo, eles meio que repudiam isso, de assédio, de ficar dando em cima das meninas lá da igreja, pessoas que são solteiras, eles não permitem isso, se eles ficarem sabendo, não que eles vão expulsar pessoa da igreja, mas, eles vão exortar. (Entrevistada 01)

As práticas evangélicas tem mudado no decorrer dos últimos anos, entre elas, o uso de vestimentas características que compunham o estereótipo da mulher crente como concluiu Mariano (1999). Percebe-se a flexibilização nos costumes e a maior aceitação de diferentes tipos de vestimentas nas instituições, esse movimento tem o ponto de partida dentro do meio religioso, sendo muitas vezes fomentado pelo choque de ideias e interpretações do que está posto (fragmento 085).

(085) Acaba sendo um costume e acaba sendo uma cultura da Assembleia, porque vem de muito antigo, então hoje é muito discutido porque não é liberado, é liberado você ir para estudos, escola, trabalhos, e de uma forma geral não é liberado, algumas coisas sim e algumas coisas não, só que é uma coisa que nossa geração esta enfrentando com a geração antiga, então acaba batendo de frente, a gente concorda que se liberar totalmente pode a carregar, como que fala, uma quebra de cultura geral. (Entrevistada 06)

No fragmento (085), pode-se perceber a compreensão da entrevistada sobre os moldes exigidos pela instituição ligados a vestimenta. Nota-se que a fiel considera a tradição existente e a contrapõe com a construção cultural em seu contexto religioso. Cabendo também ressaltar a comparação que a mesma faz entre as diferentes gerações na igreja e as mudanças decorridas com esse choque.

Para além das atribuições femininas, foi pontuado pelas mulheres, o papel constante do homem, que se estabelece de maneira central, e se torna ponto de referência para as demais atividades. Corroborando com o que propuseram Medrado e Lyra (2008), é necessário que se compreenda também a construção das masculinidades no contexto das questões de gênero, pois fundam, da mesma maneira, as assimetrias existentes, perpetuando o sistema de opressão presente.

(086) Eu acho que a bíblia, ela confere a mulher um papel muito conciliatório. Que a bíblia fala muito da diferenciação entre o que é ser mulher e o que é ser homem né, que o homem tem uma personalidade às vezes um pouco mais agressiva e que a mulher seria esse chamar à ponderação, enfim, e também de, de administração da, da família, assim a mulher fica muito com esse papel que eu percebo na bíblia de administrar a família mesmo assim, de administrar a casa, de administrar a vida dos filhos, a bíblia fala sobre isso sim em alguns trechos, mas até aquela questão da submissão é uma tradução errada do grego né, então assim, não é uma questão de papel inferior mas é uma questão de papéis distintos de homens e mulheres tem sim dentro da Bíblia, eu percebo que existem. (Entrevistada 03)

Embasado nas passagens bíblicas o trecho (086) demonstra o entendimento, por parte da fiel, das prerrogativas existentes para que homem e mulher ocupem hoje os lugares que lhe são atribuídos. Na ocasião, deixando claro a diferenciação de papéis existentes, salienta não existir superioridade ou inferioridade, em sua concepção, em relação a estes papéis.

Compreendendo, aqui, o contexto patriarcal estabelecido, podemos indicar nas entrevistas a manutenção da figura masculina no centro das relações sociais, subordinando a imagem feminina a partir de sua influência. Tal fato pode ser demonstrado no fragmento (087), que expressa a maneira com que organizam-se as atividades na instituição da pesquisada.

(087) As mulheres elas podem ser líderes de jovens até antes de casar, aí se elas casarem e forem líderes de jovem a liderança passa para o marido, para marido liderar os jovens porque não é aconselhável a mulher casada liderar jovens, porque ela tem que ter um relacionamento mais íntimo, mais de perto com as pessoas que ela lidera, e não é aconselhável mulher casada liderar por exemplo homem solteiro, para evitar qualquer tipo de, de assédio, qualquer tipo de coisa né, para guardar a vida da mulher, nesse sentido, aí a mulher, ela pode ser líder de jovem até quando ela for solteira e líder de criança, que é do ministério infantil. (Entrevistada 01)

O que pode-se extrair do excerto (087), é a vinculação direta das funções femininas ao papel do homem dentro da instituição. Em detrimento de sua escolha, de casar-se ou não, as atividades que desenvolve podem alterar-se e por vezes sua função na construção da instituição se permeará pela figura masculina.

O caminho que se abre, nessa discussão, pode seguir em diferentes sentidos, entendendo que outra circunstância, citada de maneira comum entre as entrevistadas, é a vinculação de papéis institucionais à figuras masculinas. Além das atividades, que foram por elas descritas, que não realizam-se por mulheres, a figura do homem como pano de fundo foi um dos pilares nas explicações.

(088) Para a líder virar pastora, o marido dela tem que ser chamado para pastor né, ser obreiro, porque primeiro vira obreiro, antes, não é assim de líder direto para pastor, tem um treinamento que ele é levantado a obreiro e enquanto ele é obreiro ele, ele faz algumas funções de pastor. Algumas reuniões, lidera, dá aula nos cursos, faz algumas pregações. Depois desse treinamento, que não tem uma regra de quanto tempo, mas eu acho que é no mínimo um ano, quando ele vira pastor, aí a mulher dele geralmente, não é uma regra também, ela ter que virar pastora, mas geralmente ela vira obreira, fica no mesmo teste que ele e depois vira pastora. Aí os dois viram pastores. (Entrevistada 01)

No fragmento (088), pode-se observar a condição existente para que uma mulher possa elevar-se no seu contexto religioso, tendo a figura masculina como centro das relações constituídas. Pode-se compreender também, através dos caminhos percorridos nas respostas das entrevistadas, atividades que não são colocadas como possibilidades para as fiéis, estando definidamente dispostas apenas para o homem, também visto como o responsável pelo núcleo familiar.

(089) Participar do conselho da igreja, são só homens. Porque eles dizem que, como, no conselho da igreja são só os pastores, os pastores tem que ter família, então se um homem está lá ele está representando a família dele, entendeu? (Entrevistada 14)

Na compreensão individual de cada entrevistada, também pontuou-se a participação feminina em cargos de liderança, entretanto, corroborando com o que já citamos nos blocos anteriores, as atividades de liderança, dispostas à figura feminina, se baseiam no cuidado, estando, em sua maioria, vinculadas a tarefas com o público infantil ou com a organização da igreja. O que se coloca no sentido do que pontuou Sousa e Guedes (2016), que situaram as relações assimétricas entre os sexos e a geração das desigualdades a partir disso, atribuindo à mulher as funções de cuidado.

No que tange ao conhecimento bíblico das entrevistadas, abordamos o que é compreendido por elas para a alocação das mulheres no conjunto da vida social, no trabalho, na família, na igreja e na sociedade em geral. A compreensão da bíblia como base para o cristianismo leva a reflexão das diversas possíveis interpretações e releituras que existem.

A compreensão do contexto, temporal e social, no qual a bíblia foi escrita foi citada por algumas entrevistadas, que salientaram a importância de se colocar as diferenças existentes entre costumes e práticas. O entendimento de diferenças entre as interpretações bíblicas e a necessidade de uma análise que pautar a situação das mulheres no livro sagrado reitera o que foi posto por Marcos (2007), que apontou as

possibilidades de reinterpretação na busca da exclusão dos sexismos existentes.

(090)Eu tenho muitas passagens que fala que, mulher tem que ser muito certinha e não sei o que.. é, e outra, eu posso até abrir um parêntese nessa parte, a bíblia em si é muito preconceituosa contra a mulher porque ela se refere somente ao homem, então homem serve para mulher e para homem, então nesse ponto, tipo assim, tem muitas pessoas que pregam quando vão pregar que é só para homem, só que não, eu acredito que seja para os dois, mas igual eu falei, nesse caso ela é muito preconceituosa em dizer somente ao homem se esta se referindo aos dois, entendeu, então a interpretações mas também a verdade, eu não acredito que tudo que esta ali é para essa época que esta vivendo porque quanto mais tempo se.. mais preconceituoso é, então a bíblia tem quantos anos, então como que era o preconceito naquela época, tem tudo isso. (Entrevistada 06)

Pode-se extrair, do fragmento (090), o sentimento de insuficiência na interpretação do texto bíblico, passado pela instituição para a fiel, além da compreensão dos entraves existentes na época das escrituras e a invisibilização da mulher nessa leitura.

No que corresponde as referências da bíblia para com a mulher no trabalho, foi pontuada a ausência de passagens que tratem essa temática. Compreendendo o momento em que os textos foram escritos e corroborando com a cultura androcêntrica que faculta a mulher ao lar e a família.

(091)Eles pontuam muito a mulher como a cuidadora da família, mas não deixa de ser o trabalho dela. É o servir. Tem uma imagem de um guarda-chuva que era Deus, o marido, a mulher, e a família, os filhos. Então é uma relação da mulher servir no âmbito familiar, mas não fala nem que a mulher não pode ocupar cargos na sociedade, nem que pode. Não deixa uma proibição para mulher de cargos mais acima, mas fala do trabalho da mulher como uma zelar pela família. (Entrevistada 10)

No que se relaciona aos demais âmbitos da vida das mulheres, adentramos no contexto da igreja e a maneira com que é pontuado na bíblia com que as fieis devem se colocar. As funções de acolhimento e auxílio à comunidade foram descritas.

(092) Tem uma passagem em Timóteo que diz que as mulheres não devem falar na igreja. Eu não lembro bem o versículo e o capítulo, mas eu sei que é em Timóteo. (Entrevistada 09)

(093) Tem um texto em provérbios que fala: “a formosura é uma ilusão, mas a mulher que teme a Deus será elogiada”. Existem muitas mulheres, mas você é a melhor de todas. Então ele preza muito sobre a inserção da mulher, e a valorização da mulher como temente a Deus, que faz toda a diferença. Uma mulher temente a Deus, que vai ser uma auxiliadora que o marido precisa. (Entrevistada 10)

Além das funções tradicionais dispostas as mulheres, as entrevistadas



também dissertaram sobre a orientação para que estas não se expressem na igreja, compreendendo que as funções femininas não lhes concedem grande espaço de fala. O fragmento (092) pontua, em passagem bíblica, a maneira com que as mulheres não são incentivadas a falarem no contexto religioso.

Em relação ao que a bíblia concede às mulheres, no aspecto familiar, encontramos nas entrevistas, falas que circundam e corroboram com o que já fora explicitado quantos aos moldes, passados pelas instituições, e a visão da igreja sobre a mulher. O modelo de sociedade patriarcal, instituído e naturalizado, encarrega as mulheres, nos diferentes âmbitos da vida, à tarefas domiciliares e voltadas ao zelo dos filhos e do marido.

(094) A, cuidar dos filhos, cuidar da casa, apesar que dependendo parte de onde você olha que é sempre a mulher fazendo algumas coisas para o marido. (Entrevistada 06)

(095) Fala sobre cuidado, sobre muito cuidado, sobre ser cautelosa, sobre cuidar dos filhos, sobre pensar muito, sabe? A mulher ela sabe diferenciar as coisas muito bem, sabe o que escutar, tudo isso é o que a bíblia fala, sabe? E a importância da mulher é muito grande, tipo, um não sobrepõe o outro sabe, os dois são iguais nesse sentido, mas formas diferentes, têm o mesmo peso de formas diferentes. (Entrevistada 014)

Referente ao comportamento feminino, na sociedade, as respostas encontradas também se mantiveram neste sentido, reforçando a opressão existente, que delega as mulheres a responsabilidade doméstica. As possíveis diferenças que surgem, ainda são no sentido de funções para o outro, atribuindo à elas os adjetivos de auxiliadora, cuidadora, entre outros.

(096) Então o papel da mulher na sociedade, que eu acredito a partir do que a bíblia prega é essa questão da mulher virtuosa né, da mulher que trabalha e que presta auxílio não só dentro de casa mas para com as outras pessoas. Eu acho que a bíblia, o principal, até as personagens que tem né, dentro da Bíblia, elas são muito voltadas aos outros, entendeu? (Entrevistada 03)

Questionadas as mulheres, sobre a representatividade, sentida dentro de suas instituições de origem, compreendemos a variação entre os significados apreendidos por estas fiéis a este conceito. A ausência de mulheres nos altos cargos e nos espaços de fala de destaque da igreja é sentida e pontuada, entretanto, entre as respostas, encontramos a menção à mulheres que desempenham importantes atividades nas organizações embora não estejam inseridas nas relações de poder.

(097) Eu sinto pouca representatividade dentro da igreja, tanto porque os cargos de liderança são mais para homem, mas tem uma, inclusive tem uma evangelista na igreja que eu gosto quando ela que fala, que para mim ela é muito mais inteligente que o restante dos caras lá, assim, ela me representa, entendeu? Mas assim, só tem ela. (Entrevistada 03)

(098) Então, sim mas tem pessoas... Eu acho que a ideia de igreja é muito família, sabe? Tipo, esse pastor babacão lá, ele não me representa, para mim ele, ele é pastor mas ele não me representa, ele não representa as minhas ideias, mas por exemplo a esposa dele, eu gosto muito dela, para mim é uma mulher muito inteligente, sabe. Então eu vejo as pastoras lá da igreja muito assim sabe, mulheres inteligentes, que sabem articular muito bem, conversar, que buscam muito pelo conhecimento, isso eu gosto bastante. (Entrevistada 14)

Podemos extrair, do fragmento (097), a compreensão da representatividade, pela entrevistada, na totalidade do corpo da igreja. Cabendo ressaltar, novamente, a referência à esposa do pastor de maneira acessória. O entendimento de representatividade, colocado sobre outras mulheres, circunda em atributos como a busca pelo conhecimento e a inteligência, estando relacionados tanto às pregações, no seio das igrejas, quanto à questões intelectuais e de comunicação.

Considerando a dimensão da violência contra a mulher, como grande problema social, buscamos compreender a maneira como as instituições das pesquisadas se posiciona, se é pautado nos seus cotidianos o assédio, a discriminação e as diversas formas de violências que ainda são ferramentas de opressão.

(099) Ai é de acordo com a lei também, sempre pregado conforme a gente já sabe, se acontecer alguma coisa não precisa você falar com o pastor, você pode ir na polícia se você precisar de auxílio do pastor para poder chamar a polícia a vontade, apesar que a gente sabe que acontece muitos casos que pastor passa a mão na cabeça. (Entrevistada 06)

(100) A gente acha errado de qualquer tipo de violência. Tipo, a bíblia repudia isso, tipo, você não tem direito sobre o corpo de outra pessoa, não tem como você violentar, então a gente repudia isso de qualquer forma. Apesar de ter pessoas lá dentro que a gente olha e fala "gente você é crente mesmo querido" mas eu acho que toda instituição tá tendo isso né, esse problema. (Entrevistada 14)

Problemática comum, encontrada nos fragmentos (099) e (100), é a noção das mulheres de que o problema da violência, embora, teoricamente, seja repudiado pelas instituições, permanece por vezes naturalizado e omissivo entre os integrantes das igrejas. Outro ponto, que cabe por nós ser analisado, é a compreensão da violência de uma maneira geral, não atribuindo especificamente o agravante das maneiras de violência que (re)existem contra a mulher.

(101) Eu nunca presenciei tipo, o posicionamento deles mas eu

imagino que pelo que eles falam, eles são contra a violência, mas eu não vi algo específico contra o feminicídio... (Entrevistada 15)

O anseio sobre a tratativa específica sobre o feminicídio foi sentido pela entrevistada, como aponta o excerto (101), entendendo que embora o posicionamento institucional seja contra, faça-se necessário medidas que informem e resguardecem as mulheres destas situações.

O afastamento do meio religioso do movimento feminista é novamente sentido, entendendo que a falta de compreensão das reais demandas do movimento resultam em uma percepção distorcida de seus propósitos, colocando-o em sentido oposto do que é pautado pelas instituições. Criando percepções antagônicas e com grande carga de preconceito.

A influência da mídia na construção da barreira entre religião e feminismo é fundamental, entendendo que as buscas do movimento e suas temáticas tocam os cotidianos femininos e têm em si o poder de mudança na manutenção dos papéis convencionais atribuídos às mulheres. Abordar as questões que dizem respeito a rotina das mulheres através de uma perspectiva feminista pode criar impulsos contra-hegemônicos e impulsionar a luta pela emancipação das mulheres (SOUZA, 2017).

(102) O que eu percebo, que igreja tem, é que a igreja às vezes ela compartilha de muitos pontos que o feminismo acredita, mas, por haver uma demonização até midiática do feminismo eles não querem chamar aquilo de feminismo. Então que a mulher, ela, ela tem um papel importante na sociedade, que a mulher ela, tem uma, tem um incentivo para que as mulheres estudem, tem um incentivo a maternidade consciente, eu percebo isso dentro da igreja, mas que as pessoas não querem chamar aquilo de feminismo, porque feminismo, muita gente acredita que feminismo é contra família, que feminismo não quer que as mulheres sejam mães né, e tal, e a igreja ela preza muito pela família, então assim tem uma aversão mas que é uma aversão que eu acho que é por falta de diálogo mesmo entendeu? Prega-se muito anti violência contra mulher, a igreja, é, a igreja é contra violência contra mulher, fala isso para os homens, é falado abertamente sobre isso. Então assim, a igreja para mim, dentro da igreja que eu convivo né, as mulheres não, não sofrem muito uma, muita opressão nesse sentido, apesar de às vezes as pessoas mais velhas acharam que a é a mulher que tem que cuidar da casa e tal, mas as pessoas mais jovens já não tem muito essa concepção dentro da igreja não. (Entrevistada 03)

A compreensão da entrevistada, conforme se expressa no trecho (102), é sobre o sentido comum em que caminham a igreja e o feminismo, abordando temas que valorizam o papel da mulher nos diferentes espaços e zelam por sua inserção na sociedade de maneira consciente. A manutenção da imagem negativa atribuída ao

movimento feminista pelo cenário religioso, dificulta o processo de autonomia das mulheres.

A importância do diálogo, entre as diferentes vertentes do feminismo e suas buscas e as instituições religiosas, surge nas situações em que as mulheres poderiam estar, hoje, inseridas em outros moldes sociais, principalmente àquelas atuantes no meio religioso. A interseção entre os dois contextos, vistos como contrários, acarretaria na aceleração das liberdades individuais femininas.

### 3.4 Gênero e Sociedade

As formas de domínio, impostas pelo gênero nos moldes atuais de sociedade, estão inseridas nas diversas relações estabelecidas. Neste sentido, para compreender como as mulheres que participaram desta pesquisa entendem as mudanças ocorridas e as conquistas femininas relacionadas a opressão de gênero, as questionamos sobre o que entendem e quais os principais progressos femininos na sociedade.

Conquista comum, citada por grande maioria das entrevistadas, é o direito do voto feminino, a representação por mulheres e a possibilidade de escolhe-las para tais cargos é relatada como avanço, entretanto, acompanham críticas que reconhecem que embora a pauta feminina tenha avançado nos últimos anos, a desigualdade ainda é realidade em todos os contextos.

(103) Acho que a gente precisa de uma mudança tão grande na sociedade para que a gente possa ser enxergada como gente. O voto feminino foi muito importante mas, tem tanta coisa maior que isso, não sei... O voto feminino precisa, foi muito bom, nós pudemos sair do lugar de dona de casa e poder ir trabalhar em empresa, poder ser professora, poder tomar cargo de gerência e poder viver em um patamar um pouco maior do que a gente estava foi uma conquista excelente, só que a gente tem muita coisa ainda pela frente (...) Nós temos uma porcentagem de mulheres, por exemplo, na política, muito inferior aos dos homens, a gente precisa de cotas de mulheres na política, isso é absurdo porque nós enquanto mulheres não votamos em mulheres e as mulheres não se candidatam porque elas não veem outras mulheres sendo eleitas, a única mulher que foi eleita presidente sofreu impeachment por um crime que ela não cometeu, porque não foi um crime de responsabilidade e todo mundo está careca de saber disso mas ninguém fala nada porque ela é mulher, ela estava errada, vagabunda. Quando a crise aumentou, tinham milhões de adesivos espalhados por aí com as pernas abertas no tanque do carro, a gasolina hoje está muito mais alta e o salário não aumenta e ninguém bota um adesivo do Temer de perna aberta, porque é desrespeito, ele é homem, ele é homem mais velho, ele sabe o que está fazendo. Então não, a gente não tem respeito, não tem representatividade, a gente não tem nada. (Entrevistada 05)

(104) Primeiro o voto, isso foi muito importante, porque a gente pode decidir. A mulher entrar no mercado de trabalho, porque antigamente não

era, a mulher que tinha que ficar em casa. (Entrevistada 11)

O fragmento (103), demonstra claramente a insatisfação da pesquisada, que compreende as mudanças ocorridas e o espaço conquistado pelas mulheres, entretanto, reconhece a cultura enraizada na divisão de poderes e com isso o machismo que se alimenta dentro das desigualdades sociais. O incômodo com a falta de representação e a ânsia para que mulheres se apoiem também cabe destaque, visto que foi relatado por diferentes mulheres, em entendimentos variados sobre a inserção social feminina.

(105)Olha, eu acho que é começar a entrar na política, só que aí a gente conquistou e está desconquistando, porque né, deixa eu pensar mais coisa, eu acho que na verdade assim a maior conquista feminina tá sendo as mulheres conseguirem falar com as outras mulheres e abrir os olhos delas, porque parece que a gente não, nem conversava né, é igual eu falo muito assim, hoje em dia eu tenho pavor de feminismo de internet mas se não fosse ele eu não teria metade da informação que eu tinha, que eu tenho hoje, eu não seria metade do que eu sou hoje, me ajudou muito. (Entrevistada 02)

O excerto (105), em consonância com o que fora exposto (fragmento 103), explicita a compreensão de que as mulheres hoje tem maior acesso umas as outras, e que isso é fundamental no movimento de libertação e emancipação frente as estruturas opressoras postas.

Conquista feminina, também citada de maneira comum entre as pesquisadas, é o aumento da liberdade que estas reconhecem como formas de expressão. Mudanças culturais e a naturalização de comportamentos que antes eram reconhecidos como inaceitáveis tiveram grande espaço dentre as falas. A crítica, que acompanhou diversos relatos, esteve presente também nesta oportunidade. A compreensão de que as mudanças ocorreram vem vinculada a falas que retratam o mundo que ainda tem a ser explorado e a liberdade que estas mulheres ainda desejam alcançar.

(106)Sim de sei lá, as vezes eu quero sair de saia curta mas eu tenho medo de sair de saia curta por que eu tenho medo do meu caminho por que por exemplo, moto normalmente segue a gente a noite, e se não tem ninguém a noite na rua, nem se tiver, ninguém ajuda a gente. Mesmo se não tiver ninguém a gente não tem paz na rua. (Entrevistada 04)

(107)O uso de roupas que a gente quer usar, não só saias. O direito ao voto, a liberdade de expressão, e ocupar cargos que a gente foi conquistando aos poucos, mas foi chegando lá. (Entrevistada 10)

(108)Olha, a questão de poder sair com a roupa que quiser. Acho que isso foi uma conquista muito grande. Mais antigamente você não podia nem

vestir uma calça. Então acho que essa foi uma conquista muito grande, apesar de hoje a gente achar ilusório, mas foi uma conquista muito grande, poder usar a roupa que quiser. A gente poder entrar nos lugares que antes a gente não podia, poder ir em um bar, uma festa. (Entrevistada 13)

O acesso a postos de trabalho e as oportunidades de estudo foram relatados pelas mulheres entrevistadas. Embora conscientes de que o mercado ainda esteja colocado de maneira a manter as desigualdades de gênero, as pesquisadas citam que a inserção de mulheres em trabalhos fora do contexto familiar contribuiu e contribui faticamente na emancipação feminina e na busca pela independência.

(109)As mulheres terem a independência financeira né, acho que isso é fundamental para as mulheres conseguirem até outras formas de libertação é a independência financeira, a questão reprodutiva também, a pílula anticoncepcional, para mim foi uma conquista muito importante. A questão do voto, também, apesar de fazer muito tempo, assim, mas historicamente não faz muito tempo né? Então acho que a questão do voto também foi, foi muito importante. E também as mulheres na universidade, hoje em dia tem mais mulher na universidade do que é homem né. (Entrevistada 03)

(110) Eu acho que a mais importante, talvez algumas pessoas falam que isso é contraditório, por eu ser cristã, mas eu acho que no momento que a mulher conseguiu se divorciar, não na questão de que " Ah, agora ela vai destruir a família", mas na questão de que eu acho que todos tem escolha e no momento em que a mulher pode fazer escolha, ela se demonstrou um ser humano e não simplesmente controlada por um homem.O voto, sem dúvida, trabalho, onde ela pode trabalhar, a remuneração, licença maternidade eu poderia dizer, estudo, poder vestir roupas, biquínis em praia, eu acho que isso foi uma conquista que por mais que seja algo cultural, que depende do país, mas ainda assim foi uma conquista que foi com o tempo, gradativamente. Eu acho que todos os dias as mulheres conquistam lugares. (Entrevistada 15)

Além da possibilidade de ocupar postos de trabalho que previamente eram distribuídos apenas entre homens, incumbindo às mulheres as funções de esposa e mãe como únicas atividades possíveis, também foi mencionado pelas entrevistadas a questão da remuneração, que é pautada dentre as demandas do movimento feminista, que busca igualdade de cargos e salários, corroborando com o que pontuou Lima (2018).

Podemos aqui destacar pontos referenciados pelas entrevistadas nos excertos (109) e (110), onde apesar de serem mulheres cristãs ativas no movimento evangélico, pontuam a questão da maternidade consciente, com os meios contraceptivos como conquista social feminina e o divórcio, ambos caracterizados pela negação da religião. Compreender a importância destes na trajetória por

igualdade e libertação feminina nos arranjos opressores, reafirma as mudanças ocorridas nas igrejas, que mesmo de maneira gradual, tendem a acompanhar as tendências sociais.

A dicotomia estabelecida propõe que os moldes tradicionais de sociedade sejam reforçados e transmitidos dentro das instituições religiosas, entretanto, baseando-se nas entrevistas realizadas e nos fragmentos aqui expostos (109) e (110), podemos analisar que as dinâmicas religiosas, embora carregadas de conservadorismo, também apresentam rupturas, mesmo que lentas, aos moldes seculares existentes. O fato de existirem mulheres que se consideram feministas, que estão ativamente em busca de condições iguais entre os gêneros e que se insiram no contexto religioso explicita a origem do anseio de mudança dentro das instituições.

É válido também enfatizarmos aqui as divergências entre as concepções das mulheres entrevistadas, no que se refere a inserção feminina nos diferentes espaços da sociedade. Ao passo que para algumas as mulheres conquistaram os espaços públicos e privados e se fazem resistência, para outras as conquistas estão acontecendo a passos curtos, muitas vezes de maneira insuficiente e que não as contemplam totalmente, alimentando apenas as demandas do molde capitalista de sociedade.

(111)Tem, tem muito problema, mulheres até nos espaços políticos, por exemplo câmara dos vereadores, eu percebo assim que muitas vezes elas são interrompidas né, mulher, ela quer falar alguma coisa e não deixa falar sabe? Em audiência também, tem muito advogado que não deixa advogada falar. Então por mais que eu tenha, que eu percebo que eu tenha conseguido por exemplo me formar, mas, eu chego no espaço público eu não tenho voz entendeu? Então ainda, é uma inserção que ela foi simbólica, que é importante, mas na prática às vezes ela, ela é um pouco restrita, entendeu? (Entrevistada 03)

(112)Então, às vezes eu acho que, por mim mesma, falando por situações que eu já passei... Que eu mesma, falo assim "não, pera aí, eu acho que eu não posso falar isso aqui em público porque pode acontecer de sei lá, alguém me marcar", ou então eu sair tipo, sei lá, um cara me bater na rua e eu não vou ser forte o suficiente, sabe? Então às vezes eu me sinto um pouco... é... tipo, como se eu não tivesse a liberdade de expressar, oprimida, não me sinto na liberdade de expressar aquilo publicamente. (Entrevistada 14)

O que mostra-se comum nos fragmentos (111) e (112) é a compreensão de que os espaços conquistados pelas mulheres ao longo dos anos ainda não foram suficientes para que estas posicionem-se e exerçam funções cotidianas sem se sentirem oprimidas e inseguras. Destacando o medo de violências que possam vir de

maneira implícita nas relações de poder e das demais que se explicitam e culminam em agressões e outros abusos.

Para além destes fatores, ponto observado pelas entrevistadas são os agravantes que limitam ainda mais a inserção de mulheres nos diferentes espaços sociais. No ensejo das desigualdades, foram citadas as desigualdades que intensificam a opressão de gênero.

(113)Se você não tem filhos e chega em um lugar você é bem mais fácil do que eu que tenho filho, se eu chegar lá com o meu filho, como cheguei aqui na universidade com o meu filho, tem professor que olha e te manda embora, então assim, depende. Nos espaços privados a mesma coisa, tudo depende da sua cor da pele, se você tem filhos ou não, da sua orientação sexual, do tipo que o seu cabelo é, do seu padrão de corpo, se você é magra ou se você é gorda. Então assim, infelizmente o “ser mulher” hoje não é totalmente aceito e se vem com carga como homossexualidade ou religião, se você chegar de turbante ou se você chegar com colar de Orixá e se você falar que você é da Umbanda você não é aceito, então assim, nós não somos aceitas, a gente finge que é aceita para nos sentirmos melhor com tudo que a gente está vivendo, mas a gente não é aceita. Se um homem chega lá, um homem negro de terno e gravata ele vai ser muito melhor aceito do que uma mulher de terninho, normal. (Entrevistada 05)

(114)Eu acho que é muito bem marcado como a mulher deve ser como ela deve se portar, uma mulher que vai tipo, uma mulher que tem filho é mãe solteira, vai pedir um emprego, ela vai passar por uma enquete de perguntas que um homem vai sabe assim, vai ser, a não sei, acho que essa inserção existe mas ela é desigual e a opressão permanece de outras maneiras quando ela ainda não permanece de maneira violenta explicitamente ela permanece de outras formas. (Entrevistada 07)

A condição de maternidade feminina agrega na trajetória social da mulher dificuldades em relação ao mercado de trabalho, e aliado a isso as demais diversidades que existem, no que se refere a orientação sexual, religião, cor, estética, somam para que esteja marcada a opressão dentro da opressão, hierarquizando assim a desigualdade, onde a mulher que mais se distancia do padrão estabelecido segue mais oprimida e limitada em suas possibilidades.

(115)Mas eu acho que ainda tem muito exigência da aparência da mulher na sociedade, não se exige aparência do homem, mas se exige muito aparência da mulher. Por mais que ela atinja alguma coisa na sociedade quando ela é citada se ela está ligada a alguém, algum homem que é conhecido, ela é mulher de alguém, namorada de alguém, esposa de alguém, filha de alguém. Ela não é ela. Então a mulher ainda não é tão reconhecida como ela deveria ser reconhecida por ela. (Entrevistada 13)

É notório que a participação feminina nos espaços de decisão, sejam eles públicos ou privados, é inferior a quantidade de mulheres no país, como fora



proposto por Medeiros e Chaves (2017). Muito se deve ao fato de que a cultura não propicia que elas ocupem estes espaços, cabendo medidas que fomentem e estimulem que mulheres se formem como seres políticos e que disputem tais áreas. Ainda nesta direção, caracterizando como é percebida a inserção feminina nos espaços, questionamos as entrevistadas sobre representatividade, traçando a partir disso os exemplos reais de situações que as competem e efetivam os sistemas de dominação existentes.

(116)Depende do espaço, dentro da universidade, por exemplo, eu me sinto bastante, porque lá as meninas por mais que exista muito machismo ainda, as meninas dentro da faculdade elas já são mais espertas e não abaixa muito a cabeça né, quando você vê dentro da faculdade as mulheres sonham alto né, elas sonham grande e não é uma coisa que você é acostumado fora da faculdade, é um primeiro contato mesmo, no demais, assim, não muito, mas tá melhorando. (Entrevistada 02)

(117) Principalmente nos cargos eletivos, eu acho que tem muito pouco mulher, eu me sinto pouquíssimo representada. Na igreja eu me sinto pouco representada, pouquíssimo mesmo representada. Até em hospital também é difícil você achar uma médica, as vezes você quer ir em uma médica e o seu convênio ou então o próprio SUS disponibiliza um médico sabe? Então eu acho que tem pouco, porque a mulher precisa disso né, as vezes ela não quer consultar com um médico ela quer consultar com uma médica, ou então eu não quero votar num homem e a opção que eu tenho de votar é em um homem. Você viu o próprio debate presidencial só tem a Marina né, então assim, eu acho que falta representação em muitos lugares sabe? (Entrevistada 03)

(118)Então, enquanto mulher sim. Mas enquanto mulher negra não me sinto, sabe tipo é legal quando a gente vê mulher conquistando as coisas mas é bem melhor quando você vê uma mulher igual você sabe, que te inspira mais, mas assim aos poucos vai começando né então acredito que ainda vai dar certo. (Entrevistada 04)

A percepção de representatividade também foi relativa dentre as concepções das pesquisadas. Os espaços por vezes são selecionados como mais representativos ou menos representativos, ficando a universidade como o ambiente mais citado por elas, como se expressa no fragmento (116), para que haja de fato representação.

Ao longo desta pesquisa percebemos a universidade cumprindo papel importante na vida das pesquisadas, seja pela ruptura com seus contextos religiosos pregressos, seja pelo contato inicial ou até mesmo a inserção destas nos movimentos de organização feminina e com o feminismo. Pautando a representatividade, encontramos a universidade como espaço que propicia que as mulheres ascendam, ocupem altas funções se reconheçam em outras que ocuparam tais espaços em vanguarda.

No que se refere ainda as questões sociais, as situações de violência permanecem presentes cotidianamente na vivência das entrevistadas. A insegurança é comum e persiste mesmo em ambientes onde existam demais pessoas, refletindo a cultura de não interferência em conflitos entre homem e mulher, como mostra o excerto (119).

(119) Aquela famosa frase, “em briga de marido e mulher não se mete a colher.” Mas, tem que meter sim sabe, ainda mais hoje tá sendo bem recorrente o feminicídio, tem matado bastante mulheres por questões disso, “ah, eu não vou entrar porque não tem nada a ver comigo.” Mas sim, a gente tem que entrar. Uma coisa é uma discussão, agora quando parte pra agressão tem que ir sim. (Entrevistada 11)

Neste sentido, no anseio de compreender as práticas sociais e individuais nestas situações, adentramos em temas como violência, assédio e discriminação no contexto da sociedade em geral.

(120) A, já, comigo mesma, na verdade. Eu, uma vez eu tava indo pegar o ônibus lá em casa, era 9:30 da manhã, eu moro aqui no Santa Mônica, na minha rua, minha rua na verdade ela é muito deserta, só que um pouquinho que você anda já dá na Segismundo Pereira, que eu moro para lá, ela é muito arborizada e tal, eu tava indo, eu tava de vestido, nem era um vestido curto, eu tava com um vestido longo, aí eu tava passando eu não vi, tinha uma moto parada, tinha um cara escondido atrás da árvore e ele puxou o meu vestido por trás, e tipo assim ele tentou me agarrar, a sorte é que eu, eu gritei muito, eu comecei a xingar ele eu bati nele, só que não, não acho que tem que fazer isso, mas foi meu impulso na hora, foi o reflexo, e as pessoas que estavam no ponto de ônibus da Segismundo viram e começaram a vir para o meu lado, ele subiu na moto e saiu correndo, então assim eu dei sorte porque tinha gente no ponto de ônibus, porque tava de dia, mas assim, pensa, 9 horas da manhã né, é muito complexo isso assim. (Entrevistada 03)

As violências sofridas pelas mulheres estão disseminadas nos diversos âmbitos de suas vidas. O assédio, que no caso do fragmento (120) foi considerado como violência, foi referenciado de maneira comum entre as entrevistadas, as situações que as expõe a esse tipo de violência não tem especificação de contextos.

(121) Na UFU eu já vi um cara perseguindo uma mulher, na rua eu já vi caras perseguindo mulheres, já me pararam na rua tentando me fazer entrar no carro, já tentaram... O cara de bicicleta que foi me assaltar, ele tentou me arrastar para um beco, então a gente tem muita, muita, muita violência, até o jeito que olham para nós é violento, do jeito que olham para nós como se nós fossemos um pedaço de carne. (Entrevistada 05)

(122) Dentro da faculdade mesmo, tipo de, assim, a mais marcante que eu tenho na minha cabeça é de tá passando pelo bloco da geografia e ter um cara uma menina discutindo, e o cara gritando muito com ela, puxando o braço dela, e aí tipo, eu fui lá perguntar "moça tá tudo bem?" aí ela falou assim "não tá tudo bem sim" aí eu falei "putz, não vou poder fazer mais

nada" e aí eu fico meio constrangida. (Entrevistada 14)

(123) Isso para mim é uma forma de violência, o cara achar que pode passar a mão, no ônibus também esse tipo de coisa. Seria passar a mão na bunda nos shows, tentar agarrar a força só porque está bêbada. Esse é um dos motivos que eu não bebo, eu bebo, mas não fico bêbada. Nunca fiquei bêbada na vida, porque sempre tive medo desse tipo de coisa acontecer. (Entrevistada 13)

Contradição apresentada entre os fragmentos (121) e (122) é a existência destas violências dentro da universidade, que fora pontuada anteriormente como cenário de ascensão de mulheres e contexto de grande representatividade entre elas. O assédio e o medo sentido pelas entrevistadas reflete na forma com que elas pontuam as situações vividas (trecho 123). A diversidade de lugares em que ocorreram os episódios mostram que embora as mudanças culturais tenham acontecido de maneira a libertar as mulheres da violência, a raiz cultural que as objetifica ainda persiste.

O assédio vivenciado se entrelaça com as situações de violência apresentadas e reflete o temor das mulheres em relação a segurança pública, onde o medo não se limita a situações de assalto e as submete a preocupação da violação de seus corpos.

(124) Eu acho que assim a gente pode sair, mas do jeito que a gente vai sair tem que ser pensado sabe a gente tem que sair com mais cuidado que um homem, o homem só tem medo de um perigo que é o assalto, a gente tem medo de todos os outros que eles nunca vão entender. (Entrevistada 04)

A consciência da vulnerabilidade a qual estão expostas também foi relatada pelas pesquisadas, pontuando que a presença masculina oprime e reduz a ocorrência de situações de assédio. O entendimento de posse masculina sobre os corpos femininos, resultado do modelo patriarcal de sociedade, como colocou Borges e Cesídio (2007), novamente as coloca em situação de submissão, onde um homem deve respeito ao outro, enquanto a mulher perpassa uma imagem acessória.

(125) Buzina, assovio, gritar, fazer graça, depende do espaço que você tá né, e é uma coisa que eu até reparei né, porque assim, tinha cinco anos que eu não me relacionava com homem, e agora eu tô namorando homem, aí, cinco anos que eu tava acostumada, a ouvir, andar na rua, e saber que era um tormento, aí ele anda do meu lado e não acontece nada, nada, nada, os carros faltam me atropelar, tipo assim, ninguém ta nem aí para mim, parece que nem me olha. (Entrevistada 02)

(126) O que eu percebo muito é que se eu tô acompanhada de um cara ninguém mexe comigo, mas se eu tô sozinha é umas quatro cantadas. (Entrevistada 03)

Corroborando ainda com o que fora trabalhado por Borges e Cesídio (2007), muitas limitações foram superadas pelas mulheres nos seus momentos de inserção no mercado de trabalho, iniciação política e acesso a educação, entretanto, grandes entraves ainda se fazem presentes, a necessidade da presença masculina para que exista reconhecimento das mulheres é um deles.

A concepção, passada pelas instituições, de que as mulheres são corresponsáveis pelas situações de assédio vivenciadas, também foi pontuada nas entrevistas. A instrução é para que estas se portem com discrição de maneira a evitar chamar atenção masculina, instruindo o respeito de forma unilateral (fragmento 127 e 128).

(127) Já, muitos "Fiu fiu", muitos "Gostosa", muito "Ê morena", muito "Ê lá em casa", isso mesmo dentro da igreja, dentro da igreja a gente era instruída a não usar uma blusa de alcinha, a não usar um vestido que fosse acima do joelho, porque a gente poderia distrair os homens, ninguém ensinou os homens que eles não poderiam olhar para a gente como pedaço de carne porque éramos seres humanos, ensinavam a gente que não poderíamos usar uma saia mais curta, uma blusa de alcinha, eu tive que fazer trezentos millhões de bolerinhos para usar em cima das minhas roupas só na hora de cantar porque eu tinha umas blusas de alcinha. Então, nunca nos ensinaram que poderíamos ser respeitadas, nunca, só ensinaram a gente que a gente tem que respeitar eles. (Entrevistada 05)

(128) Tipo... Quando... A religião realmente importa muito, porque quando eu ia na Shalom que era muito conservadora, era tipo assim "ai não posso usar short curto porque os homens vão mexer comigo na rua", hoje em dia não sabe, eu saio de short, e tipo, depois que eu sai de lá eu comecei a perceber que mesmo se eu vá de... Tô de calça os caras vão mexer comigo, eu posso estar de burca e os caras vão mexer comigo, porque eu sou mulher, sabe? (Entrevistada 14)

As situações em que violência e assédio se entrecruzam de forma que não são descritas pelas entrevistadas em separado, a discriminação entra neste bojo e se mostra presente na persistência do não reconhecimento das mulheres como seres autônomos e dignos de respeito, como expressa o fragmento (129).

(129) Acho que esse é um tipo de discriminação né. Eles acharem que podem, sabe? Do mesmo jeito, porque que a gente não faz isso, mexendo, gritando, desrespeitando o espaço deles. Acho que essa é uma das maiores discriminações, e eu vejo muitos casos que aconteceram que a gente sabe que é por ser mulher, a gente entende. O que aconteceu com Marielle. A gente sabe que aquilo teve raiz em toda essa cultura. (Entrevistada 10)

A citação feita pela entrevistada no trecho (129), compreende a fonte das desigualdades de gênero e opressões vividas no contexto do machismo, entendendo

ainda que a vulnerabilidade a qual as mulheres são expostas apresenta-se como a maior maneira de discriminação. Marielle, pontuada ainda no excerto (129), era socióloga, feminista e ocupava um cargo executivo no governo do Rio de Janeiro e foi morta em 2018, por razões ainda inconclusas.

### 3.5 Gênero e Trabalho

No que diz respeito ao âmbito do trabalho das entrevistadas, traçamos perguntas a fim de compreender como o ser mulher afeta cotidianamente suas experiências. A partir dessas questões, adentramos o escopo de situações ocorridas, entre elas, que explicitam como têm-se dado as relações de trabalho a partir do gênero e as possíveis opressões implícitas nessa correspondência.

Quando questionadas sobre o que é ser mulher no trabalho que exercem, as entrevistadas relataram diferentes formas de exigências, que acreditam se atenuar apenas pelo fato de serem mulheres. Algumas exigências impostas retratam o que Segalla (2008) expôs em seu trabalho, a discriminação com base no conceito subjetivo de beleza em detrimento das capacidades individuais e profissionais das mulheres.

(130) É eu acho que ser mulher no meu trabalho é talvez não ser levada tão a sério quanto meu colega, é o que eu digo, precisa ser bem mais fundamentado e eu preciso ter uma postura muito mais sei lá, eu tenho que passar um ar de mais seriedade fazer um esforço melhor pra ser é considerada que meu colega que é homem por exemplo sabe, eu acho que é ser vigiada na minha aparência na minha estética, enquanto homem não seria, ser cobrada nesse sentido de maneira sutil e as vezes nem tanto. (Entrevistada 07)

Nota-se, pelo conteúdo do fragmento (130), que, por vezes, às mulheres sentem-se pressionadas a se embasarem melhor e manterem-se com uma postura que não é cobrada da mesma maneira para os homens no ambiente de trabalho.

(131) Então, é... acho que mulher fica sempre com mais responsabilidades do que os homens, sabe, eu acho que pros homens normalmente fica a execução, pras mulheres não, além da execução tem que fazer preparação e planejar e tem que tá lá no processo, homem a gente vê que é mais executar as coisas e sei lá. (Entrevistada 04)

Situação que pôde ser percebida a partir do fragmento (131), é a de que as mulheres também são mais cobradas no que tange ao planejamento das atividades. Para além de funções organizativas que desempenham, fica a carga de suas preocupações o processo e a execução. A partir dessas análises iniciais, é nítido o sentimento das entrevistadas de cobranças a mais, apenas por desempenharem suas funções sendo mulheres.

Ponto comum, encontrado nas respostas das entrevistadas, é a constante preferência por homens. Diversas mulheres apresentaram que sentem a insegurança de terceiros quando estes sabem que as terão como prestadoras de serviço.

(132) No âmbito do direito rola demais essa discriminação sabe, até com os próprios assistidos, na defensoria a gente não chama de cliente né, são os assistidos, eles, quando você fala: é a doutora fulana... a mas não tem o... quem que é o outro defensor? E lá eles não tem opção de escolher né, se é o defensor ou se é a defensora, então assim, rola demais, as pessoas sentem mais confiança quando é um homem, entendeu? Às vezes eu tô até vestida formalmente lá e eles chegam e: a você que é minha advogada? Sabe? Rola muito essa discriminação... Assim, aí que eu queria que fosse doutor fulano, entendeu? A quem que é doutora fulana? Ela trabalha aqui há muito tempo? Ela que vai comigo na audiência? Esse tipo de coisa acontece bastante. (Entrevistada 03)

(133) Já, assim, paciente que pede pra ser cuidado por homem, paciente que pede... que a menina não tá cuidando direito e vai e enfia a mão na cara dela, sabe, tipo assim, ameaça. Mas nunca aconteceu comigo não, mas já teve ameaça demais e quando foi trocou por um homem aí respeitou mais a pessoa. Mas já teve o contrário também homem querer ter só cuidado por mulher, acho que também pra aproveitar um pouco. (Entrevistada 08)

(134) É porque geralmente eles falam assim, você atende, porque é suporte né, aí eles falam assim: “deixa eu falar com um dos meninos”. É. Tipo como se a gente não soubesse fazer a mesma coisa que os meninos fazem. (Entrevistada 09)

A discriminação referente às potencialidades profissionais de cada uma dessas mulheres é colocada em questão nas mais variadas situações que enfrentam, apenas por sua determinação de gênero. Como é exemplificado no trecho (133), também ocorre situação inversa, onde as mulheres são desejadas para o desempenho de determinadas funções com o intuito de serem expostas a outros tipos de discriminação, assédio e até mesmo violência.

No fragmento (135), nota-se a busca pela validação da capacidade das mulheres ao desempenhar suas funções, quando são feitos diversos questionamentos sobre suas experiências e competências, questionamentos esses que se suprem se a figura feminina for substituída pela masculina. Neste mesmo sentido, observa-se, no excerto (134), o incômodo causado por essa busca de resoluções pela figura do homem, podendo-se inferir na fala da entrevistada, mesmo que implicitamente, um sentimento de insuficiência.

No que tange as diferenças na remuneração entre homens e mulheres, as entrevistadas apresentaram diversos casos percebidos e vividos por elas, além de apresentarem suas concepções para essa desigualdade.

(135) Eu já vi relatos em escritórios que contrataram advogadas por salários menores, já teve casos que aconteceram que por ser advogada vai ganhar

menos com a desculpa que era menos experiente, mas evidentemente era porque era advogada e não advogado. Entendeu? (Entrevistada 03)

(136) Mas onde eu trabalhei existiu, eu passei uma situação muito ruim no trabalho que eu entrei. O combinado era aumentar o salário, entrei em uma construtora como designer, como assistente administrativo, porque eu era designer. E depois de três meses era para aumentar o meu salário, ele aumentou nem a metade do combinado. Depois de um tempo, depois de quatro meses eu virei gerente administrativa, e aí fui fazer curso para ser gerente de projetos, porque la precisava. Depois de seis meses o combinado era aumentar o salário de novo, ele não aumentou o combinado, aumentou menos. Entrou um gerente de obras que eu contratei para gerenciar a obra, eu comecei a fazer gestão de projetos. Ele aumentava o salário do outro gerente, não aumentava o meu, aumentava o do outro gerente, aumentava o meu duzentos reais, o do gerente quinhentos. Até chegar um ponto de em um ano de trabalho o cara está ganhando mais que o dobro do meu salário sendo que ele entrou depois de mim. Sendo que a gente tinha o mesmo cargo de gerência, e aí eu confrontei ele e falei que esse não foi o combinado, estou fazendo meu trabalho perfeitamente, estou entregando para ele antes do prazo e não estou entendendo o que está acontecendo. E aí em meio desculpas vai e desculpas vem, eu tentando puxar a língua dele, no final ele falou não com essas palavras, mas bem explicitamente. Eu não te pago mais porque você é mulher. E aí eu tomei uma decisão tirei umas férias de quarenta dias, peguei todos os dias, horas extras que eu tinha direito e falei vou tirar quarenta dias de férias já sabendo que ele iria me mandar embora. Porque eu falei não vou trabalhar aqui, porque não acho isso certo. Estou fazendo um trabalho, tenho que ganhar pelo trabalho que estou fazendo, e não estou ganhando. Então essa foi a situação mais assim forte de trabalho de falar assim porque era uma mulher. Na segunda empresa que eu entrei como gestora de projetos o meu chefe teve a cara de pau, ele tinha contratado eu e meu noivo, a gente abriu uma empresa juntos na época DNG Design Solutions, e meu noivo fazia programa de TI e eu gerenciamento de projeto. Então ele fazia o site da empresa, e eu fazia o gerenciamento de projeto da marcenaria da fábrica, porque era uma fábrica de móveis. E ele teve a capacidade de chegar para mim e falar assim, você já ganha um tanto bom, porque somando o seu salário com o do seu noivo você já ganha bem demais para você que é mulher. Ele falou com essas palavras, e aí eu falei para ele, mês que vem estou saindo. Porque é algo que me estressa ao extremo, eu estou fazendo meu trabalho, fo\*\*se quem é meu marido, meu noivo, meu namorado, fo\*\*se os outros, qual que é o problema deles. (Entrevistada 13)

É nítido nos fragmentos (135) e (136), a desigualdade do reconhecimento de atividades desempenhadas por mulheres, assim como fica claro que tal situação não se restringe a uma ou outra área de atuação. É atenuante o caso apresentado pelo fragmento (136), uma vez que ocorre por seguidas vezes a desvalorização profissional da entrevistada única e exclusivamente por seu gênero.

Outro ponto que cabe discussão no fragmento (136), é a vinculação da função profissional da entrevistada ao seu vínculo pessoal com a figura masculina de seu noivo. Na situação em questão, assim como em outras já apresentadas neste trabalho, a existência da mulher aparece em completude ao papel do homem, sendo novamente colocada em plano secundário e alocada como parte, não sendo considerada pela sua individualidade.

(137) Eu acho porque, primeiro, vai na concepção de que os homens tem mais oportunidades, tem mais vagas, segundo porque muitas vezes a mulher por ela talvez ter filhos eles acham que ela sejam menos e por isso ela ganha menos. (Entrevistada 15)

A discussão dos motivos existentes para a diferenciação de salários entre homens e mulheres nos levaria a diversas direções, como se propõe o fragmento (137), compreendendo as diferentes explicações e justificativas que ainda são utilizadas para essa discrepância. Na literatura não é difícil de encontrar autores que discutam e evidenciem essa situação (TEIXEIRA, 2008; LAPA, 2016), questionando ainda os paradigmas do mercado e as relações existentes. Embora tal discussão possa nos conduzir por caminhos diferentes, o que se exprime de todas as formas é a manutenção da subordinação feminina, pela mão de obra mais barata, além da continuidade do sistema de opressão que busca limitar sua autonomia financeira, impedindo, assim, sua independência de fato.

No que se refere a questões de assédio e violência no trabalho, encontramos, também, situações comuns entre as entrevistadas que estão inseridas no mercado. As mulheres estão expostas, nos mais variados âmbitos cotidianos, à situações que as desgastam e as oprimem, contextos estes que se mantêm pela estrutura patriarcal e cultural a qual estamos inseridos.

(138) Na defensoria da união a gente atende refugiados, muito né, principalmente os assistidos muçulmanos, e assim, com todo respeito a religião muçulmana mas a gente sabe que eles tem um viés muito mais machista e intolerante que as religiões cristãs né, então, então, isso não se aplica a todas as pessoas, obviamente. Mais assim, dos assistidos muçulmanos dar em cima da gente mesmo, convidar para sair, enfim, acontece muito, muito. (Entrevistada 03)

(139) Então, pelo o que a menina me contou, já teve umas piadinhas lá, do chefe, mas ela cortou, assim comigo ainda não. (Entrevistada 12)

O que pode-se extrair dos fragmentos (138), (139) e (140) é a consciência dessas mulheres de que passam, rotineiramente (e por que não dizer, ainda passarão), por situações de assédio. Os episódios relatados pelas entrevistadas parecem ter intensidades diferentes. Tal fato configura mais uma forma de submissão feminina, desta vez no que se refere a sua objetificação.

(141) Mas no meu caso foi uma questão de assédio que virou violência, meu chefe me assediou, eu disse não, e ele marcou uma reunião para me escrachar. Então veio o assédio primeiro, e depois ele fez uma situação para dar errado. Eu como gerente, ele tirou o controle da minha mão, o negócio deu errado, depois ele veio colocar a culpa em mim. Marcou uma reunião para me escrachar, falar que eu não dava conta do projeto. Mas foi só para se vingar, foi horrível. (Entrevistada 13)



Casos de retaliação após situações de assédio também foram relatados pelas entrevistadas. Como ilustra o excerto (141), além de estarem expostas ao assédio, por vezes, as mulheres ainda sofrem com agravantes como demissões e outros quadros de violência.

Não abordarei, aqui os mecanismos de denúncia e combate a tais práticas, por compreendermos que embora já exista a movimentação contra o assédio no trabalho, as ações não podem ser consideradas efetivas, uma vez que muitas mulheres ainda são submetidas a estas situações e se mantêm em suas funções por não lhes restarem outras opções (fragmento (141)).

(142) Mas eu tive esse tipo de atitude, porque eu não tinha um filho para criar, porque eu tinha um pai para pagar minhas contas, eu tinha um lugar para voltar. A maioria das mulheres não tem isso, elas têm filhos para criar, eles têm que comer, os boletos vão chegar, e aí o que ela faz. Ela vai lá denunciar o trabalho? Não tem como ela fazer isso. Eu vi isso acontecendo, eu vi acontecer assédio com mulher na minha frente, e a mulher não reclamava, porque ela não podia perder o emprego. E não adianta falar que não tem isso, que se você sair de uma empresa hoje você vai conseguir emprego em outro lugar. Sujam seu nome na cidade inteira, você não consegue em lugar nenhum. Eles falam entre eles. (Entrevistada 13)

Outro aspecto que podemos trazer como ponto comum entre as falas das pesquisadas é a pouca inserção de mulheres em seus meios de trabalho. Algumas delas relataram suas experiências como únicas, dentro de seus contextos e a pressão que isso acarretava a elas. Além de outras situações de discriminação por serem minoria.

(143) É um desafio, sou a única, na minha área, não a área, mas a única estagiária que entrou de 14 homens. (Entrevistada 06)

(144) Mas eu fazia estágio até pouco tempo atrás e assim não havia diferenciação e era uma sala que tipo, eu era a única mulher, e a minha coordenadora também, sabe? Ela era coordenadora do setor. Eu escutava muito piadinha machista entre eles, mas eu também fingia que não tava ouvindo eles, quando eu tava sem fone de ouvido eu discutia com eles, mas também evitava para poder não ter essas briguinhas sabe, dentro do trabalho, mas tem muito disso sim, tipo assim na parte da área da tecnologia e tudo mais acontece muito isso. (Entrevistada 14)

Como apontam os fragmentos (143) e (144), ainda existe e persiste a cultura machista nos ambientes de trabalho, principalmente, onde a inserção feminina ainda faz-se menor, como na área das tecnologias. Entretanto, deduzimos, aqui, que a inserção cada vez maior de mulheres nessas áreas poderá abrir o campo para as próximas que virão.

### **3.6 Feminismo**

O último bloco de temáticas, realizado nas entrevistas, tratou das percepções das mulheres para com o feminismo. A compreensão do ser mulher, as possibilidades de

organização em movimentos, as mudanças ocorridas na relação com a religião a partir do contato inicial com o movimento feminista também foram pauta e refletiram as mudanças sociais do avanço das causas feministas no grupo pesquisado.

Corroborando com a pluralidade de mulheres que compuseram esta pesquisa, as percepções destas no que se refere ao que é ser mulher também foram descritas de maneira diversa, tocando questões específicas e versando sobre a característica mais pontuada, a diferença entre o ser mulher e o ser homem.

(145)Ser mulher é diferente de ser homem, por exemplo, acho que pelas nossas emoções, pelo que a gente sente, pelo jeito que a gente comporta, pelas funções que a gente exerce nos lugares, pelo nosso pensamento que é diferente do pensamento de um homem. Ser mulher é ser diferente de um homem. (Entrevistada 01)

(146)Acredito que a gente veio para somar mesmo, são dois diferentes. Os homens têm as suas percepções, nós temos as nossas. Às vezes é uma mesma situação percebida de maneira diferentes, acredito que é para somar, um companheirismo, uma parceria, estar ali do lado. Na bíblia fala é bom que o homem não esteja só. Fala da importância de ter alguém, porque ai de você se cair sozinho, se você tiver outra pessoa ela vai poder te levantar. Acredito que a mulher seja essa auxiliadora mesmo, companheira, parceira que vai trabalhar junto, vai lutar junto por tudo, pela conquista de tudo. O homem ser o cabeça de direcionar as coisas, mas a mulher sendo fundamental para a conquista de todas as coisas. (Entrevistada 10)

Nos excertos (145) e (146), as entrevistadas referem-se a diferenciação das figuras masculina e feminina, pontuando tal aspecto como fundamental na compreensão do que é ser mulher. No trecho (146) explicita-se novamente o entendimento de complemento da imagem da mulher, a sua posição como auxiliadora reforça o que é expresso ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, na percepção das mulheres fiéis, colocando a figura masculina no papel de condutor, e porque não dominador, auxiliado pela figura feminina.

(147)Eu percebo que mulheres de uma forma geral tem muito mais empatia por exemplo com os LGBT por sofrerem discriminação do que os homens têm, então eu acho assim, que a mulher tem essa percepção, e, e eu sendo mulher eu percebo que, que até pelos situações de discriminação que eu vivi, que toda mulher vive né, eu tenho uma visão mais humana de todas as, de tudo aquilo que foge do padrão né. (Entrevistada 03)

O fragmento (147), complementa a ideia da diferenciação da figura masculina e feminina com a compreensão de que as opressões vivenciadas pelas mulheres constroem diferentes visões de mundo, que pelo modo de dominação masculina, estabelecido pelo contexto patriarcal, não permite que homens experienciem tais situações, como propôs Silva (2015), que salientou que é imprescindível que as diferenças de atribuições, postas

pelo machismo, sejam de conhecimento de ambos os gêneros o que também segue em consonância com o fragmento (148).

(148)A construção social que a gente tem é de que nós somos inferiores, isso vem desde sempre, desde sempre, desde que o mundo é mundo e nós aprendemos na bíblia que deus tirou a costela de Adão para fazer Eva, desde sempre, nós mulheres somos tidas como inferiores, acho que é porque eles sabem o poder que a gente tem quando a nós estamos unidas, mas nós desde sempre somos as que ficamos em casa cuidando dos filhos, cuidamos do lar e ainda temos que cuidar do marido, porque aparentemente a gente não é esposa, a gente é outra mãe. (Entrevistada 05)

Ainda no que se refere a percepção sobre o ser mulher, foram pontuadas as situações de opressão sofridas pelas mulheres pelo seu condicionante de gênero, aliada a falta de espaço e a desigualdade enfrentada na disputa por espaços sociais.

(149)Uai eu acho que ser mulher no mundo hoje é ter que lidar com o mundo que vai te regular muito mais, que vai ser violento com você muito mais que com os homens (...) isso vai fazer com que você tenha que seguir mais regras, se controlar mais, se abdicar mais de você ou ter um certo tipo de comportamento que, específico de ser mulher, assim, que eu acho que ele prende a gente assim como outros comportamentos prendem os homens também, tem que ter comportamentos de homens. (Entrevistada 07)

(150) Olha, as mulheres são sofridas. Vejo assim, é muito bom ser mulher em alguns aspectos, eu gosto de ser mulher. Em outros é muito difícil, eu já tive vontade de desistir de ser mulher, porque eu falo assim, por que eu tenho que passar por isso, sabe? Então assim é muito conflitante, parece que ao mesmo tempo que você tem um lugar, mas você não quer aquele lugar que é pré-estabelecido. Na vida eu sofro um conflito diário, porque eu não quero esse lugar de dona Amélia. Eu não nasci para isso, não gosto disso. (Entrevistada 13)

(151)Na vida em geral, eu acho que a percepção de ser mulher é muito cobrada pelas pessoas e pela sociedade, pela família, você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo, mas eu acho que cada mulher tem uma percepção e cada mulher precisa encontrar essa percepção. (Entrevistada 15)

A opressão e as situações de desigualdade de tratamento vivenciadas pelas mulheres refletem nos seus relatos, apresentando as violências possíveis de serem sofridas dentro das relações de gênero (fragmento (149)). O papel social estabelecido para a imagem feminina também é salientado nos fragmentos (149), (150) e (151), referenciando o lugar doméstico que fora atribuído as mulheres ao longo do desenvolvimento da sociedade.

Para além da compreensão da forma violenta que a opressão de gênero pode acometer as mulheres (trecho 149), é notável inferir (fragmento 150) a insatisfação do que é estabelecido para a entrevistada e o conflito enfrentado por ela para exercer tal

atribuição. As possibilidades, conquistadas pelas mulheres, também foram pontuadas (excerto 151), entendendo a ruptura do que fora estabelecido socialmente para o estímulo da compreensão de novas alternativas onde estas mulheres podem se inserir.

No anseio de perceber a relação estabelecida com o feminismo, considerando que dentre as pesquisadas existem mulheres ativas no contexto evangélico e demais que romperam com este arranjo, buscamos primeiro adentrar na maneira com que estas entendem o movimento.

(152)Eu sou feminista desde o dia que eu nasci, então, é ótima a minha relação com o feminismo. Eu não participo de um grupo específico de militância, mas assim eu já trabalhei, até na faculdade de direito, com apoio à violência, à mulheres vítimas de violência, eu participava de um grupo de teatro do direito que trabalhava muito essa questão, naquela época do sou mulher e não vou me calar eu participei ativamente também, então assim, eu me considero feminista, até porque, por eu ser cristã, eu acredito que há sim uma diferenciação entre homens e mulheres, as diferenças elas vem para nos complementar e não para nos oprimir né. (Entrevistada 03)

(153)Eu sou feminista radical, eu acredito que para resolver todo esse problema que a gente esta, temos que mudar as coisas na raiz de tudo, eu me descobri feminista em 2014, me descobri feminista radical em 2016 mas assim, não digo que serei para sempre, a vida é uma eterna construção, ninguém é um ser completo e a gente tá aí para aprender. (Entrevistada 05)

(154)Então, eu fui descobrir o que era feminismo depois, mas ai eu percebi que já tinha muita coisa em mim, que eu já fazia, que tinha a ver com isso assim. (Entrevistada 07)

(155)Eu me considero feminista, antes eu não entendia o que era isso, porque passa para a gente até a questão da igreja, passa para a gente que feminista é uma mulher por exemplo ela quer direitos mas assim, como que eu posso explicar, por exemplo, eu quero direito mas até eu sair com homem e homem pagar minha conta, sabe? Essas coisas que a gente escuta e a gente é boba quando a gente é pequena assim, quando a gente é mais nova.. o que falam para gente, ate já ouvi muito assim, eu só concordava e falava ok e tal. (Entrevistada 12)

(156)Eu me descobri feminista né. Acho que faz... Sei lá, uns 2 anos. As pessoas começaram a me intitular como feminista "a, legal né, então eu sou mesmo", e passei a defender, a estudar mais sobre isso, a me defender mais como mulher, a querer participar ativamente de coisas relacionadas a isso. Tanto que eu trabalhei, fiz um projeto de extensão, pela minha faculdade, numa ONG que assim, eu não estava diretamente ligada às mulheres, mas eu usava da tecnologia para cuidar dos dados, arrumar os dados lá, ajudar eles em questão de planilhas de excel. (Entrevistada 14)

Percepção comum, apresentada nos fragmentos (152), (153), (154), (155) e (156), é a de que as mulheres se descobriram feministas, o entendimento do que pauta o movimento por vezes veio acompanhado com o amadurecimento das pesquisadas e do contato com diferentes contextos sociais as quais estavam incumbidas, como a

universidade.

Pode-se inferir também, de acordo com os trechos (152) e (156), que ao passo que as mulheres se descobriram inseridas no movimento e compreenderam-se como parte de um todo, buscaram de diferentes formas colaborar com causas relacionadas as pautas feministas, colaborando, dentro de suas possibilidades individuais, com outras mulheres em situação de opressão e violência.

Outro ponto comum (fragmentos (154) e (155)), são as práticas cotidianas na vivência das entrevistadas, não reconhecidas dentro do ensejo feminista, abrindo a compreensão de que estas já experienciaram o feminismo em seus cotidianos, tendo a igreja (trecho (155)) papel importante para a não reconhecimento da causa.

Contradição descrita por algumas das entrevistadas (fragmentos (157) e (158)), refere-se ao ser cristã e intitular-se feminista, contrapondo tal fato, o entendimento apresentado no fragmento (152), refuta a discordância pontuando a igualdade buscada no contexto religioso, compreendendo a diferença entre homem e mulher.

(157)Olha, não acredito que eu possa falar que eu sou feminista, porque, é uma contramão, as vezes, algumas coisas assim que eu faço o feminismo aborda, entendeu? (Entrevistada 06)

(158)Não sou feminista, mas, algumas ideias do feminismo eu apoio. (Entrevistada 09)

Embora as mudanças no contexto evangélico atual tenham apresentado-se neste trabalho, os excertos (157) e (158) apresentam a ideia na qual o estereótipo da mulher crente se reforça, contudo, abre precedentes também para avistarmos a mudança, mesmo que distante, uma vez que embora as pesquisadas, ativas no meio evangélico, não se considerem feministas, apoiam e corroboram com determinadas pautas.

No que se relaciona ao envolvimento das entrevistadas em movimentos organizados de mulheres, poucas são as que se organizam, os relatos apresentados por elas, como explicita o fragmento (159), demonstram a necessidade de organização para o avanço das pautas que buscam a igualdade e o reconhecimento feminino.

(159)Então, no início da coletiva a gente tinha reuniões de mulheres para, sei lá, fazer oficinas de turbante, fazer coisas para a nossa autoestima e discutir também feminismo negro, por que a gente tem que ter esse senso de coletividade e às vezes dessa interseccionalidade também que é necessária, e a coletiva também proporciona que a gente conheça outras mulheres que não conheceria se não fosse da coletiva, e conhecer uma faz a gente conhecer varias outras e quanto mais a gente tiver se reunindo mais a gente vai se unir né? (Entrevistada 04)

Cabe-nos aqui ressaltar situação pontual descrita por uma das pesquisadas, onde a mesma descreve sua trajetória no feminismo e em movimentos organizados, todavia, salienta a ruptura, como apresenta o fragmento (160).

(160)Olha, eu já participei, mas, depois que eu me tornei mãe, é um pouco inviável, não só por questão de tempo, mas porque o próprio feminismo, eu falo isso, e é triste falar isso, mas o feminismo não foi feito para mães, ainda mais quando você é mãe de um menino, você é muito discriminada, muito, e é muito triste falar isso, é muito triste perceber isso, que você enquanto mulher se acha superior à outra mulher por ela ter gerado um filho homem, não faz sentido, deveríamos ficar felizes porque o menino nasceu dentro da minha família, onde eu vou criá-lo da melhor forma possível para que ele não perpetue o que está aí. (Entrevistada 05)

O que se expressa no fragmento (160), é a compreensão, por parte da entrevistada, das limitações que o movimento apresenta, limitações estas que foram pontuadas no decorrer das entrevistas, onde as mulheres descreveram os agravantes possíveis que aumentam e dificultam o acesso feminino a igualdade nos postos sociais estabelecidos.

Neste sentido, compreendendo o envolvimento das mulheres pesquisadas com o feminismo e com organizações, adentramos no ensejo das mudanças e possíveis conflitos existentes na trajetória destas, entendendo as estruturas religiosas tradicionais e os anseios da pauta feminista. Questionadas se ocorreram mudanças na percepção da religião a partir do contato com o feminismo, convergências e divergências surgiram nas respostas entre fiéis e dissidentes, nos trazendo diferentes leituras sobre esta relação.

(161)É tipo, você começa a perceber umas coisas muito assim, as mulheres eram vendidas, elas eram trocadas por bezerras, os caras tinham altas esposas e era ok, era super ok, até hoje é super ok na verdade. Eu falo assim, até na igreja mesmo, se você descobre que um cara tá traindo a mulher assim, é uma coisa tipo nossa, mas se a mulher tava traindo o cara, meus amigos, ela é tipo banida, exortada, jogada no lixo, mesmo. (Entrevistada 02)

(162)Então eu acho que eu consigo fazer uma leitura, até da própria bíblia, com o olhar menos influenciado, porque eu acho que o texto bíblico ele, ele é muito influenciado por quem traduziu né, apesar de eu acreditar que é uma escritura sagrada, eu percebo que na tradução vão se inserindo vários preconceitos que os próprios tradutores têm, que os próprios teólogos na hora de interpretar imprimem. Então assim, já existem teólogas feministas que fazem uma interpretação do texto bíblico, que deixa de lado as construções machistas que a gente tem né, com um outro olhar. Eu percebo que muitas vezes a igreja, ela tem posturas feministas mas que não admite que são feministas, e até eu consigo perceber mais na, nos mínimos detalhes, o que que é uma situação de discriminação e o que não é, entendeu? Até muitos anos atrás, isso a minha mãe que me contou, uma prima dela que traiu o marido, a igreja, tipo assim, olhava torto para ela, as pessoas na igreja e tal, e aí recentemente um pastor traiu a esposa lá na sal da terra e assim, com ele foi assim, foi perdão, foi acolhimento, e que ela tinha que ficar com ele, que ela tinha que perdoar, muita gente não enxergou isso como uma situação

discriminatória, mas eu acho isso uma situação discriminatória, entendeu? E assim, eu acho que tendo essa percepção a gente consegue atuar, até próprio, dentro da religião, como forma de ajudar as mulheres, entendeu? Porque às vezes as mulheres que estão dentro da igreja, por não terem tido contato com feminismo, elas se acomodam em algumas posturas que nem elas percebem que estão sendo maléfica para elas, mas assim, a gente não tá lá para fazer só elas enxergarem, mas para libertar elas desse tipo de coisa, elas não precisam se declarar feministas, desde que elas tomem posturas, de que elas se libertem de algumas amarras que nem elas mesmas percebem. Eu não acho o problema é religião, o problema são as pessoas que estão atuando na religião, entendeu? (Entrevistada 03)

Os fragmentos (161) e (162) explicitam a percepção das desigualdades no tratamento entre os gêneros dentro das instituições, percepção esta que foi desenvolvida a partir do contato com o feminismo. É comum, nas situações apresentadas, a postura de proteção das instituições ao comportamento masculino, como fora colocado no trecho (161), que reforça a bíblia como alicerce para manter esse padrão.

É marcado pelo excerto (162) a negação da instituição religiosa de reconhecimento de determinadas práticas como feministas, contudo, a entrevistada, ativamente inserida no contexto religioso, apresenta novas possibilidades de interpretação das escrituras religiosas que rompem com os tradicionalismos que subjagam as mulheres. Neste sentido, corroborando com o que fora proposto por Freire (2015), a contribuição de diferentes interpretações, incluindo-se de teólogas feministas, no arranjo religioso, colabora para a ruptura de situações de opressão para as mulheres que optam por se inserir nestas estruturas religiosas.

As mudanças nas percepções sobre a religião, causadas pelo feminismo, foram relatadas entre as mulheres dissidentes das organizações religiosas de maneira mais enfática, onde por vezes resultou no rompimento com este arranjo.

(163) Ai, de não aceitar uma estrutura familiar que a mulher vai pra igreja pra sei lá, pedir pro marido melhorar, pedir pra Deus ao invés de ela sair dali sabe, esse entendimento de que não é deus que vai melhorar o homem. que sei lá. que é mal, não é deus que vai melhorar a estrutura do machismo e de entender que não é da pessoa também do homem, participar, ser daquele jeito que é toda uma estrutura que inclusive na bíblia é machista, que vai sendo passada pra gente sabe, então sair da igreja e estudar faz a gente entender mais isso, que o homem na verdade ele só tem atributos físicos que parece mais forte que a gente, mas em todo o resto eu acho que não é mais forte, e o feminismo me abriu muito a cabeça sobre isso e de não ter rivalidade também, por que dentro da igreja você vê rivalidade, rivalidade de quem repete menos a roupa. (Entrevistada 04)

O conflito e a negação da estrutura colocada nas instituições fica evidente no fragmento (163), remetendo ao contato com o feminismo e a compreensão do que este pauta o rompimento com as práticas que mantinham as mulheres em situações de

opressão. Outro fator citado no trecho (163) e reafirmado nos fragmentos (164) e (165), são as formas com que a bíblia é interpretada de maneira a reafirmar a dominação masculina.

(164) Então, eu fui vendo que muita coisa era muito problemática, mesmo as coisas que estão escritas na bíblia, e o pessoal leva religiosamente e cegamente, porque que a gente tem que levar um livro que foi escrito a milhares de anos atrás por homens que a gente nem sabe se foi escrito daquele jeito, porque a bíblia já foi completamente alterada, 70% do que está lá nem foi escrito, só foi mudado de acordo com o que a igreja queria, só foi colocado para a dominação feminina. Então, assim, eu abri muito, muito os olhos depois que eu conheci o feminismo, porque a igreja é muito tóxica, ela é muito fechada, é um mundinho assim, que depois que eu sai eu me senti muito sozinha e eu percebi porque a gente só pode ter amigos da igreja, então por isso que a gente se sente sozinha e por isso que depois o pessoal volta, nem é porque esta arrependido dos pecados que cometeu, é porque se sente sozinha. Depois que eu conheci o feminismo eu fui ver, mas eu não estou sozinha, eu tenho muitas iguais a mim. (Entrevistada 05)

(165)Então o feminismo mudou muito minha percepção quanto a isso na bíblia, e a bíblia também é muito cruel. Nossa, lá o pai dava a filha para o soldado para proteger o anjo, dava a filha assim para ser estuprada mesmo, pode levar. E ninguém fala disso, bíblia é muito cruel, muito fria, tem muita coisa absurda. As crianças zoaram o pastor, manda os ursos comerem as crianças, ninguém fala desses versículos. Então assim a minha percepção foi mudando quando eu li a bíblia por mim mesma. Uma coisa é você ir na religião e ficar só escutando o que o pastor fala, outra coisa é você ler a bíblia você mesmo, e falar, poxa vida que amor é esse nesse livro? Que é muito forte, muita violência, muita perseguição. E fala muito de amor também, mas sério para mim a religião nada mais é que um método de controle da população. Ela serve para isso, para controlar a população. (Entrevistada 13)

A maneira com que a bíblia é entendida como escritura posta para controle também é expressa nos fragmentos (164) e (165), as problemáticas levantadas versam sobre o uso pertinente de determinadas passagens para se perpetuar a estrutura com a figura masculina dominante e salientam as demais interpretações que não são utilizadas pela relativização dos contextos históricos. Pode-se inferir, destes relatos, o incômodo que as mulheres passaram a perceber após o contato com o feminismo, em especial nos fragmentos (164) e (165), o desconforto gerado pelas situações vivenciadas em conflito com as novas percepções agregou as demais razões para a dissidência das fiéis com as instituições.

(166)Que a gente não precisa ficar presa à regras, à dogmas passados. Que a gente pode ter religião e ter uma identidade. (Entrevistada 09)

(167)Eu acho que mudou bastante, porque, pela religião, o que sempre me foi dito “Você precisa se casar”, “Você precisa arrumar um homem bom”, e até hoje meus pais falam, você precisa namorar, você precisa casar e eu sempre brinco, “Ah, eu ouvi um mestrado, um doutorado”. Mas hoje em dia eles entendem bem mais, mas eu acho que a minha visão de mulher mudou muito depois que eu tive o contato com o feminismo. (Entrevistada 15)



As possibilidades e as mudanças no papel determinado as mulheres também foram relatadas (fragmento (167)), pontuando os novos espaços sociais conquistados e expressando o rompimento com a necessidade de vinculação de uma figura masculina a trajetória feminina.

Compreendendo que as mudanças, relatadas nas entrevistas, são resultado de conflitos e novas interpretações, buscamos então questionamentos que antecedessem as mudanças, quais as questões que conflitaram entre as religiões seguidas e o ser mulher.

(168)Por que a religião ela dita coisas, tipo eu conheço meninas que iam numa igreja que não podia nem fazer depilação, não podia fazer a sobrancelha, não podia cortar o cabelo, mas pro homem não tem nenhuma restrição, ou seja, o homem pode sair pelo mundo, fazer o que ele quiser, que vão passar a mão pra ele, mas uma mulher não pode tipo sequer se arrumar o mínimo, que vai acontecer igual o meu pai, "que cê tá querendo se arrumando, cê tá querendo arrumar o que na rua", sabe? (Entrevistada 04)

(169)Cheguei ao ponto de perguntar "por que". Por que a religião e pra que que ela serve. Porque não fazia sentido. Quando eu entrei na universidade eu ainda estava na igreja. Aí quando eu comecei a passar a pensar um pouquinho mais eu já falei, não, não quero. Não é isso. (Entrevistada 11)

A opressão vivenciada por mulheres, no mesmo sentido que as demais já apresentadas nesta pesquisa, também foi relatada como motivos de conflitos entre o ser mulher e a religião escolhida. Os fragmentos (168) e (169) apontam que as opressões e a estrutura colocada dentro das instituições, fundamentados na ideia tradicional de religião, causaram os primeiros questionamentos e serviram como ponto de partida para o início das rupturas individuais.

Em contrapartida aos conflitos pontuados, o relato de uma das fiéis entrevistadas (fragmento (170)) se posicionou de maneira a justificar a presença de mulheres em estruturas que as oprimem, partindo do seu entendimento pontuou as transformações ocorridas no contexto religioso e a necessidade de pessoas que optem por romper com as desigualdades dentro das instituições.

(170)Eu acho que assim, eu frequentando a igreja é melhor do que eu não frequentar, porque lá, eu, por mais que eu não vou conseguir mudar tudo de uma vez, eu consigo mudar aos poucos, porque existe, existe uma evolução né, a igreja antigamente não aceitava nem que usasse uma guitarra dentro da igreja porque não era um instrumento santo né, entre aspas, hoje em dia se usa guitarra, usa bateria, assim, eu tô usando um exemplo meio tosco mas só para mostrar que as coisas mudam, então eu, eu senti assim, a é uma igreja discrimina as mulheres que não pode ter pastora, mas cara, se eu não for vai ser sempre assim, porque tem que ter pessoas que pensam diferente para conquistar outras pessoas também, entendeu? Eu acho que essa mudança ela vai ser gradativa, e a mudança ela acontece, e ela, e ela é sempre lenta né, leva muitos anos para que efetivamente a gente tenha alguma diferenciação, eu

acredito todos os espaços que a gente frequenta a gente se omitir é pior, então eu prefiro estar lá dentro, que é uma, uma fé que eu tenho, que eu gosto de ter, que eu gosto de exercer e poder influenciar positivamente do que me omitir e deixar do jeito que tá. (Entrevistada 03)

O fragmento (170) expressa de maneira marcante o anseio da entrevistada na mudança dentro da instituição, embora compreenda as omissões e opressões existentes, analisa a necessidade de se manter ativamente no arranjo religioso, corroborando para que desta maneira mais pessoas se engajem na busca por igualdade e quebra de estruturas opressoras.

Desta maneira, considerando as transformações na percepção da religião e os conflitos existentes no universo pesquisado, buscamos compreender, de maneira efetiva, quais as mudanças que o feminismo trouxe, direta ou indiretamente, para a vivência das entrevistadas.

(171)Ah, a possibilidade de hoje poder fazer uma faculdade, né!? A possibilidade de poder escolher se eu quero casar ou não, se eu quero ter filhos ou não. (Entrevistada 09)

(172)Eu acho que dar mais a minha voz, sabe? Falar a minha opinião, dizer aquilo que eu quero, apesar de às vezes me sentir oprimida, mas, sempre quando eu me sinto confortável o suficiente eu vou lá e falo e faço mesmo, sabe?(Entrevistada 14)

(173)Eu acho que eu me tornei mais consciente, da minha liberdade, que eu acho que... No momento em que eu tive contato eu percebi que isso era um direito meu, não era algo que eu precisava mudar, era algo que eu só precisava perceber. (Entrevistada 15)

Os excertos (171), (172) e (173) apresentam um conjunto de mudanças que ocorreram na vida das entrevistadas, proporcionadas pelo feminismo, refletem o estímulo para que as mulheres mudem as perspectivas dos espaços sociais, abrindo opções de escolhas, no que se refere a trabalho, estudo e também ao posicionamento delas socialmente.

A liberdade, apontada nos fragmentos (172) e (173), reflete a consciência, adquirida por estas mulheres, da igualdade e da necessidade de que elas se coloquem frente as opressões para que sejam reduzidas e atinjam de fato posições iguais na sociedade.

(174)Eu sinto em um momento que pelo feminismo hoje em dia as mulheres, elas não só tem voz mas no momento em que elas são silenciadas, tem outras que se levantam e dão união, e dão força à elas, e elas se sentem parte de um grupo, acho que isso é importante. (Entrevistada 15)

Cabe salientar a percepção de unidade, por vezes trazida pelo feminismo, que as

entrevistadas pontuaram (fragmento (174)), reforçando o senso de união entre as mulheres e com isso fornecendo segurança para que apoiem umas as outras para ocuparem novos espaços.

De maneira oposta as conquistas citadas pelas entrevistadas, o fragmento (175) apresenta o choque que ocorreu junto as mudanças trazidas pelo feminismo, a forma com que as mulheres passam a ler a realidade é descrita de maneira dura, entretanto, necessária.

(175)É muito bom, você saber, você abrir os olhos e ver a realidade, mas não é muito bom não você ter conhecimento se não você chora, então assim, foram muito boas as mudanças porque eu puder me conhecer, eu puder ver o que a gente está vivendo hoje em dia só que sem vendas nos olhos ou sem nenhum tule que me deixe ver bonitinho. Eu vejo, é triste ver, que é feio o que estamos vivendo, é triste ver que é feio o que eu vivi minha vida inteira, só que é necessário, são mudanças necessárias, a gente não pode ficar estagnado para sempre. Então, assim, foi triste? Foi. É complicado você ver o mundo que estamos inseridos? É. Mas foram mudanças necessárias. (Entrevistada 05)

O fragmento (175) também expressa que as rupturas com os contextos religiosos os quais as mulheres estavam inseridas deu-se de forma traumática, e as novas percepções vieram simultaneamente agregadas de outros sentimentos conflituosos, entretanto, rompidas as amarras que não as permitiam visualizar as desigualdades.

## II. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve, como principal objetivo, analisar as semelhanças e diferenças nas representações de gênero entre fiéis e ex fiéis de instituições evangélicas, considerando os espaços sociais aos quais se inserem, como a família, o trabalho, a igreja e a sociedade como um todo. Tal proposta buscou elucidar a maneira com que as questões de gênero, no que se referem às mulheres, influencia nas relações determinadas nestes contextos, analisando fundamentalmente as formas com que a religião propõe que se trate o gênero e os reflexos desta dinâmica nas vivências individuais.

Para além do entendimento da forma com que se estabelecem as relações baseadas pelo gênero, as percepções das mulheres entrevistadas também foram pauta de discussão nesta pesquisa, apreendendo que as interpretações da maneira com que se impõe a cultura da divisão de gênero nos espaços sociais dá-se por diferentes vieses, considerando as trajetórias e suas individualidades.

As análises nos indicaram, inicialmente, as semelhanças entre as inserções das mulheres nas instituições religiosas, apresentando em suas trajetórias a herança cultural e familiar que as envolveu em tais práticas desde os primeiros anos de vida. Ainda neste sentido, fora colocado a falta de opção para que estas rompessem o vínculo com as organizações, ressaltando que as rupturas relatadas, entre as dissidentes, ocorreram com a inserção em diferentes meios sociais, ressaltando aqui a importância da universidade nesta ocasião.

No entendimento das trajetórias apresentadas, existem as mulheres que ainda se inserem ativamente no contexto religioso, entretanto, é comum entre elas que ao longo de suas vivências nas organizações evangélicas tenham ocorrido mudança de denominações, buscando, em diferentes igrejas, a ideia de pertencimento e práticas que se embasassem basicamente nos preceitos bíblicos e que de certo modo assentissem com seus modos de vida e costumes, apreendendo aqui os tradicionalismos que, por vezes, se apresentam juntamente com as formas de dominação e opressão da mulher, que foram pontuados e descritos de forma obsoleta.

Vale resaltar a influência fundamental exercida pelo arranjo familiar na construção da relação das mulheres para com a religião. Além da inserção, ainda infantil, nesse contexto, a descrição dos objetivos propostos pelas instituições, que consiste em evangelizar a família e manter os ciclos de convivência reduzidos ao seio da igreja, explicita a busca da conversão, tanto por seus familiares quanto por elas às pessoas de

seus convívios.

No que se refere a representatividade e participação das mulheres nos espaços de decisão das instituições, também foram pontuadas semelhanças, entendendo que, em maioria, nas organizações de origem das pesquisadas, as altas funções são desenvolvidas por homens, que embasam e justificam essa diferença nas escrituras sagradas. O posto de pastor é predominantemente masculino, entretanto, nas instituições que permitem que mulheres ocupem tal espaço, são colocados critérios a serem seguidos, em sua totalidade envolvem a figura masculina, onde as mulheres que queiram se tornar pastoras devem necessariamente estar inseridas em um núcleo familiar (formado no seio da instituição) e assim desenvolver as atividades a sombra do marido. Funções organizativas são divididas entre homens e mulheres, contudo, por vezes, fora relatado a determinação de atividades femininas no que se relaciona com a manutenção e funcionamento das igrejas.

As igrejas nas quais as pesquisadas atuantes inserem-se também foram por elas descritas, diferentes vertentes e tradições foram apresentadas, dentre elas a imagem do líder religioso, que foi caracterizada de maneira acessível em, alguns casos, mas que também fora indicada de forma impositiva, noutros, refletindo tais posturas na forma de organização e práticas das instituições. As formas de reunião, temáticas e frequência de cultos também foram pluralmente pontuadas, ao passo que organizações jovens propõem atividades quase diárias, instituições tradicionais mantêm seus calendários reduzidos aos cultos de final de semana. Neste seguimento, surgem as reuniões específicas e direcionadas, como reunião de mulheres, casais e jovens.

Prática comum encontrada por nós no caminho percorrido nesta pesquisa é a postura das instituições religiosas no que tange a situações de violência contra mulher. Como fora citado pelas entrevistadas, embora algumas instituições apresentem discursos no sentido contrário a estas situações, a prática vivenciada é de omissão e silenciamento, aceitando em seus arranjos episódios que perpetuam socialmente a submissão feminina.

No que se relaciona a ruptura do grupo dissidente pesquisado, as premissas de gênero influenciaram a tomada das decisões em ampla maioria, o modo de opressão, as funções designadas para mulheres e as desigualdades, vivenciadas cotidianamente foram descritas como fatores fundamentais para o início dos conflitos que resultaram no rompimento com as instituições. Situação partilhada entre as dissidentes é o esforço feito para a interpretação bíblica em seus arranjos originários, considerando o contexto histórico temporal que salientaram ser utilizado de forma conveniente nas estruturas de

opressão e controle.

Na perspectiva das representações de gênero, nos demais espaços sociais, foi possível apreender pequenas mudanças nos costumes domésticos e familiares que impõem à mulher as funções de cuidado, todavia, a estrutura patriarcal ainda se mantém e as mudanças seguem a passos curtos. A interpretação do ser mulher perpassa o contraponto básico entre os gêneros, ficando claro, na percepção das pesquisadas, que o ser mulher difere-se fundamentalmente do ser homem. Também se mostra compreensão comum a multifunção feminina, não se desvinculando, em nenhum momento, sua atribuição de mãe e esposa, sendo somada aos demais espaços sociais conquistados, como estudo e trabalho.

Vale salientar as situações apresentadas no que se relacionam à situações de violência, ocorridos em ambiente familiar. É notória a frequência de caos que expõem as mulheres a episódios de violência assédio e outras formas de opressão. No caso desta pesquisa, explicitou-se a incidência e a recorrência de relações familiares que sujeitam as mulheres a violência física e psicológica, e que, embora a conscientização e mecanismos para diminuição desse quadro tenham tomado espaço nos últimos anos, a postura familiar ainda insere-se na compreensão de que estes casos devam ser resolvidos dentro do núcleo familiar (em briga de marido e mulher não se mete a colher), cenário que culmina na perpetuação da violência e por vezes em situações mais graves.

As desigualdades de gênero no mercado de trabalho também foram encontradas nesta pesquisa, que, muito embora tenha demonstrado a maior inserção feminina em postos de trabalho que antes eram exclusivamente masculinos, aponta que a inserção não faz-se suficiente, compreendendo as diferenças salariais e a pequena abertura para altas funções, contrapondo, quantitativamente, a relação de mulheres em universidades e em capacitações para o desempenho destas funções. Cabe-nos aqui pontuar que esta análise também foi realizada por diversas pesquisadas, que apresentaram suas percepções em relação aos altos cargos que não são exercidos por outras mulheres.

Marca comum, que as análises nos permitiram encontrar, são as situações de violência vivenciadas por mulheres no âmbito do trabalho, além da discriminação apontada com a diferenciação de salários, episódios de assédio foram colocados como cotidianos, refletindo aqui que embora as mulheres ocupem espaços técnicos e isto seja resultado de anos de luta por igualdade, a objetificação de seus corpos ainda é prática comum nos espaços.

As representações de gênero, nas instituições religiosas do grupo pesquisado que atuam neste contexto, foram colocadas de maneira semelhante, divergindo nos sentidos da percepção de representatividade e no desempenho de atividades por mulheres, onde as instituições mais novas, de maneira gradual, abrem espaço para que elas exerçam mais funções, enquanto o tradicionalismo segue com a divisão de gênero. No que trata os preceitos bíblicos, trabalhados pelas instituições sobre o ser mulher nos diversos espaços sociais, fora comumente citadas passagens iguais que pontuam a importância da mulher no contexto familiar, sua atribuição materna a encarrega de demais situações de cuidado, refletindo as mulheres fiéis a função permanente de auxiliaadoras, ficando claro em sua percepção a concordância com esta posição.

A compreensão das conquistas sociais femininas foi descrita de forma diversa entre os grupos pesquisados, todavia, em meio as mulheres fiéis foram obtidas respostas que versassem sobre a maternidade consciente e o divórcio, apresentando mudança nas percepções de mundo de pessoas que, embora se insiram no movimento evangélico, rompem os preceitos e buscam autonomia para si e para os demais. Dentre as dissidentes as conquistas são vistas em todos os âmbitos, entendendo a necessidade das pautas feministas para que estas hoje ocupem o lugar que estão.

Ponto que cabe destaque por nós, com grande incômodo, são as situações de violência, assédio e discriminação que são expressas de maneira comum em todas as entrevistas, demonstrando a vulnerabilidade a qual as mulheres estão expostas nos diversos espaços, onde pontuam, com normalidade, já terem sido vítimas ou presenciado estes episódios, situação que reflete os altos índices de violência contra mulher.

O feminismo pauta, há décadas, a busca pela igualdade de gênero e pela libertação das mulheres das estruturas opressoras existentes desde o início do patriarcado, pôde-se interpretar nesta pesquisa, situações em que embora as mulheres não se denominem feministas, utilizam de práticas que buscam a igualdade e a autonomia das mulheres. Os avanços conquistados ao longo da luta feminista foram descritos por ambos os grupos, entendendo que não há diferenciação entre a busca de mulheres que se inserem no meio evangélico e mulheres que romperam seus vínculos com estas instituições pela igualdade e pelos direitos femininos.

Para além das percepções do ser mulher entre fiéis e ex fiéis e as práticas realizadas no seio das instituições religiosas, são notáveis as semelhanças de situações as quais o grupo pesquisado, como um todo, é exposto cotidianamente, somado aos anseios

que apresentam quando se colocam na categoria a qual pertencem: mulheres.

É certo, todavia, que esta pesquisa não esgota as possibilidades da temática pesquisada, abrindo precedentes para que demais trabalhos se insiram na lacuna gênero, religião e seus reflexos sociais. É esperado que este trabalho possa colaborar com o debate da relação entre mulheres e as estruturas sociais estabelecidas pelo gênero, abarcando um debate plural e interdisciplinar, que aborde a complexidade das questões encontradas.



## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, G. F.; FAJARDO, M. P. Pentecostalismos: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero? **Estudos de Religião**, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 95-112, ago., 2016. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/6847>>. Acesso em: 15 nov. 2017. <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v30n2p95-112>
- ALGRANTI, J. M. Tres posiciones de la mujer cristiana: estudio sobre las relaciones de género en la narrativa maestra del pentecostalismo. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 9, n. 9, p. 165-193, set., 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2516/1159>>. Acesso em: 01 out. 2017. <https://doi.org/10.22456/1982-2650.2516>
- ARAGÃO FILHO, I. L. **Religião e gênero**: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Departamento de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.
- AUBRÉE, M. Brasil: as mulheres pentecostais entre 'combate' e 'libertação'. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, Recife, v. 25, n. 1, 2014.
- BANDINI, C. Corpos, símbolos e poder: marcadores de desigualdades sociais no espaço religioso. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, ano 5, n. 2, p.71-86, abr/jun., 2005. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_bandini.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bandini.pdf)>. Acesso em: 4 out. 2017.
- BANDINI, C. Gênero e poder na Igreja Universal do Reino De Deus. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p. 1410-1426, jul/set., 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n39p1410/8636>>. Acesso em: 30 out. 2017. <https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2015v13n39p1410>
- BANDINI, C. Relações de gênero na Assembleia de Deus: uma análise de trajetória feminina. **Ciências da Religião - História e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 109-133, jul/dez., 2015. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/6982/6118>>. Acesso em: 15 set. 2017.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006.
- BIRMAN, P. Mediação feminina e identidades pentecostais. **Cadernos Pagu**, Campinas, p. 221-226, 1996. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1868/1989>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, p. 68-80, 2005.

BORIS, G. D. B. Falas de homens: a construção da subjetividade masculina. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002. 421 p.

BORIS, G. D. J. B.; CESIDIO, M. H. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 451-478, set. 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200012&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 jan. 2019.

BUSIN, V. M. Religião, sexualidades e gênero. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 105-124, jun., 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/6032/4378>>. Acesso em: 29 set. 2017. <https://doi.org/10.21724/rever.v11i1.6032>

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTTELLI, F. G. K. Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p.127-143, jun., 2008. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/443/440>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, Oct. 2004. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso)>. access on 24 Dez. 2018. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>

CANDIOTTO, J.F. S. A teologia da criação na perspectiva das relações de gênero. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 24, n. 39, p. 214-234, dez., 2010. <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v24n39p214-234>. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2246>>. Acesso em: 30 out. 2017. <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v24n39p214-234>

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, Dec. 2006. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso)>. access on 24 Dez. 2018. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>

CLAVAL, P. Lê Thème de la Religion dans lês Études Géographiques. **Geographie et Cultures**. Paris, n. 2, p. 85- 111, 1992. <https://doi.org/10.4000/gc.3501>

CORDOVIL, D. Sexualidade, gênero e poder: uma análise da participação feminina em políticas públicas para afroreligiosos em Belém, Pará. **PLURA - Revista de Estudos de Religião**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 149-163, jul/dez., 2013. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/743>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

COSTA, D. A. S.; COSTA, B. P. Geografia das (micro) territorializações culturais nas praças do centro urbano de Manaus. In: COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES, 2., 2007. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.neer.com.br/anais/NEER-2/trabalhos.html>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

COSTA, P. G. A representação do feminino na mídia pentecostal: uma análise de discurso do quadro abrindo o coração. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 3, n. 1, p.55-79, set., 2014. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/37697/23084>>. Acesso em: 05 nov. 2017.  
<https://doi.org/10.5380/rt.v3i1.37697>

COSTA, R.; MADEIRA, M.; SILVEIRA, C. Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. In: Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 17., 2012, João Pessoa. **Anais eletrônicos...** João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012. p. 222-240. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>>. Acesso em: 03 Abr. 2017.

DINIZ FILHO, L. L. A geografia crítica brasileira: reflexões sobre um debate recente. **Geografia [Rio Claro]**, Rio Claro, v. 28, n.3, p. 307-322, 2003.

DUARTE, R. M. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 24, p. 213-226, 2004.  
<https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>

DUARTE, R. M. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 115, p. 139-154, mar., 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08 Abr. 2017.  
<https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>

FERNANDES, S. R. A. Novas comunidades religiosas e o feminino: mudanças em curso e retraditionalização. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 136-161, dez., 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/21747>>. Acesso em: 28 nov. 2017.  
<https://doi.org/10.21724/rever.v14i2.21747>

FERREIRA, A. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Revista Educação em Questão**, v. 48, n. 34, p. 116-140, 25 set. 2014.

FLAX, J. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 217-250.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONSECA, M. E. M. Religião, mulher, sexo e sexualidade: que discurso é esse? **Paralellus**, Recife, v. 2, n. 4, p. 213-226, jan., 2013. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/199/193>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

FRANCISCO, C. V. T. **Passagens híbridas: relações de gênero e pentecostalismo**. 2002. 249 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

FREIRE, A. E. P. Epistemologia feminista: contribuições para o estudo do fenômeno religioso. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 13, p. 377-390, fev., 2016. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/647>>. Acesso em: 20 set. 2017. <https://doi.org/10.20426/P.2178-8162.2015v6n13p377>

FREITAS, W. M. F. e et al . Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 43, n. 1, p. 85-90, Feb. 2009 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102009000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102009000100011&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 Nov. 2018. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102009000100011>

GOMIDE, D. C. O materialismo histórico-dialético como enfoque metodológico para a pesquisa sobre políticas educacionais. In: JORNADA DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS DE HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL, 11., 2013, Cascavel. **Anais eletrônicos...** Cascavel, 2013. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/2/simposio2.html](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/2/simposio2.html)>. Acesso em: 23 jun. 2017.

GONZÁLEZ GARCIA, M. M. E. Trajetórias e passagens na vida religiosa feminina. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 116-135, dez., 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/21746/16020>>. Acesso em: 20 nov. 2017. <https://doi.org/10.21724/rever.v14i2.21746>

GOUVÊA NETO, A. L. Mulheres na Assembleia de Deus: para se pensar a categoria gênero além do estruturalismo. **Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 89-106, out., 2015. Disponível em: <<https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/view/2919/2210>>. Acesso em: 29 nov. 2017. <https://doi.org/10.34019/2236-6296.2015.v18.21999>

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as regiões-rede. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 5., 1994, Curitiba. **Anais...** Curitiba: AGB, 1994. p. 206-214.

ITABORAHY, N. Z. . **A geografia, o conceito do território e os processos de territorialização das comunidades quilombolas**: primeiras aproximações. In: ENCONTRO

NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16., 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: AGB, 2010.

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento\*. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 262-275, jun. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932010000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 23 dez. 2018  
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000200004>

JESUS, F. W. A cruz e o arco-Íris: refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma Igreja Inclusiva no Brasil. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 12, n. 12, p. 131-146, out., 2010. Disponível em:  
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/12731/9921>>. Acesso em: 05 out. 2017.  
<https://doi.org/10.22456/1982-2650.12731>

JUNGBLUT, A. L. A salvação pelo Rock: sobre a "cena underground" dos jovens evangélicos no Brasil. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 144-162, Dec. 2007. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872007000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000200007&lng=en&nrm=iso)>. access on 19 Nov. 2018.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872007000200007>.  
<https://doi.org/10.1590/S0100-85872007000200007>

KOFLER, L. **História e dialética**: estudos sobre a metodologia dialética marxista. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

LAPA, T. S. Desigualdade salarial por sexo: persistências, transformações e desafios. **Revista da ABET**, v. 15, n. 1, Jan/Jun. 2016, p.127-137.

LEFEBVRE. H. **Marxismo**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

LIMA, C. R. N. A. Gênero, trabalho e cidadania: função igual, tratamento salarial desigual. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e47164, 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2018000300210&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000300210&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 jan. 2019. Epub 11-Out-2018.  
<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n347164>

LIMA, M. L. C.; MÉLLO, R. P. As vicissitudes da noção de gênero: por uma concepção estética e antiessencialista. **Gênero na Amazônia**, Belém, n. 1, p. 181-206, jan./jun., 2012.  
LIMA, R. L. Diversidade, identidade de gênero e religião: algumas reflexões. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 165-182, dez. 2011.

LOPES, M. Gênero e discurso religioso. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 60-70, dez., 2013. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/35569>>. Acesso em: 28 nov. 2017.  
<https://doi.org/10.5380/rt.v2i2.35569>

LÓPEZ, M. M. Teología, espiritualidad y reivindicaciones de género: hacia la recuperación de la dimensión antropológica de la espiritualidad. **Estudios de Religião**, São Paulo, v. 27, n. 1,

p. 68-86, 30 jun., 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/3966>>. Acesso em: 01 out. 2017.  
<https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v27n1p68-86>

LÖWY, M. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. São Paulo: Busca Vida, 1987.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MACHADO, M. D. C. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387-396 ago. 2005.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000200012>

MACHADO, M. D. C. SOS mulher: a identidade feminina na mídia pentecostal. **Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 167-188, 1999. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2157/846>>. Acesso em: 02 nov. 2016.  
<https://doi.org/10.22456/1982-2650.2157>

MACHADO, M. D. C; FIGUEIREDO, F. M. Gênero, religião e política: as evangélicas nas disputas eleitorais da cidade do Rio de Janeiro. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 4, n. 4, p. 125-148, out. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/view/2249/954>>. Acesso em: 26 nov. 2017.  
<https://doi.org/10.22456/1982-2650.2249>

MADUREIRA, V. S. F. - (2004) Gênero e poder In: \_\_\_\_\_. **Revista Grifos**, Dossiê Gênero e Cidadania, nº 16 Chapecó SC, Ed. Argos p. 13-25

MAFRA, C. O percurso de vida que faz o gênero: reflexões antropológicas a partir de etnografias desenvolvidas com pentecostais no Brasil e em Moçambique. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p.124-148, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v32n2/07.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2017.  
<https://doi.org/10.1590/S0100-85872012000200007>

MARCOS, S. Religión y Genero: contribuciones a su estudio en América Latina introducción al volumen religión y género. **Estudios de Religião**, [S.l.], v. 21, n. 32, p. 34-59, jun. 2007. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/204/214>>. Acesso em: 01 nov. 2017.  
<https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v21n32p34-59>

MARIANO, R. **Neopentecostais, sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.



MEDEIROS, T. K. F.; CHAVES, M. C. REPRESENTATIVIDADE FEMININA NA POLÍTICA BRASILEIRA: A EVOLUÇÃO DOS DIREITOS FEMININOS. **Ciências Humanas e Sociais**, Recife, v. 3, n. 2, p.99-120, nov. 2017.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis: v. 16, n. 3, 2008. Disponível em: Acesso em: 19 out. 2018.

<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300005>

MENDONÇA, A. G. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo: UESP, 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes 2002.

MORAES, M. L. Q. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. **Crítica Marxista**, São Paulo: Boitempo, v. 1, n. 11, p. 89-98, 2000. Disponível em:

<[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/sumario.php?id\\_revista=11&numero\\_revista=1](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/sumario.php?id_revista=11&numero_revista=1)>. Acesso em: 30 out. 2017.

MUSSKOPF, A. S. Haverá gênero e religião? ou Enquanto houver burguesia não vai haver poesia. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 2, n. 2, p.10-25, 19 dez., 2013. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/35566>>. Acesso em: 25 out. 2017.

<https://doi.org/10.5380/rt.v2i2.35566>

NATIVIDADE, M. T. Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 15-33, jan., 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872017000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872017000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

<https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n1cap01>

PIERUCCI, A. F. Religião como solvente: uma aula. **Novos estudos – CEBRAP**, São Paulo, n.75, p. 111-127, jul. 2006. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002006000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200008)>. Acesso em: 25 set. 2017.

<https://doi.org/10.1590/S0101-33002006000200008>

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, J. R. **A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política**. São Paulo: Hucitec, 1996.

POSSAS, L. M. V. Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Escrita de si e escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 257-277.

PRANDI, R. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social: Rev. de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 155-172 nov. 2008.

<https://doi.org/10.1590/S0103-20702008000200008>

QUEIROZ, F. M. **Não se rima amor e dor: cenas cotidianas de violência contra a mulher**. Mossoró, RN: UERN, 2008.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, F. A geografia do homem (antropogeografia). In: MORAES, A. C. R. (Org.). **Ratzel**. Tradução Fátima Murad. São Paulo: Ática, 1990. p. 32-107.

REIMER, I. R.; SOUZA, C. B. As mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**, Recife, v. 2, n. 1, p. 207-2016, dez., 2012. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/theo/article/view/175/172>>. Acesso em: 30 set. 2017.

RIBEIRO JUNIOR, J. **O que é positivismo**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

RIBEIRO, L. Nos meandros da caminhada: a questão de gênero nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 5, n. 5, p. 225-242, out. 2003. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaiseReligiao/article/view/2261/966>>.

Acesso em: 20 nov. 2017

<https://doi.org/10.22456/1982-2650.2261>

ROESE, A. Religião e feminismo descolonial: os protagonismos e os novos agenciamentos religiosos das mulheres no século XXI. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, p.1534-1558, jul/set., 2015. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n39p1534/9950>>. Acesso em: 23 nov. 2017.

<https://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2015v13n39p1534>

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

RUBIN, G. The Traffic in Women: Notes on the political economy of sex. In: REITER, R. (Ed.). **Toward an Anthropology of Women**, New York: Monthly Review Press, 1975, p.157-210. Traduzido para o português e publicado por SOS Corpo e Cidadania

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANCHIS, P. Desencanto y formas contemporaneas de lo religioso. **Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 27-43, out. 2001.

<https://doi.org/10.22456/1982-2650.216>

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Recife, v. 20 n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 30 set. 2017.

SEGALLA, J. I. S. F. . Discriminação Estética da Mulher. In: ANAIS do XVII Encontro para o Congresso Nacional do CONPEDI, 2008, Salvador. ANAIS do XVII Encontro para o Congresso Nacional do CONPEDI ? Salvador. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2008. v. 1. p. 1052-1571.



SILVA, AD. **Ser homem, ser mulher**: as reflexões acerca do entendimento de gênero. In: Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 51-100. ISBN 978-85-7983-703-6.

SILVA, C. H. Território: uma combinação de enfoques: material, simbólico e espaço de uma ação social. In: **Revista Geografar**. Curitiba, v. 4, n. 1, p. 98-115, jan./jun. 2009.  
<https://doi.org/10.5380/geografar.v4i1.14430>

SIQUEIRA, M. J. T. Sobre o trabalho das mulheres: contribuições segundo uma analítica de gênero. **Rev. Psicol., Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 11-30, jun. 2002. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-66572002000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572002000100002&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 jan. 2019.

SOUSA, L. P. DE; GUEDES, D. R. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estud. av.**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, Aug. 2016. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso)>. access on 04 Dec. 2018.  
<https://doi.org/10.1590/S0103-40142016.30870008>

SOUZA, C. B. Mulheres, religião e mudança social: uma aproximação ao tema no ambiente da ditadura militar no Brasil. **PLURA - Revista de Estudos de Religião**, [S.l.], p. 22-40, jan/jun., 2015. Disponível em:  
<[http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1035/pdf\\_124](http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1035/pdf_124)>. Acesso em: 30 set. 2017.  
<https://doi.org/10.18328/2179-0019/plura.v6n1p22-40>

SOUZA, J. M. - Feminina e não feminista: a construção mediática do backlash, do consumo e dos pós-feminismos. **Media & Jornalismo: uma revista do Centro de Investigação Media e Jornalismo**. Vol. 17, Nº 30 (2017).  
[https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_30\\_5](https://doi.org/10.14195/2183-5462_30_5)

SOUZA, S. D. (Org.) **Gênero e religião no Brasil**: ensaios feministas. São Bernardo do Campo: Ed. da Umesp, 2007.

SOUZA, S. D. Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p. 122-130, dez. 2004.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300014>

SOUZA, S. D. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 21-29, dez., 2006. Disponível em:  
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/476/494>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

SOUZA, S. R. M. Experiências de mulher: técnicas de si no Pentecostalismo. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 12, p. 159-174, ago., 2015. Disponível em:  
<<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/570>>. Acesso em: 5 nov. 2017.  
SOUZA, Sandra Duarte de. (2006), "Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade". *Horizonte*, nº 9: 21-29.

<https://doi.org/10.20426/P.2178-8162.2015v6n12p159>

TEIXEIRA, J. M. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: o desafio Godlywood. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 232-256, dez., 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v34n2/0100-8587-rs-34-02-0232.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

<https://doi.org/10.1590/S1984-04382014000200012>

TEIXEIRA, M. O. Desigualdades salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas. **Gênero**. Niterói, v. 9, n. 1, 2008. p. 34.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

VELOZO, M. F. S. A mulher fazendo teologia. **Paralellus**, Recife, v. 1, n. 1, p.115-132, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/123/91>>. Acesso em: 15 out. 2017.

VILLAS-BOAS, S.; OLIVEIRA, C. S.; HERAS, S. L. Tarefas domésticas e gênero: representações de estudantes do ensino superior. **Ex aequo**, Lisboa, n. 30, p. 113-129, dez. 2014. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-55602014000200009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602014000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 23 dez. 2018.

<https://doi.org/10.22355/exaequo.2014.30.08>

VINUTO, J. A AMOSTRAGEM EM BOLA DE NEVE NA PESQUISA QUALITATIVA: UM DEBATE EM ABERTO. **Temáticas**, Campinas, v. 44, n. 22, p.203-220, ago. 2014.

WACQUANT, L. (2006). Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia e Política**, 26, 13-29.

<https://doi.org/10.1590/S0104-44782006000100003>

WEBER, M. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: WEBER, M. **Max Weber**: textos selecionados. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 155-190.

ZILES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 216-221, dez., 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 jul. 2017.

# APÊNDICES

- A) Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido, que foi aplicado antes da execução das entrevistas;
- B) Roteiro de entrevista semi-estruturada: fiéis;
- C) Roteiro de entrevista semi-estruturada: ex fiéis;

## A) TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada como "**Gênero e religião: Um olhar para o espaço sagrado**", sob a responsabilidade dos pesquisadores Alesca Prado de Oliveira – FACIP/UFU e Alessandro Gomes Enoque – FACIP/UFU.

Nesta pesquisa, estamos buscando compreender as dinâmicas do espaço sagrado em interseção às questões de gênero, entendendo a construção e as mudanças nas práticas sociais que causam mudanças também nestes espaços.

O termo de consentimento Livre e Esclarecido será obtido pela pesquisadora **Alesca Prado de Oliveira**, que realizará a coleta do termo em dia, hora e local pré-estabelecido pela participante da pesquisa, em momento anterior à coleta dos dados. A participante da pesquisa terá o tempo que julgar necessário para decidir se quer participar da pesquisa, conforme item IV da Resol. CNS 466/12 ou Cap. III da Resol. 510/2016.

Na sua participação, você será submetida a uma entrevista semi-estruturada que perguntará a você questões relacionadas a sua vivência religiosa e questões de gênero. O áudio das entrevistas será gravado e, após as entrevistas transcritas, apagado. Em nenhum momento você será identificada. Os resultados da pesquisa serão publicados e, ainda assim, a sua identidade será preservada. Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Os riscos consistem em identificação do participante na pesquisa, portanto, a equipe pesquisadora tomará o cuidado para tal risco não ocorra visto que o objetivo é captar informações sobre as dinâmicas e as práticas religiosas inter-relacionadas com questões de gênero a partir do roteiro pré-estruturado e para isso não é necessária a identificação dos sujeitos pesquisados. Entretanto, se tal incidente ocorrer os pesquisadores se retratarão perante o participante, como uma forma de minimizar todo constrangimento acarretado ao participante. Submetendo-se à entrevista, você estará colaborando para uma melhor compreensão das dinâmicas que constroem a religião no cenário atual.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. Até o momento da divulgação dos resultados, você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa.

Uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com **Alessandro Gomes Enoque** (pesquisador orientador da pesquisa) - **34 3271.5305 alessandroenoque@ufu.br**. Somos vinculados ao **Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU/campus Pontal) R. Vinte, nº 1600 - Tupã, Ituiutaba - MG**. Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos - Universidade Federal de Uberlândia: Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, Campus Santa Mônica - Uberlândia - MG, CEP: 38408-100, fone: 34-32394131. O CEP é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(s) pesquisador(es)

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecida.

\_\_\_\_\_

## **B) ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: FIÉIS**

### **BLOCO 1 - DADOS PESSOAIS**

Idade. Estado Civil. Orientação Sexual. Escolaridade. Profissão. Filhos.

### **BLOCO 2 - TRAJETÓRIA RELIGIOSA**

Trajetória religiosa desde a infância. Processo para se tornar fiel. Orientação religiosa da família. Influência da família nas escolhas religiosas. Valores pregados em igrejas que já frequentou. Aceitação de lideranças mulheres nas instituições que já frequentou. Atividades que já desempenhou em igrejas que participou. Formação tradicional esperada para a família nas outras organizações. Tempo de permanência em religiões. Motivo para dissidência. Situação religiosa atual. Diferenciação da atual instituição e das pregressas. Mudanças trazidas com a inserção instituição. Processo de entrada na instituição atual. Tempo em que é fiel. Atividades pelas quais é responsável na igreja. Processo para se tornar liderança.

#### **2.1 CARACTERIZAÇÃO DA IGREJA**

Fundação. História. Principais figuras da história da igreja. O nome. O público da igreja. Ações desempenhadas pela igreja. Formação para lideranças. Hierarquia nas atividades. Autoridade do líder religioso. Papel da liderança religiosa. Poder de decisão do líder religioso. Aspectos doutrinários estabelecidos pela instituição. Como toma conhecimento destes. Frequência dos cultos. Temática dos cultos. Formas de reunião.

### **BLOCO 3 - REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO**

#### **3.1 REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA FAMÍLIA**

Como se dividem as tarefas. O que é ser mulher no âmbito familiar. Restrições para mulheres. Atividades preestabelecidas por gênero. Situações de violência/assédio/discriminação contra mulher na família.

### **3.2 REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO TRABALHO**

O que é ser mulher no trabalho que exerce. Diferenciação nos salários. Hierarquia. Normas para mulheres. Situações de violência/assédio/discriminação contra mulher no trabalho.

### **3.3 REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE**

Conquistas femininas. Inserção feminina nos espaços públicos e privados. Representatividade feminina. Situações de violência/assédio/discriminação contra mulher no âmbito da sociedade em geral.

### **3.4 REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA IGREJA**

Visão da igreja sobre a mulher. Texto bíblico e o ser mulher nos diferentes âmbitos (igreja/família/trabalho/sociedade). A representação da mulher nos meios de comunicação da instituição. Moldes propostos pela instituição para o papel feminino dentro e fora da organização. Representatividade institucional. Atividades de liderança. Restrições por ser mulher. Violência e assédio.

## **BLOCO 4 - FEMINISMO**

Ser mulher. Feminismo. Movimentos de mulheres. Percepções e conflitos sobre religião e ser mulher. Mudanças causadas pelo feminismo.

## **C) ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA: EX FIÉIS**

### **BLOCO 1 - DADOS PESSOAIS**

Idade. Estado Civil. Orientação Sexual. Escolaridade. Profissão. Filhos.

### **BLOCO 2 - TRAJETÓRIA RELIGIOSA**

Trajetória religiosa desde a infância. Orientação religiosa da família. Influência da família nas escolhas religiosas. Processo para se tornar fiel. Valores pregados em igrejas que já frequentou. Aceitação de lideranças mulheres nas instituições que já frequentou. Atividades que já desempenhou em igrejas que participou. Formação tradicional esperada para a família nas outras organizações. Tempo de permanência em religiões. Motivo para dissidência. Situação religiosa atual.

### **BLOCO 3 - REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO**

#### **3.1 REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA FAMÍLIA**

Como se dividem as tarefas. O que é ser mulher no âmbito familiar. Restrições para mulheres. Situações de violência/assédio/discriminação contra mulher na família.

#### **3.2 REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO TRABALHO**

O que é ser mulher no trabalho que exerce. Diferenciação nos salários. Hierarquia. Normas para mulheres. Situações de violência/assédio/discriminação contra mulher no trabalho.

#### **3.3 REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE**

Conquistas femininas. Inserção feminina nos espaços públicos e privados. Representatividade feminina. Situações de violência/assédio/discriminação contra mulher.

**BLOCO 4 - FEMINISMO**

Feminismo. Movimentos de mulheres. Percepções e conflitos sobre religião e ser mulher.  
Mudanças causadas pelo feminismo.